



Jeanne ia dizendo que sua ambição não chegava a esse ponto mas não conseguiu. Com um ruído surdo e exalando um horrível cheiro ácido que ela não conseguiu definir o que poderia ser, Satã desapareceu.

Jeanne se viu outra vez sozinha, olhando pela janela, vendo o dia que começava a clarear.

Ouviu um ruído atrás de si e, voltando-se, encontrou Tomás que a olhava com um sorriso.

— Acho que foi definitivo — murmurou ele — Você é a mulher perfeita para mim...

Jeanne caminhou até onde o homem estava e, enlaçando-o com seus braços, falou:

— Você foi maravilhoso, querido...

Fitando-o nos olhos, acrescentou:

— E não estou dizendo isso apenas para agradá-lo, como talvez fizesse em outra ocasião. Você realmente me fez sentir coisas que eu jamais havia sentido antes!

Tomás Camargo balançou a cabeça em sinal de dúvida e, depois de alguns instantes, falou:

— Não quero saber se você está sendo sincera ou não, Jeanne. Sei que eu jamais fui tão feliz quanto esta noite. E acho que não serei mais capaz de me deitar com outra mulher sem me lembrar de você, sem lamentar o fato de não ser você a estar comigo...

Jeanne lembrou das palavras de Satã e sorriu consigo mesma enquanto dizia:

— Há uma maneira muito simples para que isso não aconteça, Tomás... Basta que fique comigo...

Tomás não respondeu.

Olhando o relógio, falou:

— Nem vou voltar para casa, hoje... Não teria o que dizer para explicar minha ausência durante toda a noite... Será melhor dizer que tive de viajar.

Ergueu os ombros e acrescentou:

— De qualquer maneira, será uma desculpa meramente formal. Há muito que eu e Beatriz não temos mais nada em comum. Principalmente a cama!



Era pouco mais de nove horas da manhã quando o telefone de Jeanne tocou.

— Jeanne... Você sabe me dizer o que aconteceu? — perguntou a voz de Hilda, uma senhora da alta sociedade e que já deixara muitas vezes bem claro que não conseguia suportar a presença de Jeanne — Será que tem mais detalhes?

A francesa não respondeu de imediato, tão surpresa estava por receber aquele telefonema. Afinal, quando as duas se encontraram cerca de duas semanas atrás, Hilda fora até mesmo grosseira, dando as costas para a francesa várias vezes durante uma reunião na mansão dos Almeida Prado...

— Não, Hilda — disse Jeanne, em tom frio e seco — Não sei o que aconteceu e nem sequer desconfio do que você está falando.

— Ora! — exclamou Hilda — Estou falando de Regina! E estou ligando para você por que, como de nós era a que estava mais perto dela, a que estava encontrando com ela e com Roberto com mais frequência, talvez soubesse de mais detalhes a respeito dessa tragédia...

Imediatamente, Jeanne lembrou do que lhe dissera Satã e do que fizera com o boneco de papel.

— Mas eu não estou sabendo de nada! — protestou — Ninguém me disse coisa nenhuma!

Fazendo voz ansiosa, tentando mostrar que se preocupava, que estava angustiada, indagou:

— O que aconteceu com Regina? Diga-me, por favor!

Houve uma pequena pausa do outro lado da linha e, então, Hilda respondeu:

— O casal morreu... Regina e Roberto estão mortos!

— Mortos?! — fez Jeanne, sentindo um arrepio e com sincera surpresa pois não imaginava que o castigo imposto por Satã pudesse ser tão violento — Mas como foi isso?!

— Foram atropelados esta manhã — explicou Hilda — Eles saíram de casa bem cedo, foram juntos à farmácia pois Roberto estava, desde ontem à noite, um pouco doente. Não viram o caminhão de entregas... Foram alcançados já quando estavam a menos de dois metros da calçada. Morreram na hora. Esmagamento de crânio, falou o médico...

Hilda ainda disse mais algumas coisas, mais algumas das banalidades que costumam conversar as cocotas da sociedade. Banalidades que não têm hora e nem lugar para serem discutidas e que surgem na conversa mesmo depois de uma notícia como aquela. Jeanne nem mesmo prestou atenção às palavras da amiga. Estava impressionada



com o que acabara de acontecer e começava sinceramente a ter medo do que poderia fazer com a ajuda de Satã. Porém, sua mente ambiciosa e objetivam, enquanto Hilda matraqueava do outro lado a respeito de um novo cabeleireiro que tinha surgido na cidade e a respeito de um escândalo qualquer que movimentava os altos círculos, já estava pensando na melhor maneira de tirar proveito de tudo aquilo.

E, quando finalmente Hilda desligou o aparelho, ela já tinha uma boa idéia do que fazer para se afirmar na sociedade, e não apenas como uma mulher bonita, casada ou amasiada com um homem rico...

Não...

Ela seria famosa...

Seria respeitada também por ela mesma, seria procurada por muitos e, evidentemente, receberia muito dinheiro... Faria uma fortuna respeitável e sólida!

Mal se afastara do telefone, este tocou novamente.

Era Tomás que ligava do Banco, dizendo que ainda não se convencera de que a noite tinha sido real, de que não tinha sido apenas um sonho.

— Vou precisar ter certeza — disse ele — Vou querer tudo outra vez...

— Sua mulher vai desconfiar... — replicou Jeanne com um tom de malícia na voz.

— Não estou me incomodando mais, querida — falou Tomás — Inclusive, já falei com um amigo advogado. Ele vai começar a tomar as providências necessárias para a minha separação. Nem vou voltar para casa, hoje...

Jeanne não teve o que dizer e Tomás, com uma risada, arrematou:

— Por isso, hoje estarei sem teto para me abrigar. Creio que é no mínimo uma obrigação de amiga você me dar pousada em sua casa...

Jeanne riu, disse-lhe que estaria esperando por ele com ansiedade e, desligando o telefone, lembrou-se que, à meia-noite, teria que ir a algum lugar...

— Mas onde? — perguntou-se — O Príncipe das Trevas não me disse onde deveria ir...

Afastou-se em direção à cozinha e, ao passar pela mesa da sala de jantar, viu sobre ela, um pedaço de papel.

Era um papel estranho, amarelado, grosso, parecendo um pedaço de uma página de livro velho.



Apanhou-o e sentiu que ele estava quente, como se saído do forno naquele instante.

Não era preciso mais do que isso para que Jeanne adivinhasse que era o endereço que Satã mencionara.

As palavras estavam escritas com uma caligrafia rebuscada, com uma tinta acastanhada que Jeanne, imediatamente, percebeu tratar-se de sangue.

Com horror, ela segurou o pedaço de papel pelas beiradas de maneira a não tocar nas letras que ali havia, e leu:

— Avenida Angélica, 1876...

Balançando afirmativamente a cabeça, murmurou:

— Então é esse o lugar... Não é muito longe daqui. O único problema é que Tomás estará em casa e, com certeza, não vai achar graça nenhuma em me ver sair a essa hora...

Dando de ombros, finalizou:

— Ora... Não tem importância nenhuma. Afinal, é ele que está querendo... E Satã disse que eu ficaria com Tomás. Não é necessário, então, que eu me preocupe!

Tomás chegou muito mais cedo do que Jeanne poderia imaginar.

Ainda não soara as seis horas da tarde e ele já estava à porta do apartamento, com um ramallete de flores e uma caixa de bombons, sorrindo para a mulher e dizendo:

— Nós vamos jantar fora, querida. Iremos a um restaurante bem bonito, comeremos alguma coisa bem gostosa e, depois...

Riu, beijou os lábios de Jeanne e completou:

— Depois, a sobremesa, eu terei aqui em casa.

Jeanne sorriu, recebeu as flores e os bombons, retribuiu com um beijo sobre os lábios de Tomás e falou:

— Você está me acostumando mal... E além disso, essa história de vir aqui duas noites seguidas... Eu posso não deixá-lo ir embora, sabia?

— Pois é isso mesmo que eu estou querendo, Jeanne — retrucou Tomás, muito sério — E preciso saber se você me aceita... Como seu companheiro de vida!



Jeanne nem podia acreditar que fosse verdade.

Era certo que ela tinha sido avisada e estava sabendo que isso fatalmente aconteceria uma vez que Satã assim o dissera. Mas, a rapidez com que os fatos estavam se desenrolando, estava deixando a mulher até mesmo temerosa.

Como, ainda recolhida aos seus pensamentos e muda pelo espanto, Jeanne não dissesse nada, Tomás insistiu:

— Por favor, Jeanne... Diga que me aceita! Não me rejeite!

E, segurando as mãos da francesa, acrescentou:

— Sei que você não me ama... Isso é mais do que natural, afinal de contas nós nos conhecemos numa situação até um certo ponto constrangedora. Admito que lhe seja difícil dizer que me ama e acho mesmo que você tem todo o direito de imaginar que eu esteja mentindo...

Abraçou-a, respirou aliviado ao sentir que ela retribuía o carinho e continuou:

— Mas eu a amo, Jeanne! Tenho certeza de que a amo e sei que faria qualquer coisa por você! Deixe-me tentar! Serei capaz de fazê-la feliz e acredito sinceramente que você vai, com o tempo, aprender a me amar e não vai se arrepender por me dar esta chance!

Para Jeanne, o que Tomás Camargo estava dizendo era a confirmação dos poderes de Satã e o degrau que lhe faltava galgar para que fosse finalmente aceita no seio da sociedade de São

Paulo. O casamento, mesmo que apenas de fato e não de direito, com um homem da posição de Tomás, seria a consagração e era mais do que evidente que ela não perderia essa oportunidade. Ainda mais que seu Mestre dissera que assim seria! Porém, por experiência, Jeanne sabia que é sempre conveniente se fazer de difícil e, afastando-se de Tomás, murmurou:

— Não sei, querido... Sinceramente... Não sei!

Tomás fez uma expressão de desespero e, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Jeanne continuou:

— Uma vida a dois é um pouco diferente de encontros fortuitos, não concorda? Nós teremos de partilhar tudo, cada momento de nossa existência e isso não poderá ser apenas por algum tempo. Não quero me prender a um homem que, dentro de alguns meses ou talvez mesmo dentro de um ou dois anos, resolva ir embora com outra, deixando-me a ver navios.

Com um sorriso frio, ela acrescentou:

— Você sabe muito bem como eu sou, o que espero da vida e de que maneira sou capaz de lutar para atingir meus objetivos...Sabe



também que eu tenho que aproveitar agora, enquanto sou moça e bonita. Daqui a dez anos, muito provavelmente já não mais

despertarei nos homens os mesmos arroubos de desejo e, então, terei de estar estabilizada economicamente para não ter de depender da caridade de ninguém.

— Mas o que você está dizendo é um absurdo! — protestou Tomás — Da maneira como fala, até parece que eu vou abandoná-la dentro de uma semana, o que não é absolutamente verdade!

— Não digo dentro de uma semana, Tomás — replicou Jeanne com firmeza — Mas não há nada que me garanta que você não me vai dar um pontapé quando eu estiver mais velha e quando o seu interesse por mim tiver diminuído.

Tomás refletiu. Começava a compreender o que ela estava querendo dizer e isso até poderia ser considerado como natural. As mulheres são, por excelência, inseguras e, quando o relacionamento com um homem é um tanto quanto instável ou mesmo friável, como no caso de um simples amasiamento, elas se tornam ainda mais receosas e desconfiadas.

Confirmando as suposições de Tomás, Jeanne disse:

— Você é um homem casado. A lei brasileira não admite que você se case novamente a menos que sua esposa venha a falecer. E eu não estou querendo me unir a ninguém nessas condições.

— Podemos nos casar, Jeanne — tornou Tomás, angustiado — Não é obrigatório que casemos no Brasil! Poderemos nos casar em qualquer outro país do mundo onde o desquite brasileiro seja reconhecido!

Impaciente, ele acrescentou:

— E não sei que segurança esse casamento possa lhe trazer, Jeanne... Sou casado com a Beatriz no civil e no religioso e nem por isso, vou continuar com ela!

Pelo tom de voz de Tomás, Jeanne percebeu que era chegada a hora de mostrar que cedia um pouco e que estava disposta a lhe dar alguma esperança. Assim, abrindo um sorriso e beijando-o, ela sussurrou:

— Já sofri tanto, querido... Tenho medo de sofrer outra vez! Por isso estou tão desconfiada...

Era o que Tomás estava querendo ouvir.

Apertando-a contra si, ele disse:

— Juro que você não vai se arrepender, Jeanne... Muito pelo contrário, vai ganhar muito me aceitando!

Obrigou-a a sentar ao seu lado no sofá e prosseguiu:



— Para começar, você será só minha... E eu farei de tudo para tornar a sua vida um verdadeiro mar de rosas!

— Sem espinhos? — perguntou Jeanne, beijando-o.

— Sem espinhos! — exclamou Tomás — Juro que não haverá um só espinho!

— Nesse caso — falou Jeanne, muito séria — Você vai ter de começar assumindo a sua nova situação. Vai sair de sua casa em definitivo, agora mesmo!

Tomás olhou para ela espantado e Jeanne arrematou:

— Você irá buscar suas coisas e virá para cá de maneira definitiva, está bem? Se está dizendo que não medirá esforços e nem sacrifício s para me contentar e para poder me ter, comece por aí... Quero as coisas bem feitas desde o início. Não quero que você passe uma noite aqui comigo e depois volte para sua casa ficar alguns dias até que a situação com Beatriz se resolva! Se decidiu que vai abandoná-la, então, abandone-a de uma vez!

Tomás suspirou.

— Pensei que fosse pedir alguma coisa mais difícil... Mas, se é só isso... E se você não se incomoda de esperar até perto de uma e meia ou duas horas da manhã...

Era o que Jeanne precisava. Se Tomás levasse tanto tempo assim para ir até sua casa e voltar, ela teria mais do que tempo para ir ao endereço que o Príncipe das Trevas lhe dera...

— Não se preocupe comigo, querido... Eu estarei esperando por você e aproveitarei para fazer uma visita. Faço questão de dizer para essa amiga que finalmente encontrei a minha segunda metade...

Tomás seguiu para sua casa depois de deixar Jeanne na Avenida Angélica, um pouco antes do número 1876 onde ela teria de ir.

O endereço que lhe fora deixado por Satã, era um casarão meio abandonado de cerca de vinte anos atrás e que, pelo mau uso e pela falta de conservação, estava em petição de miséria, com um assustador aspecto de mal-assombrado.

Por sorte, havia um poste de iluminação bem em frente à casa mas, mesmo assim, Jeanne não conseguiu evitar um calafrio ao passar o portão enferrujado e, enquanto caminhava por uma pequena alameda de azaléas que se misturavam com o mato do jardim, ela pensou:



— Eu nunca entraria num lugar assim por minha própria vontade... Ainda mais à meia-noite!

Caminhou cerca de vinte passos e estacou diante de uma grande porta envidraçada.

Jeanne pode ver que havia luz no interior do casarão, uma luz muito avermelhada para ser proveniente de uma lâmpada elétrica mas, ao mesmo tempo, fixa e brilhante demais para ser de uma vela ou lamparina.

Levou a mão à maçaneta, uma maçaneta de metal amarelo que combinava bem com os desenhos das ferragens da porta e com os do vidro martelado, espesso e bisoté, com que ela era guarnecida.

Ela podia ver que aquela casa tinha sido muito bem construída, o capricho do primeiro proprietário estava presente nos menores detalhes como por exemplo, nos entalhes feitos nas duas colunatas em estilo gótico que ornamentavam os lados do portal.

Jeanne já ia abrindo a porta quando esta, sem que ninguém a tocasse, escancarou-se.

A francesa deu um passo para trás, cheia de medo. Controlando-se, a mulher avançou, passou pela porta e se viu no interior de uma sala ampla, sem nenhum móvel, sem nenhuma lâmpada acesa — Jeanne podia ver os bocais vazios — e que, no entanto, estava clara, perfeitamente iluminada por uma luz avermelhada que parecia pairar no ambiente sem ter uma fonte determinada.

Andou mais um pouco, atravessou outra porta, esta de madeira entalhada e surpreendeu-se ao ver que os entalhes formavam uma cena de feitiçaria de alguma tribo indígena ou africana. Havia um grande caldeirão e homens vestidos com tangas e usando máscaras, dançavam ao redor de uma fogueira gigantesca. Do outro lado dessa porta entalhada, havia uma outra sala, um pouco menor do que a primeira e em cujo centro Jeanne viu uma mesa redonda coberta com uma toalha de duas cores: o centro em negro e as beiradas em vermelho vivo. Sobre a mesa, um gato absolutamente preto movimentava o rabo incessantemente enquanto olhava para Jeanne com olhos que não escondiam a maldade e a desconfiança.

Jeanne, mais uma vez, sentiu um calafrio e teve vontade de dar as costas ao gato e sair correndo daquele lugar tétrico.

Mas...

Ela sabia que precisava resistir.

Satã avisara-a de que não seria fácil e, talvez, exatamente aquele tipo de cenário fosse o teste que teria de vencer.

O gato se espreguiçou, abriu a boca num bocejo indolente e, de um salto, foi para o chão, desaparecendo sem que Jeanne escutasse o menor som.

Ela ficou ali, imóvel feito uma estátua, sozinha, esperando que o Mestre lhe desse um sinal qualquer, uma vez que ele dissera que ela saberia o que fazer.

Notou que, aos poucos, a luminosidade avermelhada que reinava em toda a sala, ia ficando mais fraca e, ao mesmo tempo, ia se concentrando no lugar onde estava a mesa.

No momento em que todo o ambiente ficou às escuras com exceção da mesa, Jeanne escutou um barulho que parecia o arrastar de correntes.

O som se repetiu, incessantemente, por quase cinco minutos e, então, transformou-se no ruflar de tambores e no ruído cadenciado da marcha de soldados.

Sim...

Era uma marcha de soldados... Durante a guerra, já que Jeanne podia distinguir claramente o ribombar dos canhões à distância.

Franziu as sobrancelhas, sem entender. O que Satã estava querendo dizer com aquela demonstração?

Ainda muito assustada, ela disse, em voz alta:

— Príncipe das Trevas! O que quer de mim? Falou-me para vir aqui prestar-lhe uma homenagem e aqui estou! O que significam esses sons? A guerra está muito longe daqui!

Nesse momento, o som da marcha militar cessou e a voz de Satã se fez ouvir:

— A homenagem você já prestou vindo até aqui, Jeanne... Era importante que aparecesse pois eu precisava de você como modelo... Para que nosso pacto ficasse gravado em definitivo e num lugar onde jamais você pudesse esquecê-lo!

Jeanne não entendeu o que as palavras de Satã estavam querendo dizer e ia abrindo a boca para perguntar-lhe alguma coisa sobre isso, quando o Demônio a interrompeu para falar:

— Você ouviu a marcha dos soldados. Esta é a primeira grande oportunidade que eu lhe dou. Você vai poder falar ao seu companheiro que o Brasil entrará na guerra. Vai enviar tropas para lá e, no navio americano General Mann, que deverá deixar o Rio de Janeiro no dia 22 de setembro de 1944, viajará o soldado Augusto Santos, filho de Heitor Santos, sócio de Tomás. Esse rapaz vai morrer no navio, antes de chegar à Itália e Heitor receberá a notícia um mês depois. Ele ficará desesperado e terá um ataque cardíaco.



Jeanne balançou a cabeça afirmativamente e disse:

— Devemos fazer alguma coisa para evitar que Augusto embarque, nesse caso...

A voz de Satã soou irritada:

— Não! Muito pelo contrário! Você não deve comentar isso com ninguém! Deve, isso sim, falar com Tomás e induzi-lo a fazer um negócio com Heitor de maneira a poder ficar sozinho com a empresa. E este negócio aparecerá nas mãos de Tomás por estes dias. Ele vacilará, dirá que não deve fazê-lo por uma questão de amizade mas, será justamente aí que você deverá interferir. Deverá obrigá-lo a realizar a transação e, depois, quando tudo der certo, verá que Tomás vai se mostrar muito grato...

Jeanne balbuciou algumas palavras concordando e, com voz trêmula, indagou:

— E o que vai querer em troca dessa oportunidade?

Satã riu.

— Você saberá mais tarde, Jeanne. Por enquanto, não se preocupe com isso. Quero, apenas que diga para Tomás o que eu falei e quero que o mande instalar a porta de madeira desta casa em algum lugar de seu apartamento.

No instante seguinte, Jeanne estava outra vez sozinha, só que na outra sala, olhando para a grande porta de madeira em que havia o entalhe da cena de feitiçaria.

Alguma coisa chamou sua atenção e ela observou com mais cuidado o desenho. Não notara antes mas, no fundo do quadro entalhado na madeira, havia uma figura de mulher. Era uma figura lindíssima e o seu rosto aparecia muito nitidamente.

E era exatamente isso.

Era o seu rosto! O rosto de Jeanne, maravilhosamente bem entalhado!

Saindo para a rua, já entrando no automóvel de Tomás que, solícito, segurava a porta para que ela entrasse, ela precisou fechar os olhos por alguns instantes, procurando se acalmar.

Tudo aquilo era tão fantástico que Jeanne ainda não conseguira se acostumar direito. Para ela, às vezes, tudo parecia um sonho e tinha a impressão de que acordaria de um instante para o outro, ainda no bangalô de Gabrielle em Auvergne ou, o que seria ainda pior, no quarto sórdido que ocupara na casa de seus pais, na Rue de la Huchette...

— E então? — perguntou Tomás — Como foi a visita?

Jeanne respirou fundo antes de responder:



— Muito bem... Matilde ficou felicíssima com a notícia de que nós dois vamos nos casar...

Tomás segurou a mão da mulher e, puxando-a mais para perto de si, falou:

— Sim, querida... Nós vamos nos casar muito antes do que está imaginando. Mesmo porque não há a necessidade de um pedaço de papel para que nos sintamos efetivamente casados!

E, sem conseguir esconder uma certa decepção, finalizou:

— Engraçado... Beatriz aceitou com tanta naturalidade a notícia de nossa separação que chego até a pensar que era isso, justamente, o que ela estava querendo!

No dia seguinte, depois de contar para Tomás uma história comprida a respeito de casas em demolição, Jeanne conseguiu convencê-lo de que uma certa porta era muitíssimo bonita e ela gostaria de tê-la ali no apartamento, fazendo a divisão entre a sala de jantar e o living.

Tomás concordou mas, com um sorriso, disse:

— Não vale a pena fazer reformas em um apartamento alugado, querida. Você faria bem se fosse escolher um outro, para comprar... Quando tiver tomado a decisão, basta me telefonar e eu depositarei o dinheiro em sua conta. Depois, nós dois faremos a decoração, está bem assim?

Antes que Jeanne pudesse protestar, ele acrescentou:

— E é claro que você fará a compra em seu nome. Será o meu presente de... noivado!

Jeanne abriu um imenso sorriso.

Beijou Tomás com paixão e disse, ao seu ouvido:

— Você é maravilhoso, querido... Maravilhoso em todos os sentidos! E a cada momento que passo ao seu lado, mais e mais tenho certeza de que sou a mulher mais feliz deste mundo!

Na semana seguinte Jeanne estava pessoalmente vendo dois pedreiros colocarem a porta entalhada entre a sala de estar e a biblioteca de um imenso apartamento que ela comprara — pagando à vista com o dinheiro de Tomás — na rua Veiga Filho.

— A senhora vai se assustar todos os dias com essas figuras... — comentou um dos pedreiros quando terminou o serviço — São diabólicas!

— Você está me ofendendo! — exclamou Jeanne — Não vê que eu estou aí?



Um pouco sem jeito, o pedreiro olhou para o entalhe na madeira e, depois, sacudiu a cabeça, dizendo:

— Não senhora... Não há ninguém aqui que se pareça com uma mulher tão bonita!

Jeanne ia discutir, porém, achou melhor ficar quieta, fingir que tinha brincado. Afinal, a reação de Tomás quando vira a figura, tinha sido exatamente a mesma... Ele não a achara entre as dezenas de pessoas entalhadas na madeira e, mesmo quando Jeanne apontara com o dedo a sua imagem, ele rira, dizendo que se ela fosse aquele índio, com certeza, não estaria ali em sua companhia.

— Vai ver, só eu é que me vejo... Eu e Satã e é isso o que interessa — pensou ela.

Mudaram-se para o apartamento novo e, menos de um mês depois, quando Tomás chegou do trabalho, Jeanne notou que alguma coisa não ia bem.

— Você está preocupado — disse ela ajudando-o a tirar o paletó como sempre fazia — Quer que eu lhe prepare uma bebida?

— Sim — respondeu Tomás — Acho que preciso de uma boa dose para poder pensar melhor...

Observando Jeanne pegar os copos e a garrafa, Tomás falou:

— Heitor veio me propor um negócio. E eu não sei o que fazer...

Jeanne teve um breve e quase imperceptível estremecimento e, curiosa, ergueu os olhos para ele, indagando:

— Heitor? O seu sócio?

— Ele mesmo — respondeu Tomás — Somos amigos há muito tempo, desde que eu me formei no ginásio. Heitor é quase um pai para mim e eu acho que não devo aceitar a proposta...

Sorrindo, sentando-se ao lado de Tomás, Jeanne murmurou:

— Bem, querido... Se você me contar de que se trata e se achar que minha opinião vale alguma coisa, talvez eu possa ajudá-lo...

Tomás beijou os lábios de Jeanne e disse:

— É claro que sua opinião tem valor, Jeanne... E é justamente por achar isso que eu estou comentando com você.

Tomou um gole de bebida e continuou:

— Heitor é viúvo, como sabe. Já comentei isso com você inúmeras vezes. E tem um filho que adora a vida no campo. Augusto é filho único e está acostumado a ter todas as suas

vontades satisfeitas pelo pai. E sua última idéia é uma fazenda. Quer porque quer que o pai lhe compre uma fazenda na região de Bauru.

Deu uma risadinha e falou:

— Heitor não sabe dizer não ao filho e autorizou-o a fechar um determinado negócio. Só que Augusto, muito mais ambicioso do que cauteloso, comprou uma fazenda cerca de três vezes maior e, portanto, mais cara do que o dinheiro de que Heitor poderia dispor agora...

Jeanne o interrompeu, adivinhando:

— E ele quer que você empreste...

— Isso mesmo! — exclamou Tomás — Ele veio me pedir uma verdadeira fortuna emprestado!

— Acha que ele poderá pagar? — quis saber Jeanne.

— Sem dúvida. Heitor é um homem honesto e jamais deixaria de saldar um seu compromisso.

Jeanne ergueu os ombros com fingida indiferença e murmurou:

— Se tem confiança nele, empreste...

Sorriu, beijou Tomás e acrescentou:

— É claro... Se essa importância não lhe fizer falta e se Heitor puder lhe dar alguma coisa como garantia.

Tomás olhou espantado para Jeanne e esta explicou:

— Nós não somos imortais, querido... Como seres humanos, estamos sujeitos a uma porção de coisas... Até mesmo à morte. Não há nada que lhe diga que eu estarei viva daqui a meia hora, não é mesmo?

Tomás baixou a cabeça, pensativo. Depois de esvaziar o copo, ele disse:

— Foi isso mesmo que Heitor me falou. E chegou a trazer, já assinada a transferência de suas quotas na empresa para mim. Disse-me que assim que liquidasse a dívida, eu poderia rasgar esse papel.

Jeanne arregalou os olhos e ponderou:

— Ora! Se ele mesmo tomou essa iniciativa... Por que você não aceitaria?

Impedindo Tomás de contestar, ela arrematou:

— Acho muito bonita essa história de lealdade e de amizade...

Mas, se você pode responder por si próprio e até mesmo pelas atitudes de Heitor, será que pode falar por Augusto? Por um menino mimado que pode, na falta do pai, resolver não pagar a dívida, simplesmente?

Tomás não teve o que dizer. Sabia que Jeanne estava com a razão e sabia que qualquer pessoa de bom senso diria que ele jamais deveria dar

o dinheiro — na realidade uma fortuna — sem a menor garantia.

Sorriu, beijou carinhosamente Jeanne e, levantando-se foi até o telefone para avisar Heitor de que aceitava o negócio e que ele podia contar com a importância que estava querendo na manhã seguinte.

Jeanne assistiu tudo aquilo com um sorriso nos lábios.

Sabedora do desfecho final daquele episódio, ela não poderia fazer mais nada além de sorrir.

Já tinha uma boa idéia de como funcionava a empresa de Tomás e de Heitor e sabia que a renda que ela proporcionava era assombrosa. Assim, se tudo acontecesse como previra Satã, dentro de pouco tempo Tomás estaria ainda mais rico do que já era e, conseqüentemente, ela também.

Em resumo, estaria realizando mais uma das metas que se impusera: ficar milionária. E, para isso, para conseguir chegar a esse objetivo, não poderia se incomodar com absolutamente nada! Se precisasse passar por cima de todos como uma verdadeira panzer de Rommel, ela não hesitaria. Mesmo que precisasse sempre da ajuda do Príncipe das Trevas e de seus poderes fabulosos.

As previsões de Satã estavam absolutamente corretas. O filho de Heitor foi convocado pela FEB e embarcou no General Mann, um dos navios americanos que deveriam levar os pracinhas brasileiros para a Itália.

Cerca de um mês depois que Augusto partira para a Europa, um telegrama chegou às mãos do já deprimido Heitor dando conta de que seu filho morrera a bordo do General Mann, vítima de um acidente durante o treinamento para naufrágio.

Heitor ficou abaladíssimo.

Durante três dias, ele não conseguia dizer o que quer que fosse que tivesse nexa e, na manhã do quarto dia, os empregados de sua casa encontraram-no morto na biblioteca, a cabeça pendida para a frente, a língua para fora, arroxeadada, enorme...

— Foi um infarto — explicou Tomás — O pobre Heitor não suportou o desgosto causado pela morte do filho...

Tomás ficou com a empresa, os parentes de Heitor ficaram com a fazenda que ele comprara para o filho e Jeanne ficou com fama de ser a mais sensata e sábia de todas as mulheres.

Uma semana depois de regularizada a situação da firma, Tomás precisou viajar para o Rio de Janeiro a negócios e Jeanne não quis ir. Ela mesma não saberia explicar porque recusara o convite para acompanhar Tomás, dera a desculpa de que não se encontrava bem disposta e que a viagem de avião acabaria por fazê-la piorar.

— Mas vou ficar mais de vinte dias fora — protestou Tomás — Você está querendo me matar de saudades...

— Você não morrerá de saudades, querido... E eu, por minha vez, também não. aproveitarei para fazer algumas visitas pois você não me deixa tempo para nada... E, quando voltar, nós dois estaremos ansiosos, cheios de saudades e de desejos...

Maliciosa, arrematou:

— Será muito bom... Às vezes, uma pequena separação só pode fazer bem...

Muito séria, ela falou:

— Tome cuidado... Não me traiam... Pode estar certo de que eu saberei se você me traiu ou não!

Tomás nada disse.

Com a sua experiência de vida, com tudo que já fizera e já passara, ele sabia muito bem que jamais encontraria uma mulher como Jeanne. Tinha perfeita consciência de que nenhuma outra seria capaz de satisfazê-lo e, por isso, não estava com a menor intenção de traí-la.

Porém...

Tomás se conhecia muito bem.

Da mesma forma que tinha certeza de jamais poder ficar sem o amor de Jeanne, ele também sabia que não conseguiria ficar tanto tempo sem ir para a cama com uma mulher...

Seria pedir demais para um homem de sangue quente como ele e, ainda mais, no Rio de Janeiro, uma cidade que procurava vencer Paris em termos de oportunidades para o amor.

Jeanne ficou novamente sozinha.

Se, por um lado, era desagradável a ausência de Tomás durante a noite, naquele apartamento imenso, por outro, ela até que estava achando muito bom que ele se afastasse um pouco.

Desde que decidiram ficar juntos, ela só experimentara o êxtase naquela primeira noite...



Ou seja, quando Satã, por artimanhas só a ele permitidas, ocupara o corpo de Tomás e a possuía.

Depois disso, ela simplesmente fingira todas as vezes, mostrara para Tomás um prazer que não estava sentindo.

E isso era terrível.

Bem que Jeanne gostaria de poder chegar ao êxtase como via acontecer todas as noites com Tomás... Bem que ela gostaria de poder virar para o lado, exausta e satisfeita, realizada em sua plenitude e, então, se abandonar ao sono.

Mas, não era isso o que acontecia com ela. Ao contrário, depois que Tomás adormecia, ela ainda ficava horas seguidas rolando na cama de um lado para o outro, sem conseguir conciliar o sono, remoendo a frustração, enraivecida com sua incapacidade.

Com Tomás viajando, Jeanne pelo menos não teria de fingir.

E, quem sabe, talvez o Príncipe das Trevas viesse fazer uma visita à sua súdita...

Foi quando esse pensamento passou por sua cabeça que ela se lembrou que, na realidade, depois que passara a viver com Tomás, em nenhum momento ela fizera o menor esforço para conjurar Satã.

— Mas então... — murmurou — Pode ser que seja isso! Pode ser que o Mestre esteja ofendido comigo!

Sem perda de tempo, foi buscar no fundo de seu armário, entre roupas que já não mais usava, o velho livro de Magia Negra.

— Não se preocupe, Mestre — falou ela, já excitada, já imaginando o que aconteceria se conseguisse trazer o Príncipe das Trevas para sua casa, naquela noite — Daqui a pouco eu o estarei chamando!

Como já acontecera outras vezes, Jeanne notou que ao abrir o livro, seus olhos caíam diretamente nos parágrafos que tinham alguma relação com o que estava pretendendo fazer. Sorriu percebendo que nem sequer tinha a necessidade de procurar os rituais que deveria executar pois parecia que o Príncipe das Trevas a dirigia para os textos mais adequados e fazia-a fixar a leitura naquele que seria o necessário para a conjuração.

Para Jeanne isso era um bom sinal, mostrava que Satã também estava interessado naquele encontro.

— Ele também quer! — exclamou — Satã também está com vontade de me possuir!



Estudou com toda a atenção o ritual em que seus olhos, parecendo de fato comandados por uma força superior, se fixaram e, quando o relógio da sala marcava onze horas da noite, Jeanne começou a preparar o ambiente para o encontro amoroso com o Mestre.

Já dispensara a empregada dizendo-lhe que aproveitasse a ausência de Tomás para ir fazer aquela visita a uma tia no interior que havia tanto tempo ela desejava fazer e, sozinha no grande apartamento, tinha total liberdade para o que bem entendesse.

Foi para a cozinha, apanhou uma velha panela de barro que jamais era usada e que Serafina mais de mil vezes sugerira que fosse jogada fora, colocou-a sobre o fogão e deixou-a aquecer sem nada dentro.

— E a Serafina que queria jogar essa panela — riu Jeanne — Tive de inventar que ela é uma lembrança de minha avó...!

Quando a panela estava bem quente, Jeanne despejou quase uma lata inteira de azeite em seu interior.

A temperatura excessiva fez com que o azeite fervesse e liberasse uma fumaça azulada com o enjoativo cheiro que lhe é característico.

Jeanne tampou a panela e, depois de alguns minutos, quando a cozinha inteira estava cheia de fumaça, jogou no azeite quente quatro tocos de vela que se derreteram imediatamente fazendo espuma e respingando óleo para todos os lados.

Em seguida, ela apanhou de um dos vasos da sacada, um punhado de terra, jogando-o na panela.

Mais uma vez, o ruído de fritura se fez ouvir, o azeite espirrou e um cheiro horrível se espalhou pela cozinha.

Jeanne voltou a tampar a panela e, depois de se concentrar um pouco na imagem de Satã, foi para seu quarto. Despiu-se completamente e, embrulhada apenas num xale negro que comprara havia poucos dias e de que Tomás não gostava dizendo que lhe dava um aspecto diabólico, voltou para a cozinha trazendo na mão esquerda um frasco com iodo metálico.

Despejou na panela o conteúdo do frasco e alguns segundos depois, uma fumaça arroxeadada se despreendeu da panela.

Nesse momento, Jeanne ergueu as mãos acima da cabeça e, mais uma vez se concentrando na figura do Príncipe das Trevas, disse:

— Vinde, Mestre! Sua serva está pronta para recebê-lo! Vinde mostrar o seu poder!

A fumaça parou de sair da panela e Jeanne, seguindo o que lera no livro, tirou-a do fogo, despejando o seu conteúdo na pia.

Mal tinha acabado de fazer isso, sentiu a presença de alguém às suas costas.

Voltou-se vivamente, já com um sorriso nos lábios e com a certeza de que estaria frente a frente com Satã.

Assustou-se ao ver que Tomás estava ali.

Empalideceu...

— T- Tomás...! — gaguejou — Mas o que está fazendo aqui?!

Ele estava nu e sorriu...

E foi quando sorriu que Jeanne percebeu tudo.

Aqueles lábios finos, os olhos maliciosos e cheios de maldade, de uma maldade que a inebriava, que a apaixonava...

— Mas é você! — exclamou, abrindo os braços e adiantando-se para abraçá-lo.

Sentiu o calor de seu corpo, sentiu-se imediatamente transportada para um tal estado de excitação que mal podia se controlar.

— Você poderia aparecer em sua forma normal — reclamou —
_Assim, levei um susto! Pensei que Tomás tivesse voltado e me tivesse visto preparando o ritual!

Satã balançou a cabeça negativamente e disse:

— Preciso aparecer em formas conhecidas, Jeanne. Sempre pode acontecer de surgir alguém e é melhor que você esteja com seu marido, não é verdade? Evita a necessidade de muitas explicações. Além disso, duvido muito de você goste de me ver ao natural...

Com brutalidade, ele a beijou e Jeanne pode sentir toda a força de seu desejo.

— Venha — disse ela em um murmúrio — Venha... Eu o quero, já não agüento mais!

Ouviu uma risada, sentiu-se levada para a sala e, no instante seguinte já estava sendo arrebatada para as delícias que Satã, e somente Satã, podia lhe proporcionar.

Naquela noite o Demônio parecia estar melhor do que nunca...

Jeanne adormeceu depois de algumas horas de intenso êxtase e nem sequer percebeu quando o Mestre se fora.

Quando despertou, o sol já entrava pelas grandes vidraças da sala e ela se surpreendeu ao se ver vestida com as mesmas roupas que usara quando Tomás se despedira e mais surpresa ficou ao constatar



que, na cozinha, não havia nada fora do lugar e tudo se encontrava absolutamente limpo, como se ela não tivesse feito nada na véspera.

— Será que desta vez foi apenas um sonho? — perguntou-se, já revoltada com a idéia de nada daquilo ter, de fato, acontecido.

Já estava começando a ficar com raiva de si e do próprio Satã, quando seus olhos se dirigiram involuntariamente para o entalhe da porta da biblioteca.

Como sempre, ela estava lá...

Chegou a sorrir com a lembrança de que somente ela era capaz de ver o seu rosto, maravilhosamente esculpido na madeira, com uma fidelidade tão grande que até parecia real.

Sim, Jeanne estava ali...

Só que mostrava aquele sorriso de satisfação que caracteriza as mulheres bem amadas e bem possuídas e, ao seu lado, segurando-a pelos ombros, aparecia a figura de um homem nu que jamais estivera entalhada naquela porta.

Jeanne não podia distinguir suas feições mas, para uma mulher como ela, não é preciso ver o rosto de um homem para reconhecer o amante.

Era Satã...

Era a prova de que não sonhara mas que, muito pelo contrário, o encontro tinha sido real.

Jeanne acariciou o entalhe tentando sentir nas pontas dos dedos a mesma textura da pele do Príncipe das Trevas. O entalhe estava quente como o corpo dele e a mulher, instintivamente, tirou a mão, assustada.

Sorriu de si mesma e voltou a acariciar a figura, dizendo:

— Então aconteceu... Ele esteve aqui!

Olhando-se no espelho, viu que tinha olheiras até o meio da cara e que seu aspecto mostrava claramente que ela passara as últimas horas fazendo qualquer coisa, menos dormindo...

E era justamente esse aspecto que Jeanne não queria que as amigas e conhecidas vissem pois — ela sabia muito bem — as más línguas não a perdoariam e não seria nem um pouco difícil que algum comentário maldoso pusesse a perder a sua união com Tomás.

O que era um risco que Jeanne não poderia correr.

Tomás era um homem bom, um marido dedicado e que não media esforços para satisfazer os seus menores caprichos. E isso, é claro, sem contar que a cada dia ele ficava mais rico, tinha mais dinheiro em suas contas bancárias. Com isso, Jeanne podia ser cada vez mais exigente.



E ela adorava pedir coisas para Tomás pois sabia que, não importando o que fosse, acabaria ganhando.

Era bem certo que ele não deixava de cobrar essa sua generosidade e, à noite, Jeanne tinha de satisfazê-lo, tinha de fingir que era arrebatada para o sétimo céu.

Riu lembrando-se que para o marido ela dizia que ficava no céu após uma relação e, com Satã, tinha a sensação oposta... Ela diria que tinha sido aquecida como se estivesse no fogo do Inferno...!

— Até que deve ser muito melhor estar no Inferno com Satã...
— pensou — Pelo menos o prazer é intenso!

Nesse ponto de suas reflexões, o telefone tocou.

Atendeu, imaginando que fosse Tomás mas, estava enganada.

A voz de Hilda, parecendo aflita, perguntou:

— Jeanne, você pode me receber agora de manhã? Tenho um assunto muito sério para conversar e acho que você é a única pessoa que poderia me ajudar...

Jeanne estranhou o telefonema da mulher.

Em primeiro lugar, Hilda na realidade nunca fora sua amiga, bem pelo contrário. Tinha acontecido uma certa aproximação quando da morte de Regina e Roberto mas, depois disso, elas limitaram seu relacionamento a encontros fortuitos em reuniões ou festas em que ambas tinham sido convidadas. Jamais chegaram a trocar confidências, jamais chegaram a se convidarem mutuamente para suas casas. Jeanne, inclusive, já realizara duas ou três festas em seu apartamento e Hilda não tinha sido convidada mesmo porque a francesa soubera de algumas reuniões que Hilda fizera e em cuja lista de convidados o seu nome não figurara. Em segundo lugar, não podia imaginar de que maneira ela poderia ser a única pessoa a trazer alguma ajuda para Hilda, uma mulher biliardária, eternamente rodeada por muitas pessoas que fariam de tudo para lhe serem agradáveis.

Mas...

Já que Hilda estava pedindo e como isso a punha numa posição de superioridade em relação a ela, Jeanne não vacilou mais.

— Venha à hora que quiser, querida — falou — E pode estar certa de que fico sensibilizada com a sua lembrança. Farei o que estiver ao meu alcance...



Jeanne abriu a porta para Hilda com o coração batendo mais depressa e ardendo de curiosidade para saber o que aquela mulher queria para lhe telefonar tão cedo.

Realmente, Hilda parecia muito perturbada.

Teria, na época, cerca de quarenta anos de idade, era uma balzaqueana bonita e, algumas más línguas já tinham dito para Jeanne que ela era ferosa demais para o marido, doze anos mais velho e com aparência de estar bem mais rodado e muito mais sofrido do que a esposa.

Jeanne fez Hilda entrar, levou-a até a sala de estar e, indicando-lhe uma das poltronas, disse:

— Sente-se, Hilda. Vou preparar um chá. Você me parece muito nervosa...

— Não se preocupe com o chá — replicou a visita — Se não se incomodar, prefiro um conhaque, um uísque ou qualquer outra coisa alcoólica e forte!

Jeanne arregalou os olhos, espantada.

Não poderia jamais imaginar que Hilda, aquele exemplo de estoicismo e de boa educação, pudesse pedir, em casa de uma quase estranha, uma bebida forte... E ainda mais àquela hora da manhã!

— Mas isso é coisa de alcoólatra! — exclamou, sem conseguir ou, quem sabe, sem querer reprimir suas palavras.

— Sei disso — murmurou Hilda, baixando os olhos — Mas ultimamente não tenho podido fazer outra coisa a não ser beber... Tenho bebido muito, é verdade... Mas só encontro algum alívio quando já começo a ficar tonta.

Jeanne foi até a cozinha, apanhou um copo com água gelada, pôs dentro dele duas colheres de sopa de mel, misturou algumas gotas de conhaque e outras de melissa. Deu-o para Hilda e falou:

— Tome isto. Tem um leve perfume de conhaque e é um bom calmante para os nervos. Vai lhe fazer bem e você, depois que me explicar tudo, depois que me disser onde eu a poderei ajudar, vai se sentir muito melhor.

Hilda obedeceu, tomou um grande gole da bebida e, olhando para Jeanne com desespero, falou:

— Meu marido está indiferente, comigo! Em relação a mim, está completamente incapacitado, ficou impotente! De um momento para o outro, ele não conseguiu fazer mais nada comigo, não me procura mais e, quando tentei forçá-lo, disse que não estava disposto, que não queria nada... E ele está assim há mais de seis meses! No entanto, já



chegaram aos meus ouvidos, notícias de que ele continua o mesmo homem maravilhoso de sempre com as meninas dos inferninhos e cabarés que deu de freqüentar!

Jeanne franziu as sobrancelhas.

Com dificuldade e com um tom de incredulidade em sua voz, ela indagou:

— Mas... Por que diabos você achou que eu seria capaz de resolver esse problema? De que maneira espera que eu possa ajudá-la ou ao seu marido?!

Hilda baixou os olhos e, depois de um silêncio constrangedor de mais de um minuto de duração, ela disse:

— Ouça, Jeanne... Pelo amor de Deus, não se ofenda...

Jeanne interrompeu-a para dizer:

— Não me peça nada por Deus, Hilda... Ele não tem nada a ver com isso!

Olhando para a visitante com curiosidade, pediu:

— Mas prossiga. Diga o que está pensando.

Hilda ergueu os olhos, tímida e murmurou:

— Todos sabem de seu passado, Jeanne... Não há quem não saiba, na sociedade de São Paulo, de que maneira você chegou ao Brasil e de que meios lançou mão para sobreviver e progredir até se unir a Tomás Camargo...

Jeanne sentiu o coração falhar.

Não podia acreditar no que estava ouvindo!

Aquela mulher tinha tido o desprazo de ir à sua casa, àquela hora da manhã para lhe dizer dessa maneira que ela não passava de uma prostituta e que todos em São Paulo sabiam disso?!

Jeanne arregalou muito os olhos e ia abrindo a boca para falar, para protestar e, em seguida por para fora aquela desaforada, quando Hilda, com as lágrimas escorrendo por suas faces, pediu:

— Ajude-me, Jeanne! Sei que você é a única que pode me ajudar! Não quero perder meu marido! Não quero que ele me substitua por uma dessas mocinhas aventureiras que só estão de olho na fortuna de homens mais velhos!

Jeanne fitou com intensidade os olhos de Hilda.

Pareceu-lhe que aquela mulher estava sendo sincera e que, de fato, estava sofrendo muito com o comportamento e com a atitude do marido.

Hilda tomou mais um gole da bebida e disse, a voz baixa, arredia:

— Achei que você talvez pudesse me ensinar alguns truques...

Algumas dessas artimanhas que as... profissionais... sabem usar para encantar um homem e para amarrá-lo ao pé de sua cama!

Olhou preocupada para Jeanne e repetiu:

— Por favor, Jeanne... Não fique ofendida comigo! Eu sei que você tem mil motivos para me detestar... Mas compreenda... Nós ficamos sabendo de sua escalada, das maneiras e dos métodos que usou para subir. Pense bem e verá que é mais do que natural que nós tenhamos tentado nos defender!

Criando um pouco mais de auto-confiança, Hilda continuou:

— Veja o que aconteceu com Beatriz... Você a derrotou, você acabou ficando com Tomás!

— O casamento deles já estava mal das pernas — defendeu-se Jeanne — E isso, muito antes de eu aparecer em cena!

— Tem razão — admitiu Hilda — E é justamente o que está acontecendo com o meu casamento! Eu não quero passar pela mesma experiência de Beatriz! Não quero que depois digam que era lógico que acontecesse isso pois o meu relacionamento com o Ribeiro já estava indo muito mal!

Jeanne respirou fundo e, ia dizer para Hilda que não poderia fazer nada e que se ela não queria perder o marido que tratasse de se modificar, de fazer com que ele voltasse a ter interesse por ela mas, em prantos, a mulher a interrompeu mais uma vez, pondo-se de pé diante da francesa e falando:

— Veja, Jeanne... Sei que não sou mais uma criança mas meu corpo ainda é melhor do que o de muitos brotinhos de dezoito anos! De mais a mais, a minha experiência é muito maior e eu tenho certeza que um homem que durma comigo uma noite, não vai deixar de querer uma reprise...

Voltou a sentar e soluçou:

Mas eu não quero outro homem! Eu quero o Ribeiro, quero o meu marido! E você é a única pessoa que pode me ajudar!

Jeanne ficou em silêncio, olhando distraída para as pontas dos sapatos.

Depois, ainda pensando nas palavras de Hilda, ergueu os olhos e, involuntariamente, eles se fixaram no entalhe da porta da biblioteca, distante quase seis metros de onde ela estava sentada.

Apesar da distância, as imagens entalhadas pareceram saltar aos olhos de Jeanne e, ao mesmo tempo em que ela via aquelas figuras criando vida e dançando em volta do caldeirão, escutou a voz de Satã, dizendo ao seu ouvido:



— Você vai ajudá-la, Jeanne... Vai ajudá-la com a sua magia e isso fará com que seja respeitada e temida não apenas por ela, mas por muitas outras que a procurarão.

A voz de Satã se calou, as figuras pararam de dançar e Jeanne, de repente, sentiu uma imensa paz interior e uma grande segurança em si mesma.

Voltando o rosto para Hilda, falou:

— Está certo, Hilda. Eu vou ajudá-la. Mas em troca, você não deverá comentar com ninguém o que vai acontecer e o que vai fazer...

Lembrando-se das palavras de Satã quando ele dissera que outras a viriam procurar, Jeanne acrescentou:

— Você e só você poderá trazer a mim outras amigas ou amigos que precisem... de meu talento.

Hilda olhou espantada para Jeanne e esta, com uma risada que lhe soou estranhamente diabólica, fez um gesto com a mão direita.

No mesmo instante, o copo que a francesa servira para a outra e que já estava vazio, se encheu, ergueu-se da mesinha em que se encontrava e foi parar a poucos centímetros da mão de Hilda.

A mulher se pôs de pé com um grito e Jeanne, segurando-a pelo braço, disse:

— Não se assuste... Você veio me pedir ajuda, não é verdade? E vai me prometer que manterá segredo e só revelará o que aconteceu para pessoas que realmente estejam precisando de mim.. Além disso, antes de falar com essas pessoas, você virá me perguntar se eu posso atendê-las, está bem assim?

Hilda, trêmula, assustada, fez um sinal afirmativo com a cabeça e Jeanne, fechando os olhos, concentrou-se.

Procurou transportar seu pensamento para o livro de Gabrielle e para aqueles momentos no bangalô, quando a assistia em seus encantamentos de amor.

— Você vai trazer para mim algumas coisas... Em primeiro lugar, um lenço de seu marido. Além disso, uma de suas gravatas e, por último, um conjunto de roupas íntimas que você só tenha usado uma vez.

Hilda não respondeu. Apressada, ela deixou a casa de Jeanne e, menos de quinze minutos depois, estava de volta com tudo quanto a francesa lhe pedira.

— Muito bem — falou Jeanne — Agora, você irá para casa e, esta noite, verá que as coisas vão mudar...

No dia seguinte, antes de oito horas da manhã, o telefone de Jeanne soou.

Ela riu enquanto caminhava para atendê-lo pois já sabia que era Hilda, ligando para dar notícia s sobre o resultado de seu encantamento.

— Não faço a menor idéia do que foi que você fez, Jeanne — disse a outra — Mas o fato é que funcionou! Ribeiro parecia ter voltado aos vinte anos de idade, nunca o vi tão ativo, tão cheio de energia e de desejo!

Riu, feliz, do outro lado da linha e completou:

— E o melhor é que eu também estava com toda a energia! Acho que nunca...

Interrompeu-se, o pudor de repente voltando, e arrematou:

— Bem... Hoje eu estou arreventada... Parece que levei uma surra daquelas... Mas, em compensação, estou feliz, realizada e satisfeita.

— E não será apenas desta vez — disse Jeanne — A partir de hoje, Ribeiro não conseguirá mais nada com qualquer outra mulher e chegará à conclusão que foi feito para você.

Hilda ficou calada por um instante e, um pouco sem jeito, murmurou:

— Gostaria de demonstrar meu agradecimento de uma maneira material, Jeanne... O que você aceitaria como presente?

Jeanne riu e respondeu:

— Não se preocupe com isso, Hilda. Não quero nada. Já estarei satisfeita sabendo que você se considera minha devedora...

Houve uma pausa e Jeanne acrescentou:

— Apenas saiba que, da mesma maneira que o Ribeiro voltou para você por minha causa, ele poderá se afastar em definitivo... Basta que você não cumpra a sua parte no nosso trato, entendeu?

— Sim — balbuciou Hilda — Pode ficar descansada... Acho que, depois do que aconteceu, você está na posição de minha melhor amiga... Uma amiga além de tudo, muito poderosa! Acho que estou em suas mãos, Jeanne... E só espero que você não judie de mim!

Jeanne não respondeu.

Preferiu deixar a outra na dúvida pois assim poderia ter certeza de que cumpriria sua parte e jamais tentaria passá-la para trás.

Voltando para seu quarto, ela riu.

Sim, estava mostrando que era mesmo uma boa discípula de Satã. Pelo menos, em seus pactos, estava mantendo a teoria do Mestre de conservar sempre as pessoas sob seu jugo.



O sorriso desapareceu de seus lábios quando ela se lembrou que isso apenas provava, mais uma vez, que ela também, estava sob o jugo do Príncipe das Trevas...

E com a desvantagem de só encontrar a satisfação quando ele queria e não todas as noites como tinha feito acontecer com Hilda.

CAPÍTULO XVI

Tomás chegara ao Rio de Janeiro já morrendo de saudades de Jeanne. Gostaria de estar com ela ali ao seu lado, gostaria de levá-la para conhecer uma porção de lugares interessantes mas...

Estava sozinho.

Pensou muito seriamente em tentar resolver todos os seus negócios o mais rapidamente possível e regressar dentro de três ou quatro dias para junto da mulher mas ele sabia que isso seria uma loucura. Transações importantes não podem ser efetuadas às pressas e, ainda mais naquele clima de guerra, na incerteza e insegurança que reinava em relação ao futuro.

— Terei tempo, depois, para descontar — disse ele para si mesmo — Quando voltar, Jeanne também estará ansiosa por amor e nosso reencontro será simplesmente demolidor!

Mas, o Destino estava pensando de maneira diferente...

Assim que Tomás começou a agir, marcando pelo telefone um importante encontro com um americano importador de menta, ele assumiu a posição e a personalidade de homem de negócios, esquecendo-se de Jeanne, esquecendo-se de São Paulo e passando a pensar unicamente em seu trabalho.

Foi ao encontro do importador e, quando chegou ao seu escritório, num imponente edifício perto da Candelária, surpreendeu-se com a beleza e a candura da moça que estava sentada à mesa da recepção.

Era uma jovem morena, com pouco mais de vinte anos de idade, muito bonita e cujo rosto irradiava simpatia e meiguice.

Não pode deixar de desejá-la, como animal predador que é o homem...

— Tenho uma reunião marcada com o senhor Hennessy — disse ele para a recepcionista.

Sempre sorrindo, ela consultou a sua agenda e falou:

— Pois não, doutor Camargo. O senhor Hennessy está à sua espera. Queira aguardar um momentinho que vou avisá-lo de sua chegada.

Ela deixou a mesa e dirigiu-se para a porta do gabinete do patrão meneando as cadeiras de maneira provocante.



Ficou lá dentro por alguns momentos e em seguida voltou a abrir a porta, dizendo:

— Faça o favor de entrar, doutor...

Tomás passou por ela, esbarrou de leve em seu corpo e pode sentir suas formas suaves e sensuais em uma rápida fração de segundo.

Rápida...

Mas demorada o suficiente para despertar nele um intenso e quase irremediável desejo.

A reunião com Hennessy transcorreu com normalidade, os dois homens tentando negociar a melhor posição, cada um procurando tirar o máximo possível de vantagem no negócio. Houve acordo em praticamente tudo, exceto por um pequeno detalhe quanto à quantidade de menta que poderia ser entregue num determinado prazo. Hennessy queria que a mercadoria estivesse no porto de Nova York quinze dias antes do que Tomás achava possível.

— Terei de consultar meus fornecedores — disse Tomás — Serei obrigado a lhe trazer uma resposta mais tarde.

Hennessy concordou e Tomás, ao deixar seu gabinete, sorriu para a recepcionista, dizendo:

— Voltarei mais tarde. Mas telefonarei antes, se houver algum imprevisto.

— Estarei esperando, doutor. Mas, se por acaso eu não estiver por aqui por ser hora do almoço ou por eu ter de fazer alguma coisa para o senhor Hennessy na rua, pode deixar o

recado. Meu nome é Sylvia.

Tomás sorriu, despediu-se da moça e saiu.

Uma vez na rua, não pode deixar de se surpreender consigo mesmo.

Ele sabia muito bem que poderia efetuar a entrega da menta da maneira como queria Hennessy. Porém, criara aquela dificuldade de graça... Unicamente para ter um pretexto para voltar ali, para rever Sylvia.

Mesmo que fosse apenas para vê-la mais uma vez e daquela maneira fugaz e inócua, ele de pé e ela sentada atrás de uma escrivãzinha de recepção.

Distraído, tentando explicar para si mesmo a razão daquele comportamento tão pueril, Tomás entrou num café logo em frente ao edifício de Hennessy.



Estava começando a levar a xícara aos lábios, quando viu Sylvia deixar o prédio e caminhar pela calçada com aquele andar sedutor, fazendo com que todos os homens olhassem para ela cheios de admiração e desejo.

Sentiu ciúmes.

Inexplicavelmente, inadmissivelmente, descabidamente, sentiu ciúmes.

Pagou às pressas o café e, em passos apressados, seguiu Sylvia pela rua, alcançando-a quando ela já estava entrando numa farmácia.

— Mas que coincidência! — disse ele, ao seu lado — Que surpresa agradável!

Sylvia sorriu e, olhando para Tomás de uma maneira que deixava bem claro que ela percebera não se tratar de um acaso aquele encontro, falou:

— Desci para comprar um comprimido. Estou com um pouco de dor de cabeça...

E, com uma careta, acrescentou:

— Não é muito fácil trabalhar com o senhor Hennessy... Ele é muito exigente e quando me pede para bater uma carta em inglês, fica furioso quando cometo algum erro, por mais insignificante que seja!

Entraram na farmácia e, antes de chegar ao balcão, Sylvia disse:

— Hoje à tarde, sei que minha dor de cabeça vai aumentar... Ele quer um relatório completo sobre a transação que os senhores estão fazendo... E em inglês!

Tomás sorriu e falou, em tom de brincadeira:

— Não quero lhe dar trabalho e muito menos dor de cabeça, Sylvia. Acho que vou voltar lá e dizer para o gringo que não farei mais o negócio...

— Isso não vai adiantar nada. Aliás, só vai servir para piorar a minha situação — replicou a moça — Se o negócio não sair, ele vai querer o relatório do mesmo jeito e, o que é pior, vai montar uma explicação complicada e comprida para os seus chefes lá nos Estados Unidos... E serei eu a bater tudo isso!

Comprou o remédio e, com um suspiro, finalizou:

— Por isso, já sei que o meu destino, hoje, é ficar a tarde inteira em cima da máquina. Não tenho escapatória e acho que os comprimidos não vão me ajudar muito...

Tomás, acompanhando-a até a porta, falou:

— Bem... Se me permite, tenho uma sugestão para aliviá-la...

Sylvia olhou para ele com expressão curiosa e Tomás continuou:

— Poderia convidá-la para jantar em meu hotel... Ao menos serviria para relaxar um pouco e...

Com um tom de súplica em sua voz, arrematou:



— Eu ficaria muito feliz em poder contar com a sua companhia para o jantar... Detesto fazer minhas refeições sozinho...

Sylvia sorriu.

Tomás pode perceber a malícia que havia naquele sorriso e, encorajado, murmurou:

—Eu a pegarei no fim da tarde, está bem? Poderemos nos encontrar aqui nesta farmácia que é para não haver a possibilidade de se criar uma situação constrangedora.

A moça ficou em silêncio por alguns instantes e, depois, ampliando mais o sorriso, falou:

— Está certo. Estarei aqui por volta de seis horas.

Tomás passou o resto do dia trabalhando.

Foi a diversas repartições, foi a Bancos, encontrou-se com importadores de diversas mercadorias que, naquela época, tinham imenso valor de mercado e que, por isso mesmo, faziam a fortuna daqueles que tinham a sorte de lidar com elas.

Esteve, perto de cinco horas da tarde, no escritório de Hennessy mas Sylvia não se encontrava lá.

Uma outra moça, feiosa e sem sal, disse-lhe que ela pedira para sair mais cedo pois não estava se sentindo muito bem.

A notícia deixou Tomás um tanto quanto decepcionado pois se Sylvia não estava bem, era de supor que ela faltaria ao encontro marcado.

Erguendo os ombros, procurando se conformar com a idéia de jantar sozinho depois de já ter planejado e imaginado a companhia de Sylvia, ele disse:

— Bem... Espero que ela melhore depressa...

Falou rapidamente com Hennessy, disse-lhe que o negócio poderia ser realizado nos termos que ele estava pretendendo e, ao passar pela mesa da recepção, viu a outra moça bufando de raiva, debruçada sobre a máquina de escrever e resmungando que Sylvia tinha sido muito esperta de ficar doente logo num dia em que havia tanto serviço para fazer.

Ganhando a rua, Tomás estava desapontado.

Apressara-se o mais possível para resolver todos os problemas do dia até aquela hora pois tinha a esperança de sair do escritório de Hennessy e já se encontrar com Sylvia mas, pelo visto, seus projetos tinham ido por água abaixo.



Sem ter o que fazer, ele hesitou entre voltar para o hotel ou ficar perambulando à toa pelas ruas do Centro do Rio, vendo vitrinas, comprando alguma coisa para Jeanne.

Jeanne!

Com uma pontada no coração, percebeu que era a primeira vez, desde que começara a trabalhar ali no Rio de Janeiro, que lembrava da mulher.

Justificou-se dizendo para si mesmo que tivera muito o que fazer durante o dia mas, em seu íntimo, ele sabia muito bem que a substituíra, pelo menos durante aquelas últimas horas, pela imagem de Sylvia.

Procurou explicar para si mesmo porque Sylvia o impressionara tanto. Era bem verdade que possuía uma beleza indiscutível mas...

Jeanne também era bela e, na verdade, chamava ainda mais a atenção com seus olhos muito azuis e com seus cabelos cor de fogo.

Os olhos...

Sim, talvez fosse isso mesmo!

Nem tanto os olhos, muito mais o olhar...

Sylvia irradiava meiguice enquanto Jeanne...

Tomás não podia dizer que Jeanne não fosse meiga. Ela o era, aliás, sabia sê-lo!

Mas...

Sylvia era naturalmente meiga...

Havia bondade em seus olhos, ela parecia dócil, compreensiva...

E Jeanne era exatamente o contrário.

Tomás, como todos os que lidavam com ela, sabia que as cartas estavam em suas mãos, tinha consciência de que Jeanne era a comandante indiscutível, de que era ela quem diria a última palavra, ela seria capaz até mesmo de definir o destino das pessoas...

Jeanne era dominadora. E amedrontadora quando olhava para Tomás e deixava transparecer naqueles dois blocos de gelo em que se transformavam seus olhos, a determinação fria e calculista de quem tem um objetivo pela frente, objetivo este muito maior do que qualquer sentimento.

Pela primeira vez, Tomás admitiu a realidade. Ele estava sendo dominado e controlado por Jeanne, ela estava fazendo dele nada mais do que um vassalo e tudo isso apenas por que sabia como fazer para realizá-lo como homem, como satisfazê-lo por entre os lençóis.

Teve uma sensação de frustração e revolta, um estremecimento de raiva passou por seu corpo.

Entrando num bar para tomar um café, ele pensou:

— Se as coisas são assim agora, imagino como serão depois que tivermos filhos!

Fechou os olhos e sacudiu a cabeça procurando afastar da mente esse pensamento.

Com Beatriz, com quem fora legalmente casado, ele não quisera filhos...

Não haveria de querê-los com Jeanne!

Seria o mesmo que se meter dentro de uma cela de prisão, fechar a porta e jogar a chave pela janela...

E Jeanne vinha falando de filhos havia dois meses...

— Não! — exclamou em voz alta, fazendo com que um senhor que estava ao seu lado levasse um susto.

Tomás sorriu, sem jeito e murmurou, mostrando a xícara de café:

— Não tem açúcar...

O senhor, solícito, sorriu e passou-lhe o açucareiro, muito embora tivesse certeza de o ter visto adoçar o café.

Tomando o melado que se vira obrigado a fazer, Tomás pensou:

— Sei que estou apaixonado por Jeanne... Sei que ela é a mulher mais formidável na cama que já conheci... Mas, nem por causa disso, vou deixar que ela me tenha como se fosse um cachorrinho, como se fosse um autêntico boi de presépio!

Deixando o dinheiro trocado sobre o balcão, deixou o bar e, caminhando devagar, flanou até a Candelária pensando que aquele encontro com Sylvia seria excelente para sua alma pois ajudaria a provar para si mesmo, que Jeanne não era a única mulher no mundo.

Com raiva, chutou uma caixa de fósforos vazia que estava no chão e murmurou:

— Mas ela não virá... Vai me dar o bolo. E eu terei de ficar sozinho, apenas remoendo a falta que Jeanne está me fazendo e a frustração de ter levado um fora de Sylvia!

Olhou para o relógio, viu que já passava bastante de seis horas da tarde e, sacudindo os ombros com despeito, pensou:

— Bem... De qualquer maneira, não perderei a noite. O Rio de Janeiro está cheio de mulheres fáceis, está repleto de moças que até vão me agradecer muito por eu lhes proporcionar um bom jantar e algumas horas agradáveis em meu quarto de hotel...

Notou que, inadvertidamente, caminhara até a farmácia onde combinara se encontrar com Sylvia.

Quase que contra a própria vontade, olhou para seu interior.

Abriu um sorriso...

Sylvia estava ali.

Ela olhava em sua direção e sorria, um sorriso que, naquele momento, não tinha nada de angelical... Muito pelo contrário, era quase um sorriso de perdição...

Sylvia tinha o corpo perfeito.

Suas curvas, menos ousadas que as de Jeanne, eram talvez por isso mesmo, ainda mais sedutoras e a ingenuidade e inocência que cercavam a sua pouca experiência na arte do amor, faziam com que Tomás se sentisse ainda mais arrebatado, mais responsável pelo sucesso daquele encontro.

Nenhum dos dois teve do que se queixar...

Quando o dia amanheceu, o sol que entrava pelas janelas abertas do quarto de Tomás, veio beijar o casal ainda abraçado sobre a cama, ambos exaustos e satisfeitos.

Tomaram o desjejum juntos e Sylvia estava ao lado de Tomás quando ele ligou para Jeanne dizendo que estava trabalhando muito, que estava morrendo de saudades e que não tinha uma previsão do dia em que poderia voltar.

Desligando o telefone, Tomás riu.

— Você não presta — disse Sylvia, muito séria — Isso não é papel que se faça!

Tomás ergueu os ombros com indiferença e, abraçando Sylvia, puxou-a novamente para si, dizendo:

— Não venha me dizer que não gostou... E não venha me dizer que estava esperando que eu telefonasse para minha mulher dizendo-lhe que aprontasse suas malas e fosse embora pois estaria levando para São Paulo uma substituta.

Sylvia riu, beijou com volúpia os lábios de Tomás e murmurou:

— Na verdade, bem que eu gostaria... Mas...

Fitando-o com olhos tristes, acrescentou:

— Sei que você tem uma outra vida e que pertence a um mundo completamente diferente do meu... Não tenho o direito de atrapalhá-lo e, muito menos de criticá-lo.

Tomás acariciou seu corpo detendo-se nos pontos mais sensíveis e arrancando-lhe gemidos e suspiros de prazer, enquanto dizia:



— Você é sábia, Sylvia... E as mulheres sábias jamais têm do que se arrepender.

Sylvia sorriu, fechando os olhos como uma gata no cio, procurando aproveitar ao máximo aqueles carinhos.

Sim, ela sabia muito bem que não poderia contar com aquele homem para o resto de seus dias. Mas, pelo menos enquanto ele estivesse no Rio de Janeiro...

Ela saberia como fazer para que Tomás nem mesmo pensasse em outra mulher.

E foi justamente o que aconteceu.

Durante todo o tempo que Tomás Camargo esteve trabalhando no Rio de Janeiro, onde quer que ele estivesse, ali estava também, Sylvia.

Iam a restaurantes de braços dados, saíam abraçados do hotel pela manhã, não se preocupavam em absoluto com a remota possibilidade de alguém os ver, reconhecê-los e... Armazenar matéria para um escândalo dos maiores na sociedade.

— Até parece que você quer que sua mulher saiba — disse Sylvia, preocupada.

— Não quero... — retrucou Tomás — Mas não vou bloquear ou limitar o nosso prazer unicamente por causa dela.

E, com um erguer de ombros, acrescentou:

— Jeanne não é idiota. Sabe muito bem que se achar muito ruim, corre o risco de sair de minha vida... E, se isso acontecer, ela não será ninguém em São Paulo! Não é o que ela deseja e, por isso, pode estar certa que ela engoliria qualquer sapo só para não ter de ficar sozinha novamente, só para não correr o risco de se ver abandonada e sem o respaldo de minha empresa.

Sylvia não alimentava nenhuma pretensão quanto a roubar Tomás de Jeanne ou, sequer de transformá-lo em seu amante. Como dissera para ele, sabia seu lugar na sociedade, sabia que não passava de uma recepcionista e que dificilmente poderia se adaptar a um ritmo de vida agitado e sofisticado como deveria ser o de Tomás ou de qualquer outro desse nível.

Assim, ela se limitava a aceitar os pequenos presentes que ele lhe oferecia, a adorar os jantares em restaurantes finos e a se achar a rainha de sua vida nos momentos que sucediam o amor, quando Tomás, exaurido, virava para o outro lado e dormia como um guerreiro cansado.

Como um guerreiro cansado e derrotado...

Era nesse momento que Sylvia, como qualquer mulher, sentia o gosto da vitória da fêmea sobre o macho. Ela, no fim, era a vencedora, ele estava ali, esgotado, derrubado, incapaz de fazer o que quer que fosse a não ser dormir, enquanto ela...

Bem...

Ela também estava satisfeita mas...

Se mais houvera, mais tivera...

Sylvia, no entanto, não tripudiava sobre sua vantagem.

Bem ao contrário, quando Tomás despertava, às vezes no meio da noite, com sede, os lábios ressequidos, os músculos doloridos de toda a ginástica desenvolvida em busca do prazer máximo, ela fazia questão de se levantar, de servi-lo, de acariciá-lo outra vez até que adormecesse ou, então, até que o desejo, qual chama rebelde, voltasse a se acender.

Sylvia soube conquistar Tomás.

Não que ela o quisesse e não que pretendesse o seu amor, a exclusividade ou, que fosse, um lugar como a amante estável, teúda e manteúda do milionário.

ganhou um lugar de respeito e de admiração no coração de Tomás e isso tornava o seu relacionamento muito mais natural e agradável do que a união com Jeanne.

Mesmo porque, por alguma razão que Tomás não conseguia explicar muito bem, Jeanne lhe punha um certo medo e Sylvia, ao contrário, fazia com que ele se sentisse o seu verdadeiro protetor, o braço que poderia defendê-la de qualquer perigo, de qualquer situação desagradável.

Por tudo isso, quando os dois se despediram, Sylvia chorou sinceramente, recusou o gordo envelope que Tomás queria que aceitasse e, em tom ofendido, falou:

— Estive com você esses dias todos por que quis, Tomás. Você me fez viver dias e noites de sonho, me fez sentir uma princesa bem amada... Para mim é mais do que suficiente. Não quero seu dinheiro, não sou uma profissional!

Tomás ficou sem jeito, abraçou Sylvia e disse, ao seu ouvido:

— Você não tem um amante, Sylvia... Tem um amigo. Para o que for, no dia em que precisar, conte comigo. Jamais terá uma negativa minha.



CAPÍTULO XVII

A partir desse dia, Jeanne passou a ser conhecida como uma pessoa mística, que sabia coisas e truques incríveis como, por exemplo, ler as cartas, ler as mãos e... Sabia como ninguém preparar pequenos encantamentos para se conseguir êxitos sentimentais.

Hilda cumprira a sua promessa de só revelar o segredo de Jeanne para pessoas escolhidas e de consultá-la a cada vez. E Jeanne, por seu lado, consultava Satã que lhe dizia para atender ou não determinada pessoa.

A francesa notou, curiosa, que Satã jamais a fazia recusar um atendimento e que a proibia de cobrar o que quer que fosse.

Perguntou-lhe a razão dessa atitude e o Príncipe das Trevas respondeu:

— Se você cobrar dinheiro ou mesmo favores, essas pessoas passarão a achar que têm direitos sobre você e sobre seu trabalho. E isso não é bom. É muito melhor que todos estejam sempre devendo algo, sem jamais saberem o que seja.

Satã riu e acrescentou:

— É como você... Sabe que me deve e que um dia eu hei de cobrar. Só que não tem a menor idéia do valor dessa dívida e nem quando vou resolver pedir que a resgate!

— Isso não é justo — protestou Jeanne pela milésima vez — Até hoje, acho que você não tem motivos para se queixar de mim...

Satã riu outra vez e desapareceu.

Essa conversa tinha sido cerca de quinze dias depois de Tomás ter ido para o Rio de Janeiro e de mais uma noite de delícias com o seu Mestre.

Assim, quando ele partiu, Jeanne ainda ficou acordada por alguns minutos, lembrando-se das sensações que tivera e procurando reviver cada uma delas...

Quando o sono começou a alcançá-la, lembrou do marido, lembrou que durante aqueles dias Tomás tinha ligado apenas três vezes para dar notícias...

— Ele deve estar muito ocupado — pensou — Deve estar trabalhando um bocado...

Foi com esse pensamento que ela adormeceu, procurando sonhar mais um pouco com Satã pois essa era a maneira mais simples de conseguir ao menos um simulacro de prazer...

Dois dias depois, Hilda telefonou.

— Jeanne, tenho um problema que você pode resolver mas é claro que você vai me dizer primeiro se quer ou não atender essa pessoa...

Jeanne encorajou a amiga a falar e ela continuou:

— Trata-se de um industrial. Um homem que lida com latas e que está com uma dúvida muito grande... Conversou ontem com o Ribeiro e este comentou comigo a respeito do assunto.

Hilda deixou escapar uma risadinha e falou:

— Eu o conheço muito bem... Até mesmo bem demais. Por isso, eu me senti muito à vontade para telefonar para esse... amigo... e perguntar-lhe se queria alguma sugestão...

— Você está querendo que eu dê a sugestão, não é isso? — indagou Jeanne.

— Na realidade — respondeu Hilda, depois de uma pausa — Estou querendo que você oriente o pobre homem...

Jeanne se concentrou um pouco e, depois de um pequeno silêncio, perguntou:

— Mas de que se trata? Quem é esse indivíduo?

Foi a vez de Hilda ficar calada por alguns segundos e, com voz relutante, ela murmurou:

— Nildo Fernandes... Você já deve ter ouvido falar dele.

Jeanne levou um susto.

Naquela época não havia quem não conhecesse Nildo Fernandes, um dos homens mais ricos do país e, é claro, um dos mais requisitados pelas mulheres da alta roda, fossem elas jovens ou já maduras...

Sem dar tempo a Jeanne de qualquer reação, Hilda prosseguiu:

— Nildo está em dificuldades, querida. Ele fez um investimento enorme e...

Nesse momento, Jeanne escutou a voz do Príncipe das Trevas dizendo:

— Ele jogou uma verdadeira fortuna na continuidade da guerra, Jeanne. Investiu em coisas que só poderão ter mercado se a guerra continuar no Pacífico e se Hitler não for derrubado! Mas nada disso vai acontecer e esse homem terá de perder tudo. Vai ficar na mais negra miséria, em resumo, vai ser um dos grandes estouros do mundo financeiro do Brasil. Recuse. Não o atenda e explique por que. Diga que não há o que fazer e que ele já pode contar como certa a sua derrota.

Jeanne suspirou.



Uma a uma, ela repetiu as palavras do Mestre para Hilda e finalizou dizendo:

— Não quero vê-lo. Não vai adiantar nada pois ele já está perdido.

Hilda ainda tentou demovê-la dessa idéia mas, não o conseguiu. Jeanne foi inflexível e, quando Hilda disse que Nildo poderia até se suicidar, Jeanne riu, falando:

— Talvez seja mesmo o melhor. Pode estar certa que gente como Nildo Fernandes é bom material para povoar o Inferno. O Demônio vai gostar de tê-lo por lá!

Não foi preciso mais do que um dia.

Nildo Fernandes pôs uma bala nos miolos depois de deixar uma carta onde explicava que assim agia por saber que não poderia suportar a vergonha de uma falência, principalmente em se tratando de uma falência onde mais da metade do dinheiro que ele usara era de amigos seus, de empresas em que ele tinha participação e que nele tinham confiado na expectativa de grandes e substanciais lucros.

Com a notícia, mais do que nunca Jeanne teve o seu nome respeitado. Todos, àquela altura, já tinham tido notícias de que ela era capaz de feitos exóticos e miraculosos, de adivinhações muito estranhas e precisas.

E isso, se por um lado era desagradável pois não parava de aparecer gente em sua casa para pedir conselhos e para tentar ver o futuro, por outro, fazia com que Jeanne tivesse abertas para si todas as portas da sociedade.

Porém, Jeanne estava começando a se cansar daquilo tudo...

Seu marido deveria chegar em breve e ela queria um pouco de paz e de privacidade.

Com aquela multidão desfilando em sua porta, isso seria impossível.

De mais a mais, aquilo não lhe rendia mais nada. Fama, já a tinha e dinheiro era o tipo da coisa de que não precisava, uma vez que Tomás se encarregava de ganhá-lo para que ela pudesse gastar a rodo, sem a menor necessidade de fazer qualquer espécie de economia.

Assim, logo depois da morte de Nildo Fernandes, quando as hostes de curiosos e de desesperados mais se aglomeravam em frente ao seu edifício, Jeanne resolveu pedir auxílio ao Demônio.

— Não quero mais essa história — disse ela para o Príncipe das Trevas — Não é assim que eu pretendo me impor à sociedade!



Satã riu, deixando Jeanne irritada. Por que ele tinha de rir sempre que ela lhe pedia alguma coisa?

— Não se preocupe. O que eu queria com a sua capacidade de prever o futuro, com a sua clarividência e clariaudiência, já consegui atingir — disse ele — Você está respeitada e famosa, agora... precisa ser temida.

Passou as mãos ao longo dos braços de Jeanne e falou:

— Quando o dia amanhecer, você vai atender os três primeiros que aparecerem aqui. Estarão acompanhados e serão pessoas saudáveis que estarão procurando por você para resolver assuntos que nada têm a ver com a saúde. Porém, você vai predizer-lhes a morte... E do resto, cuido eu!

Jeanne estremeceu e, horrorizada, perguntou:

— Mas você vai matar essas pessoas?!

Satã soltou uma gargalhada.

— Matar? — fez ele — Mas o que é isso? O que é morrer ou viver? Será que vocês, reles mortais ainda não compreenderam que isso a que chamam Vida, não é mais do que uma muito breve transição do estado natural das coisas que é a Morte? Já procurou pensar que os espíritos, estejam onde estiverem, têm a eternidade pela frente e que o período em que eles permaneceram aqui na Terra é por demais curto para ser valorizado?

Com essas palavras, Satã desapareceu, deixando Jeanne frustrada pois ela tinha a esperança de que, naquela noite, eles ainda teriam tempo para uma sessão de amor...

Na manhã seguinte, as palavras de Satã ainda estavam ecoando nos ouvidos de Jeanne quando Serafina disse que havia uma porção de gente querendo conversar com ela.

— A senhora faria bem se montasse um terreiro, dona Jeanne — falou a empregada — Poderia até ganhar muito dinheiro...

— Não estou incomodada com dinheiro, Serafina — replicou ela com enfado — O que eu quero é paz... Paz para poder usufruir do que eu já tenho. E esse povo todo não me deixa um segundo só de sossego.

Jeanne abriu a porta e olhou para as três primeiras pessoas.

Com gestos teatrais, cobriu o rosto com as mãos e disse:

— Não! Não vou atender ninguém! Vejo a Morte rondando... Vejo tragédia para estas três pessoas!

Assim dizendo, fechou a porta e foi para a janela ver o que iria acontecer.

— Não precisou esperar muito.

Os três primeiros da fila que, certamente ali estavam havia horas, saíram do prédio reclamando, pisando duro, dizendo que era um absurdo serem tratados daquela maneira.

Juntos — dois homens e uma mulher — começaram a atravessar a rua...

Jeanne viu antes de todos pois, como estava à janela do apartamento, tinha um campo de visão muito mais amplo.

O caminhão dos bombeiros virou, apressado, vindo da Avenida Angélica.

Não houve tempo nem mesmo de breicar...

Os três foram colhidos em cheio, arremessados à distância e, quando caíram no chão, já estavam, mortos.

Uma a uma, as pessoas que ali estavam esperando para falar com a francesa, foram indo embora.

Jeanne sorriu e não pode deixar de pensar que o ser humano é de fato muito engraçado... Todos querem saber o futuro, todos querem saber o que o Destino está-lhes reservando. Porém, no momento em que descobrem, que isso pode de fato acontecer, preferem ficar na ignorância, sem saber de coisa nenhuma, sem ter de conviver com o conhecimento de fatos desagradáveis que lhes serão impossíveis modificar.

Jeanne conseguiu a paz que estava desejando.

Hilda ainda telefonou mais algumas vezes tentando fazê-la atender algumas amigas mas Jeanne perguntou se ela queria que as amigas soubessem de coisas desagradáveis e trágicas.

— Coisas como por exemplo o nome da amante de seus maridos... — disse Jeanne.

Ora... Uma das amantes em questão não era outra senão a própria Hilda...

Assim, ela acabou desistindo.

E Jeanne pode se dedicar a esperar a chegada de Tomás já sabendo que ele viria ansioso, carente de amor e disposto a simplesmente arrebatá-la com a sua paixão.

Tomás chegou, finalmente, depois de uma ausência que pareceu um século para Jeanne.

Na verdade, ela não estava sentindo falta de Tomás como homem, como companheiro ou, que fosse, como o pagador de suas contas. Ela tivera o Mestre como amante por diversas vezes, não ficara sozinha em nenhum instante — tivera até de tomar providências para que não ficasse com companhia demais — e quanto a dinheiro, Tomás, antes de partir para o Rio de Janeiro, deixara com ela uma gorda importância e isso sem contar que ela poderia à hora que bem quisesse, lançar mão das contas bancárias que tinha em seu próprio nome, devidamente sustentadas pelo marido.

Porém, Jeanne sentiu a ausência de Tomás.

Havia alguma coisa, uma sensação estranha que deixava a mulher ansiosa e um pouco angustiada. Parecia que lhe faltara um pedaço durante aquelas semanas que Tomás não estivera ao seu lado.

Depois que ele voltou para casa, quando os dois estavam sozinhos na sala, ele contando a respeito dos negócios que realizara na capital e ela falando a respeito das últimas novidades na sociedade paulistana, Jeanne comentou com Tomás a respeito dessa sensação de falta que a aborrecera durante a sua ausência.

Com uma expressão sarcástica, ela murmurou:

— Não imaginava que pudesse amá-lo tanto...

Beijou-o, mostrando-lhe que estava disposta a matar essas saudades de uma maneira muito especial e Tomás, sério, replicou:

— Não é amor, Jeanne. Você apenas sentiu falta de seu escravo...

Assim dizendo, Tomás levantou do sofá e saiu da sala.

Jeanne ficou olhando para ele, atônita.

Sentira em sua aura algo de diferente, notara que o interesse que Tomás sempre tivera por ela estava um pouco modificado...

Um pouco?!

Não!

Estava muito modificado pois ele apenas a beijara, até rapidamente demais e, mesmo que Jeanne tivesse posto esse desinteresse na conta do cansaço da viagem do Rio de Janeiro até São Paulo, ainda assim era estranho.

Em outras ocasiões, mesmo muito mais cansado, ele ainda tivera energia e interesse bastante para passar a metade da noite em claro, em alucinantes ginásticas amorosas!



Por um momento, Jeanne pensou em tomar satisfações. Mas, pensando um pouco melhor, ela chegou à conclusão que não teria o menor cabimento. Ele, de fato, deveria estar esgotado pela viagem e, ainda por cima, bastante preocupado.

Afinal de contas, no dia seguinte e provavelmente no restante da semana, teria ainda muito trabalho para pôr em dia tudo o que ficara para trás por causa da sua ida ao Rio de Janeiro e isso, sem contar que teria de viabilizar todas as transações que engatilhara na Capital Federal.

Para um homem do nível de responsabilidade de Tomás, essas preocupações contavam muito, inclusive em sua maneira de se relacionar com as pessoas. Assim, o melhor que ela faria era esperar um pouco e, se fosse o caso, conjurar Satã...

CAPÍTULO XIII

Durante o ano e meio que se seguiu, Jeanne esteve muito ocupada com sua agenda de obrigações sociais, com visitas, festas, reuniões e atividades as mais diversas.

Desde que ela fizera aquelas poucas sessões de profecias e desde que acertara de uma maneira tão impressionante em suas predições, ela passou a ser, como dissera o Príncipe das Trevas, não apenas respeitada, mas principalmente temida. E isso fazia com que as pessoas jamais deixassem de convidá-la para qualquer coisa que inventassem.

E como na verdade Jeanne não desejava outra coisa, sentia-se feliz e realizada recebendo telefonemas, convites, chamadas para comparecer a palestras e toda sorte de futilidades que as madames da alta sociedade que não têm o que fazer, costumam inventar.

As atividades sociais da francesa eram tantas, que ela nem sequer teve tempo para reparar que o marido estava cada vez mais distante e que nem sequer a procurava com a mesma frequência de antes.

Jeanne chegava em casa tarde, não encontrava Tomás que, segundo o recado de Serafina, telefonara dizendo que tivera uma reunião e por isso, não jantaria com a esposa.

Recado, na realidade, inútil pois Jeanne já jantara fora, ela também... Só que, é claro, não tivera a delicadeza de avisar.

Da mesma maneira que se esquecera de Tomás, Jeanne também não se lembrou do Mestre.

Estava ocupada, tinha muito em que pensar e não se lembrara nem mesmo de conjurá-lo para perguntar o por quê do comportamento de Tomás no dia em que chegara.

Parecia que nada mais tinha qualquer importância para ela... O que a interessava era a sua projeção social, a certeza de uma sólida conta bancária e os olhares de respeito, admiração e temor que despertava quando aparecia em algum lugar...

Tomás, por sua vez, estava muito satisfeito com a situação.

Desde que percebera que Jeanne era a dominadora, era aquela que fazia e desfazia ao seu bel prazer, começara a nutrir uma certa raiva da mulher e... Por vezes, chegou a pensar em separação.



Porém, tudo se sabe na sociedade...

E Tomás logo ficou sabendo do que acontecera em sua casa enquanto estivera no Rio de Janeiro.

No começo, foi difícil acreditar que Jeanne pudesse ter esse tipo de dom, essa tendência a ser clarividente mas, se contra a voz da maioria já é quase impossível ter argumentos, contra provas...

E havia provas.

O caso de Nildo, por exemplo, a morte das três pessoas que tinham sido praticamente expulsas da casa de Jeanne... E isso, sem falar dos inúmeros casos de impotência sexual, de frigidez, de traição que sua mulher tinha resolvido.

De posse dessas informações e vendo-as comprovadas, Tomás achou melhor não mexer com Jeanne pelo menos por enquanto...

Não que ele acreditasse piamente nessas coisas mas, como bom quatrocentão, tinha sido criado por uma empregada negra, filha de escravos e que lhe contara tantas e tantas coisas a respeito de espiritismo, de bruxarias e de feitiçarias as mais diversas, que ele, por uma questão até de reflexo condicionado, tinha medo de mexer com qualquer coisa que lhe cheirasse a sobrenatural.

Dessa maneira, se ele já tinha uma certa reserva em relação à parte espiritual de sua esposa, era mais do que claro que passasse a temê-la e, algumas vezes, surpreendeu-se a se persignar depois de cruzar com ela no corredor do apartamento pela manhã...

— Nada de separação — dizia para si mesmo — De repente, ela me roga uma prece e meus negócios vão para o bebeléu...!

Era preferível aguentar, engolir mais alguns sapos e, depois... Bem...

Um dia, a corda haveria de estourar.

Provavelmente quando ele tivesse de voltar ao Rio de Janeiro e reencontrasse Sylvia.

A vida do casal seguia nesse ritmo, sem que nenhum dos dois se decidisse a parar para pensar e interpelar o outro embora houvesse razões de sobra para tanto quando, numa manhã de segunda-feira, Tomás entrou no escritório, na Praça Patriarca, e surpreendeu-se ao ver Sylvia à sua espera.



Ela estava mais bonita do que nunca, um pouco mais cheia de carnes, o busto parecendo maior e mais generoso, os cabelos arrumados num penteado elegante.

Tomás não pode deixar de notar que ela estava vestida com simplicidade o que contrastava um bocado com a maneira como a moça se trajava lá no Rio de Janeiro.

E...

Sylvia trazia no colo uma criança de pouco menos de um ano de idade.

Um pouco perturbado pela surpresa e intrigado com o fato de ela ter vindo procurá-lo em São Paulo após mais de ano e meio, Tomás convidou-a a entrar em sua sala, dizendo:

— Mas é uma surpresa extremamente agradável, Sylvia! Vamos entrar... Acho que depois de tanto tempo...

Sylvia, sempre carregando a criança, passou para o interior do gabinete de Tomás e disse, assim que ele fechou a porta:

— Sim, Tomás... Depois de todo esse tempo, é claro que nós temos muito o que conversar.

Sorriu e acrescentou:

— Aliás, nós três...

E, mostrando a criança para Tomás, disse:

— É pena que sua filha, Simone, ainda não saiba falar...

Tomás sentiu, de repente, que o chão faltava sob suas pernas.

Sentou-se, depressa, na poltrona ao lado de Sylvia e balbuciou:

— Não entendi direito... Você disse... que essa criança...

Sylvia o ajudou:

— Isso mesmo, Tomás... Simone é sua filha.

Tomás balançou a cabeça negativamente e murmurou, quase em pânico:

— Não... Isso não é possível... É um pesadelo... Não pode estar acontecendo comigo!

Muito séria, Sylvia falou:

— Eu estava esperando por isso, Tomás. Assim, seu comportamento e sua reação, não me chocam... Não está sendo nem um pouco diferente do que imaginava.

Tomás olhou para a menina nos braços da mãe.

Ele vira muitas e muitas fotografias suas quando bebê... E era mais do que evidente a extrema semelhança.

— É a sua cara — sorriu Sylvia, nervosa.

Tomás não conseguiu deixar de sorrir e, num gesto involuntário, estendeu a mão acariciando o queixo de Simone.

A menina sorriu, Tomás teve, de repente, uma estranha sensação...

Olhou para Sylvia e perguntou:

— Mas... Tem certeza de que é minha filha?

— Sim — respondeu a mulher, com calma e segurança — Depois de você, não houve outro homem em minha vida e antes...

Deu um sorriso e murmurou:

— Acho que você se lembra como eu estava... Deve se lembrar que eu parecia uma louca, não é mesmo?

Tomás fez um sinal afirmativo com a cabeça e sorriu. Era mais do que vívida em sua memória a lembrança daqueles dias, a excitação de Sylvia e a ânsia que mostrava em encontrar e gozar o prazer

— Fazia mais de um ano que eu não tinha nada com homem nenhum... — disse ela.

Tomás respirou fundo, voltou a olhar para a menina.

Sim... Ela era linda. Linda e sorridente, parecendo até reconhecê-lo, parecendo que sabia ser ele o seu pai.

— O que quer de mim? — indagou Tomás — Dinheiro para não fazer um escândalo?

Sylvia olhou torvamente para ele e disse, com uma expressão de profunda tristeza em seu rosto:

— Não quero seu dinheiro, Tomás... Não pretendo fazer escândalo nenhum.

Esboçou um sorriso nervoso e falou:

— Não posso negar que gostaria muito de tê-lo ao meu lado, de ser sua esposa e de vê-lo como o pai de nossa filha... Mas sei que isso é um sonho impossível. Você tem a sua vida, o seu mundo, a sua sociedade à qual eu jamais conseguiria pertencer.

Tomando fôlego, Sylvia disse:

— Não é nada disso o que eu quero.

— ...então...? — fez Tomás, ansioso.

Sylvia fitou-o com intensidade.

— Quero que minha filha tenha um pai... Nada mais que isso. Não quero que ela cresça com uma certidão de nascimento onde apareça em branco a linha onde deveria figurar o nome de seu pai. É isso o que eu quero e é isso que hei de conseguir. Se for preciso, lutarei e, então sim, é muito provável que aconteça um escândalo.

Tomás suspirou.

Sylvia tinha razão. Se ela entrasse na Justiça com um processo de investigação de paternidade, com certeza ele conseguiria provar que não era o pai. Melhor dizendo, muito dificilmente, ela conseguiria convencer o Juiz de que ele era o pai. Especialmente em se

levando em conta que a Justiça sempre tem uma certa tendência para facilitar as coisas para os que têm mais posses, mais recursos para lutar e, conseqüentemente, mais armas.

O dinheiro é a arma da sociedade...

Mas, haveria o escândalo...

E um escândalo não faria bem para a posição de Tomás Camargo.

Depois...

Aquela menina era tão bonitinha... Sorria tanto para ele...

Tomás, num gesto instintivo, involuntário, apanhou Simone das mãos da mãe.

Simone ampliou o sorriso, estendeu as mãozinhas para tocar o rosto dele...

Era incrível...

Mas, de repente, Tomás achou que sua menor obrigação era reconhecer aquela criança como sendo sua filha.

— Você não vai criar mais casos no futuro? — indagou ele para Sylvia sabendo muito bem que era uma pergunta inútil.

— Você tem a minha palavra — falou ela — Não quero mais nada além de você assumir a paternidade.

Tomás, ainda segurando a criança nos braços, murmurou:

— É uma garantia muito frágil, não acha?

Sylvia sorriu.

Pegando de volta Simone, ela falou, com determinação:

— Tem razão. É frágil e abstrata. Apenas uma promessa minha, será sempre ancorada somente por minha palavra. Mas, você tem a garantia sólida e concreta de que eu vou lutar para conseguir provar que você é o pai, se isso for necessário.

Devolvendo Simone para Tomás pois esta se agitava querendo ir para o colo do pai, acrescentou:

— Eu poderia tê-lo procurado logo que soube da gravidez. Poderia ter feito um escândalo dos maiores e poderia ter vindo falar com você logo que Simone nasceu. Mas não. Quis esperar pois achei que o tempo seria um bom conselheiro tanto para mim quanto para você.



A menina estava brincando com o queixo de Tomás, emitindo alguns sons ininteligíveis e sorrindo muito.

— Você foi muito esperta — disse ele, rindo — Sabia que eu não conseguiria resistir a esse rostinho...

Sylvia permaneceu em silêncio, sentindo o coração bater mais depressa.

— Está certo — disse Tomás — Vou reconhecer Simone. Ela levará meu sobrenome mas...

Sylvia ergueu os olhos para ele e Tomás arrematou:

— Mas você terá de aceitar uma ajuda de custos pois eu não quero que minha filha passe por dificuldades. Além disso, terá de manter segredo. A existência de Simone só deverá ser posta à tona no momento que eu decidir.

Sylvia concordou. Ela não tinha muita escolha e a proposta de uma ajuda de custos não era nada ruim pois Sylvia estava desempregada desde o início da gravidez, vivendo de pequenos serviços e enfrentando enormes necessidades.

Ela tinha ido a São Paulo apenas com a intenção de convencer Tomás a reconhecer a filha. Mas, se ele estava disposto a outras coisas além disso, ela só tinha que agradecer aos bons espíritos que lhe estavam proporcionando essa chance.

Emotiva, Sylvia sentiu as lágrimas escorrerem por suas faces enquanto, em sua memória, aparecia a cena que vivera dezesseis meses atrás, num terreiro de Umbanda...

A Mãe-de-Santo, uma negra enorme, usando um vestido branco e rendado, com um colar de conchas e de contas no pescoço, inclinou-se para a frente e soprou no rosto de Sylvia a fumaça fétida do charuto que estava fumando.

A moça, já nervosa, tensa e sensível, sentindo a cada vinte minutos os enjôos da gravidez de dois meses, surpreendeu-se por não vomitar com aquele cheiro.

— Você está grávida — disse a Mãe-de-Santo — E vai ter essa criança.

Sylvia queria dizer que não era isso que estava pretendendo, que, muito pelo contrário, queria dar um jeito de tirá-la, mesmo sabendo que correria um enorme risco de vida.

Porém, não o conseguiu. Sua voz estava presa na garganta, parecia-lhe não ter forças

para soltá-la ou, ainda, parecia não ter condições materiais e físicas de pronunciar uma só palavra.

A Mãe-de-Santo continuou:

— Essa criança significa muito para você e há de significar muito mais para outras pessoas. Vai despertar o amor e também vai despertar o ódio. Será protegida e será atacada. Passará por momentos ruins e por momentos muito bons...

Sylvia, ouvindo-a dizer essas frases, não pode deixar de pensar que na vida de todos essas situações inevitavelmente ocorrem. Todos têm momentos bons e momentos ruins, todos

despertam o amor e também o ódio... O que a Mãe-de-Santo estava dizendo não era novidade nenhuma...

A preta, esboçou com dificuldades alguns passos de uma estranha dança e, afastando-se de Sylvia apanhou sobre a mesa baixa que lhe servia de altar, um ramo de arruda.

Agitou-o sobre o ventre da moça enquanto pronunciava uma oração de que Sylvia não conseguiu entender uma só palavra.

Depois, com um estremecimento, a Mãe-de-Santo falou:

— O pai dessa menina é muito rico e importante mas você não irá incomodá-lo até a criança estar com nove meses. Depois de nascida... Aí sim, irá procurá-lo e irá fazer com que ele a reconheça como filha. Mas não exija mais nada além disso, mocinha... E, depois, tome muito cuidado... Muitas forças do mal serão chamadas para acabar com você e com sua menina...

— Mas é uma menina? — indagou Sylvia.

— Sim — respondeu a Mãe-de-Santo — É uma menina. E será muito bonita, ainda mais bonita do que você...

Pousou ambas as mãos sobre a cabeça de Sylvia, fechou os olhos e ficou assim, imóvel e em silêncio por quase dois minutos. Depois, falou:

— Ela vai se chamar Simone. Vai estar protegida quando encontrar o seu homem mas, até lá, tanto ela quanto você estarão à mercê das forças do mal. Será preciso tomar muito cuidado. Mas muito cuidado mesmo, pois Exu pode aparecer e querer tomá-la de você.

Sylvia estremeceu. Ela conhecia muito bem os poderes de Exu e sabia que as palavras da Mãe Antônia significavam que ela e sua filha estavam sujeitas a muitos perigos, até mesmo a perigos de vida.

— O que eu devo fazer, Mãe Antônia? — perguntou Sylvia, aflita.

— Por enquanto, nada — respondeu a Mãe-de-Santo — Mas, quando você encontrar outra vez com o pai de Simone, receberá o sinal de proteção.

A preta sorriu e Sylvia percebeu que jamais poderia esquecer a candura que havia em seu olhar.

— Agora vá, minha filha — falou ela — Vá e cuide muito bem de você e de Simone. Lembre-se sempre que a vida é muito curta para tudo o que se tem para fazer nesta Terra e, assim, é muito importante que se tenha a continuidade de você mesma em sua filha...

Sylvia deixou o terreiro de Umbanda com uma agradável sensação de alívio.

Sabia que teria uma menina, que ela seria muito bonita e que, de qualquer maneira, não deveria procurar Tomás antes que ela completasse nove meses...

É claro que Sylvia ficara preocupada com algumas das coisas que Mãe Antônia dissera...

— Tomarei cuidado — pensou — E nada de ruim há de acontecer, seja para Simone, seja para mim.

Simone...!

Era um bonito nome e possivelmente, mesmo que não tivesse conversado com a Mãe-de-Santo, seria um dos que Sylvia teria para escolher.

Perguntou-se por que deveria esperar tanto tempo antes de procurar Tomás. Ela bem que gostaria de lhe dar a notícia mas, por outro lado, tinha consciência de que ele não gostaria de saber que Sylvia estava grávida.

Percebeu que as palavras de Mãe Antônia, mais uma vez, eram carregadas de sabedoria.

Sim, seria muito melhor que Tomás soubesse da existência da filha mais tarde, quando não houvesse a menor possibilidade de Sylvia ser pressionada a abortar ou, ainda, a dar a criança para adoção.

Sorriu consigo mesma, descendo o morro em direção à sua casa e pensou:

— O melhor que eu faço é seguir direitinho as recomendações de Mãe Antônia... E é isso mesmo o que farei!



Sylvia estava maravilhada...

Deixaram o Cartório do Registro Civil perto da hora do almoço, ela já segurando a Certidão de Nascimento da filha onde figurava, como pai, o nome de Tomás Camargo.

A primeira parte de seu sonho estava realizada. Sua filha tinha um pai, não era mais fruto de um amor desconhecido, ela não teria necessidade de explicar, mais tarde, com palavras dúbias e difíceis, a sua origem.

Era filha de Tomás Camargo e isso era o bastante.

— Onde você está, aqui em São Paulo? — perguntou Tomás.

— Na casa de uma tia — respondeu Sylvia — Devo voltar para o Rio de Janeiro amanhã.

Sorriu e acrescentou:

— Já consegui o que estava querendo, Tomás. Nada mais me resta a fazer aqui em São Paulo.

Tomás ficou em silêncio por alguns momentos e, entrando numa joalheria, comprou uma correntinha para Simone e uma outra para Sylvia.

— Escolha as medalhas — disse Tomás, com um sorriso — Acho que durante a gravidez e mesmo durante o parto, você deve ter rezado para algum santo, não é mesmo?

Sylvia não respondeu. Não podia dizer a ele que rezara, sim... Rezara muito, pedindo a Santa Rita de Cássia e a São Jorge que a ajudassem a realizar o sonho de convencer Tomás.

Assim, com esses dois santos na cabeça, ela procurou entre as muitas medalhas que havia no mostruário da joalheria, uma que representasse Santa Rita e outra, São Jorge.

Em menos de trinta segundos, ela encontrou o que queria. Na verdade, era até mais do que esperava pois as medalhas que apanhara tinham de um lado Santa Rita de Cássia e do outro, São Jorge matando o dragão.

Tomás pôs as correntinhas pessoalmente no pescoço de Sylvia e de Simone e, saindo da joalheria, disse:

— Estou abrindo um escritório de representações aqui em São Paulo. É claro que vou precisar de uma pessoa responsável e que possa cuidar de tudo. Se você quiser, será a melhor maneira de poder lhe dar uma pensão sem que isso venha chamar muita atenção na contabilidade de minha firma.

Sylvia assentiu com um sinal de cabeça, querendo dizer de viva voz o quanto estava agradecida mas, a emoção embargou-lhe a voz. Foi só depois de alguns momentos que ela conseguiu dizer:



— Muito obrigada, Tomás... Não esperava que você fosse tão bom...

Tomás não retrucou. Limitou-se a beijar a testa de Sylvia e a fazer um carinho no rosto de Simone.

Fez sinal para um táxi e, pondo um maço de dinheiro na mão de Sylvia, acrescentou, ele também com a voz embargada:

— Volte aqui amanhã. Deixe Simone com sua tia e volte para que possamos regularizar a sua situação e para que tudo possa ficar bem acertado, sem riscos para mim e sem desvantagens para você.

Viu o carro se afastar e, acenando em despedida para Sylvia, respirou fundo. Era engraçado. Mas fazia muito tempo que ele não se sentia tão bem...

CAPÍTULO XIX

Se a vida de Sylvia sofrera uma modificação radical, a de Tomás também mudara e muito.

De repente, ele se conscientizara de que tinha uma filha e de que isso era muitíssimo importante em sua existência, talvez o fato mais importante de todos.

Seu relacionamento com Jeanne, que já estava muito diferente do que era no início, parecia se deteriorar a cada dia, os dois discutindo com frequência e não conseguindo chegar a nenhum entendimento em quase todos os aspectos da vida cotidiana.

Provavelmente, num relacionamento normal, com uma mulher normal, as coisas tivessem estourado desde que Tomás voltara do Rio de Janeiro. Porém, Jeanne estava longe de poder ser considerada como normal. Para ela, o que interessava era o dinheiro, a posição conquistada, o respeito — e por que não dizer? — o temor que inspirava em todas as outras pessoas.

Assim, ela foi se distanciando de Tomás, foi mostrando claramente quais eram os seus verdadeiros interesses naquele relacionamento e...

Chegou ao ponto em que passaram a dormir em quartos separados.

Não houve uma briga, uma discussão mais séria que a forçasse a tomar essa decisão. Tampouco o casal teve uma longa conversa em que se chegasse à conclusão que, para o bem da união entre os dois e para o bem da convivência pacífica naquela casa, o ideal seria cada um fazer a sua vida e, logicamente, passarem a dormir em quartos separados. Nada disso aconteceu. Foi algo natural. Fazia já alguns meses que eles já nem se encontravam mais, Tomás sempre com muitas coisas para fazer e Jeanne, por sua vez, ocupadíssima com suas atividades sociais. Muitas noites, chegando tarde em casa, Tomás dormira no quarto de hóspedes não apenas para não incomodar a mulher com a sua entrada tardia no quarto do casal, mas principalmente para não correr o risco de ter de conversar com ela, ou de ter de arrumar explicações que lhe seriam penosas. E mentirosas.

Sim...

Muitas dessas noites que Tomás chegara tarde, ele não estivera em outro lugar senão no apartamento de Sylvia, conversando com ela e vendo sua filhinha, tendo o prazer de pô-la para dormir, de vê-la adormecer como



um anjinho, a chupeta na boca, a mãozinha segurando uma ponta de fralda...

— Ela só dorme assim — dizia a mãe — Se não estiver segurando uma fralda, não consegue adormecer...

Depois que Simone dormia, os dois ficavam conversando na sala, falando sobre as atividades do dia. Tomás sentia-se bem ali, naquele apartamento pequeno, com móveis simples e sem nenhum requinte.

Muitas e muitas noites ele teve vontade de dizer para Sylvia que se mudaria em definitivo para sua casa, que mandaria Jeanne para o inferno e que se danasse o inevitável escândalo.

Mas, o comportamento de Sylvia o impedia.

Ela o tratava muito bem, era carinhosa, meiga, sempre tinha um prato de bolo ou de salgadinhos para ele mas...

Não permitia a menor aproximação.

Certa vez, quando ele tentara, Sylvia se afastou, dizendo:

— Não, Tomás. Não quero. Não quero voltar a me apaixonar e não quero alimentar qualquer esperança. Não fui feita para você. Deixe-me em paz com a minha filha, continue a ser como tem sido, por favor... Imagine que você e eu somos um casal separado. Nada mais do que isso.

Não era exatamente o que Tomás gostaria de ter ouvido mas, raciocinando mais friamente, ele chegou à conclusão que Sylvia estava com a razão. Os dois podiam se dar muito bem na cama mas, Sylvia jamais se adaptaria à vida de sociedade que seria obrigada a ter se estivesse casada com ele.

Além disso, havia Jeanne...

Jeanne o intimidava...

Tinha certeza que, com Jeanne, as coisas não seriam tão simples quanto foram com Beatriz. A francesa faria o diabo para não perdê-lo pois sabia que toda a sua posição e influência era decorrente de estar casada com ele. E Jeanne não estava disposta a abdicar de nada daquilo.

— melhor deixar as coisas como estão — disse para si mesmo — Sylvia e Simone estão bem, estão perfeitamente assistidas, têm a vida garantida... O resto... Há de ser sempre e tão somente o resto.

Assim dizendo, Tomás se dedicava ao trabalho com toda a vontade, vivia em função de suas atividades profissionais e, é claro, isso só fazia com que sua fortuna aumentasse a cada dia. Tinha, sempre, uma sombra de tristeza por não poder comentar que tinha uma filha, uma certa frustração por não estar com Sylvia e uma raiva intensa de si mesmo por continuar com Jeanne, partilhando uma vida sem no entanto, de fato reparti-la.

Esses sentimentos se manifestavam com mais intensidade quando, no final do expediente, ele e alguns amigos se reuniam em um

bar da moda para um aperitivo antes de voltar para casa.

Nesses momentos, era proibido falar de trabalho e assim, o assunto invariavelmente girava em torno da vida doméstica de cada um. Tomás ouvia, com inveja e tristeza, os colegas comentarem a respeito de suas famílias, de seus filhos, dos planos e dos sonhos que faziam...

Ele, apesar de casado, não tinha o que comentar.

Falar o quê? Que Jeanne estava, nas últimas três semanas ocupadíssima com palestras sobre espiritualismo? Ou que Jeanne tinha mandado reformar a cozinha do apartamento? Ou que fazia já um bom tempo que ele não se deitava com a mulher? Ou será que ele poderia falar que tinha, também uma filha, que ela estava crescendo linda e que passava às vezes, horas seguidas conversando com ela? Ou, ainda, que muitas tardes, quando dizia no escritório que precisava ir a Santos para resolver algum negócio importante, ele tinha era ido para a casa de Sylvia, apenas para poder ir buscar Simone no Jardim de Infância?

Mas ele não podia falar nada disso. Tinha de manter silêncio, guardar esse segredo. Tinha de se mortificar, abafar um sentimento que ele não sabia que poderia ter: o amor paterno.

Por sua vez, Jeanne continuava a sua vida.

Normalmente, como se o mundo girasse ao seu redor, como se nada a pudesse abalar e agindo como se tivesse o indiscutível direito de dominar todos, de exigir de todos e de fazer com que quem quer que dela se aproximasse, ficasse numa posição de inferioridade absoluta.

Evidentemente, ela percebera que Tomás mudara...

Já pelo seu desinteresse em procurá-la, Tomás estava diferente e qualquer mulher logo imaginaria que ele estava mantendo uma amante ou que, na melhor das hipóteses, estava doente, sem qualquer libido.

Porém, para Jeanne, isso não interessava muito. O que ela queria, era que Tomás não a abandonasse de repente, deixando-a sozinha e desamparada do ponto de vista da sociedade. Jeanne sabia muito bem que, sem Tomás, ela não seria ninguém, por mais dinheiro que tivesse, por mais poder que pudesse demonstrar.

Sim, mesmo sendo considerada por muitos como uma autêntica feiticeira, ela não mais seria respeitada. Passaria a ser simplesmente temida mas, respeitada, requisitada para festas e reuniões, convidada para participar de todas as atividades sociais da cidade, isso, ela sabia que não seria mais.

Assim, Jeanne preferiu calar e não fazer perguntas ao marido.

O que, é claro, não a impediu de conjurar Satã — afinal, se Tomás não tinha a menor necessidade de mulher, ela tinha necessidade de seu Mestre — para lhe perguntar, antes do prazer, por que razão o marido estava se comportando daquela maneira.

— Você ainda não precisa saber, Jeanne — disse o Príncipe das Trevas — Mas fique tranquila... Minha mão está por trás de tudo e Tomás não conseguirá se libertar de você até o seu último instante de vida.

Essa informação tranqüilizou Jeanne. Se Satã estava dizendo que as coisas seriam assim, então não havia o que temer. E se ele dissera que não precisaria saber de nada por enquanto, nesse caso, para que o desgaste de uma discussão em busca de explicações que muito provavelmente seriam mentirosas?

O melhor a fazer era deixar passar o tempo, procurar aproveitar o mais possível o dinheiro de Tomás e, todas as vezes que pudesse, fazê-lo comprar alguma coisa de valor para ela de maneira a ir formando um patrimônio particular pois...

— Nunca se sabe... — pensava — Satã pode estar enganado... Pelo que li, ele não é infalível e pode perfeitamente, errar em suas predições!

Para Sylvia, a vida parecia sorrir.

Simone crescia bem, cheia de saúde e de energia, esperta, alegre e inteligente.

Seu relacionamento com Tomás era excelente e, quando Sylvia a via nos braços do pai, tinha certeza de que ali havia amor e, principalmente, identidade. Muitas vezes, Tomás dissera que, por ele, viria de imediato morar com elas mas...

Havia empecilhos muito sérios...

Sylvia sorria e falava que não daria certo, explicava que ela não tinha sido feita para um homem como ele e que o melhor era deixar as coisas como elas estavam.

E, assim dizendo, ela se lembrava das palavras de Mãe Antônia quando voltara ao Rio de Janeiro para agradecer à Mãe-de-Santo e aos Orixás todas as graças recebidas.

— Não queira esse homem como marido — dissera Mãe Antônia — Fique satisfeita com o fato de ele ter assumido sua filha.

— Mas por que? — indagara Sylvia que, durante a viagem,

alimentara a esperança de voltar a ter Tomás dentro de casa, como seu homem, seu marido e pai de sua filha, formando eles três uma família normalmente constituída.

— Há muita maldade ao redor dele, minha filha — respondera a preta — E se ele estiver definitivamente em sua casa, o perigo que o cerca poderá recair sobre você s duas! Simone ainda é pequena demais para se defender e, assim, cabe a você evitar que ela seja mais ameaçada do que já está sendo!

E, com voz preocupada, acrescentara:

— Há um Exu muito perto de Simone... Um Exu muito poderoso e que eu não conseguirei mandá-lo embora. Esse trabalho não pode ser feito, pelo menos, não pode ser feito agora. O máximo a fazer é defender e proteger Simone, minha filha. E isso será mais fácil se Tomás não estiver morando com vocês. Caso contrário, apesar de tudo parecer muito bom, as duas estarão correndo um grande perigo!

Durante semanas, já de volta a São Paulo e começando a trabalhar para Tomás, Sylvia pensou nas palavras de Mãe Antônia. Chegou a pensar que ela estivesse enganada pois não conseguia enxergar de que maneira pudesse haver maldade ao redor de Tomás.

Era um homem boníssimo, bom patrão, excelente negociante... Parecia que onde quer que ele pusesse as mãos, o dinheiro brotaria, farto, abundante...

E, no entanto, Mãe Antônia jamais se enganara...

Um dia, Sylvia conheceu Jeanne.

A francesa precisara de uma assinatura do marido e fora atrás dele no escritório.

Ficou impressionada com a beleza de Jeanne, achou-a linda, perfeita, até mesmo simpática...

Porém, havia alguma coisa nela que a amedrontava e que a fez sentir um desejo imenso de fugir dali.

Não soube dizer, de imediato, o que a impressionava tão negativamente mas, quando Jeanne saiu da sala de Tomás e, ao passar por sua mesa olhou-a, Sylvia teve certeza de que havia uma aura de negatividade e de maldade ao redor de seu corpo.

Uma aura que explicava muito bem por que Mãe Antônia dissera para tomar cuidado e que mostrava por que Tomás deixava ver que sentia tanto medo da mulher.



CAPÍTULO XX

E, de fato, Jeanne fazia medo a todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, tinham contato com ela.

Ao contrário do que acontece na maioria das vezes, o amadurecimento não pusera em Jeanne o menor traço de compreensão, o menor resquício de entendimento ou, que fosse, de cumplicidade com a vida. Muito pelo contrário, ela estava cada vez mais dura e mais fria, seu olhar mais calculista e seus lábios, já muito finos por natureza, estavam transformados em apenas duas linhas delimitando a boca, o que lhe dava um aspecto de extrema maldade.

É claro que ela conservara suas linhas, que mantivera o corpo em excelente forma e, assim, sua sensualidade aparecia e saltava aos olhos, exacerbada pelos cabelos muito vermelhos que lhe emprestavam uma aparência diabólica, exatamente aquela aparência de sedução e de tentação que se vê nas gravuras da Renascença quando os grandes mestres queriam representar o Inferno e as almas que ali penavam.

Em conversas à meia voz, os homens que a conheciam eram obrigados a admitir que era uma mulher bonita, desejável e que teria todo o potencial de transformar uma noite de amor em algo inesquecível. Mas, todos eles concordavam que havia em Jeanne, alguma coisa que os intimidava e que os fazia nem mesmo tentar uma aproximação maior.

— Acho que são aqueles olhos — diziam uns — Eles me amedrontam!

— São seus lábios — afirmavam outros — Não seria capaz de beijá-los!

— É a sua aura — falavam os mais místicos — Não é uma aura boa! Jeanne exala maldade, recende perversidade!

Talvez estes estivessem mais certos.

Jeanne, de fato, mostrava por todos os poros, em todos os seus movimentos, que era má, perversa, ambiciosa e, acima de tudo, egoísta. Para ela, só existia a sua pessoa, só existia a sua satisfação e mais nada. Não estava preocupada se, para atingir um seu objetivo, era obrigada a aniquilar com meia dúzia ou uma centena de outros. O que importava era ela poder dizer que tinha vencido.

E Jeanne dispunha de recursos para conseguir o que bem quisesse. Recursos materiais e intelectuais pois, apesar de não ter tido quase

nenhuma escola, ela era suficientemente esperta e inteligente para aprender, por conta própria, o mínimo necessário para se impor aos outros.

É claro que, no dia-a-dia, sempre há de aparecer, para quem quer que seja, alguém com mais capacidade e com mais valor...

Isso também ocorria com Jeanne. E era nessas ocasiões que ela mostrava exatamente quem era e de que era capaz para derrotar o adversário.

Adversário!

Jeanne considerava como inimigo, como adversário, todo aquele que não concordasse com sua opinião e que não abaixasse a Cabeça enquanto ela estivesse falando. Afinal, ela era a rainha e tinha de ser tratada como tal.

Mas...

Havia aqueles que não se deixavam dobrar e que insistiam em ter sua opinião própria. Ou, então, que tentavam desmoralizá-la, mostrando que Jeanne estava falando coisas que não sabia ou simplesmente, fazendo ver que ela não era a infalível que fazia questão de mostrar.

Contra esses, a fúria e a ira de Jeanne eram terríveis.

Com muita classe, com muita superioridade, ela fazia questão de não discutir em público, de não contradizer ninguém e, assim, não dar margem a que a conversa se esticasse. Deixava que aquele que a contradissera pensasse ter saboreado a vitória.

E, então, quando ela chegava em casa, trancava-se em seu quarto e começava a fazer seus encantamentos.

Escrevia num pedaço de papel o nome da pessoa que a aborrecera, dobrava-o em quatro e deixava-o sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, com uma faca de ponta, desenhava no ar um círculo ligando-o a um outro desenho que fazia, um oito deitado, o símbolo matemático do infinito. Jogava a faca no chão e, com os pés, arrastando-os sobre o tapete, traçava um outro círculo e sentava-se no centro do mesmo, à maneira hindu. Apanhava o papel, punha-o à sua frente e se concentrava em alguma coisa ruim para acontecer a essa pessoa.

Não era preciso mais...

No dia seguinte, quando não no mesmo dia, ela tinha notícias de seu desafeto. Normalmente, as piores possíveis.

Na verdade, era muito raro ela não conseguir causar mal às pessoas que quisesse prejudicar.

Contudo, ela não era infalível e, às vezes, seus poderes pareciam ser insuficientes para atingir um determinado indivíduo.

Nesses casos, Jeanne recorria ao seu Mestre.

Invocava o Príncipe das Trevas e pedia-lhe que a ajudasse com algum feitiço mais forte e mais eficaz.

Satã jamais se recusou.

Ela pedia, ele a ensinava como fazer e, em poucas horas, a vítima era atingida.

Na maioria das vezes, de modo fulminante.

Como aconteceu com o marido de uma sua amiga, um homem que ostensivamente não apreciava Jeanne e que não gostava nem um pouco de ver sua mulher andando para baixo e para cima com a francesa.

Norberto já tinha dito para Leila que não achava graça nenhuma naquela amizade.

— Jeanne não é como nós — dissera ele — Ela pertence a um mundo diferente, tem uma cultura e uma educação que não combinam nem um pouquinho com a nossa maneira de viver e de ver as coisas.

E, com uma expressão sombria, acrescentava:

— Além do mais, o olhar dessa mulher... Ela me faz medo! Ela me lembra as histórias que minha avó contava quando eu era pequeno, sobre as bruxas que comiam criancinhas!

Leila ria dos temores de seu marido e, teimosa, continuava a andar com Jeanne, a ir para todos os lugares com ela, fazendo-lhe todas as vontades, chegando às vezes a parecer sua empregada.

— Não está percebendo que essa mulher está usando a sua boa vontade? — perguntou, irritado o marido, uma vez que Leila tinha sido obrigada a ir até o Embu com Jeanne pois esta ouvira dizer que lá havia um hábil entalhador de madeira.

— Eu fui por que quis — retrucou Leila, já aborrecida com as maneiras de Norberto — E pode estar certo que gostei muito de ter ido!

Norberto olhou furioso para a mulher e rosnou:

— Gostou... Certamente gostou! Na certa essa francesa está apresentando homens para você!

E, antes que Leila pudesse reclamar, ele arrematou:

— Ou será que você não sabe como foi que Jeanne conseguiu chegar à posição que ocupa hoje?

Leila sabia e, como toda mulher criada sob o jugo dos pais e depois, o do marido, ela tinha uma certa inveja de Jeanne, da liberdade que ela pudera usufruir até se casar com Tomás Camargo.

Evidentemente, Leila não teria gostado de se prostituir, não teria achado graça nenhuma em ter de dormir com homens para poder comer. Mas, a própria Jeanne lhe contara, nem sempre tinha sido assim... Muitas e muitas vezes, ela fora para a cama por amor, simplesmente por prazer e, nessas ocasiões, era ela quem escolhia o parceiro...

Leila teria gostado dessa liberdade, teria gostado de não se ver obrigada a casar com Norberto por imposição de seus pais. Para eles, Norberto era o homem feito para a filha, herdeiro de uma imensa fortuna em café e em terras, educado, trabalhador e, o que era mais importante, com conceitos rígidos de moral e de religião.

Foi justamente por causa desses conceitos que Norberto, ao perceber que de nada adiantava conversar com a esposa, resolveu falar com Jeanne, pedir-lhe para não procurar mais por Leila.

Foi sincero. Ingenualmente sincero. Disse para a francesa que ele não aprovava o seu comportamento no passado e que achava estar ela influenciando de maneira perniciosa sua jovem e incauta esposa.

Não tenho nada com sua vida — disse ele — Tampouco sou dos que dependem de alguma maneira da posição de Tomás. Por isso, eu me sinto perfeitamente à vontade para lhe pedir esse favor. Deixe de procurar Leila. Será melhor que faça o que estou pedindo para evitar dissabores maiores e para que eu não precise simplesmente proibir Leila de sair de casa.

Jeanne sorriu.

Por dentro, ela estava furiosa e, talvez se Norberto não fosse tão grande de corpo, ela tivesse lhe dado uma bofetada. Mas Norberto era um autêntico *cavalão* e, além do mais, Leila já lhe falara diversas vezes a respeito de seu gênio explosivo e da facilidade com que ele decidia distribuir sapatos.

Sapatos que deveriam ter a mesma força e o mesmo efeito de um coice de mula...

— Não se preocupe, doutor Norberto — falou Jeanne — O senhor nunca mais vai precisar ficar preocupado com Leila.

Norberto voltou para casa satisfeito, achando até que tinha sido fácil demais e que Jeanne, afinal de contas, não era a pessoa dura e má que lhe tinham falado.

Com um sorriso, convidou Leila para jantar fora e arrematou:

— Conversei com Jeanne... E ela não mais será motivo de briga entre nós dois...



Assim que Norberto deixou o apartamento, Jeanne começou a trabalhar.

Sentiu logo no início da cerimônia do círculo que sua força não seria suficiente para derrubar aquele homem. Ele era dono de uma personalidade muito firme, tinha a proteção de alguns santos e, o que era muito importante, ela estava com raiva e ódio demais para poder se concentrar convenientemente.

Assim, desistiu e, conjurando Satã, Jeanne pediu:

— Faça com que ele nunca mais me aborreça!

Satã deu uma risada e, no meio de uma nuvem de fumaça amarelada e horrivelmente mal-cheirosa, desapareceu.

Jeanne ficou sem saber o que pensar. Normalmente, o Príncipe das Trevas manifestava de alguma forma que iria ajudá-la. Mas, desta vez, ele simplesmente desaparecera, apenas rira...

Cheia de raiva, Jeanne estava se dispondo a conjurá-lo novamente, quando sentiu uma espécie de tontura.

Sentou-se na beirada de sua cama para não cair e, nesse momento, o quarto inteiro começou a girar, a girar cada vez mais depressa. Aos poucos, as imagens borradas em que tudo se tinha transformado, foram tomando novamente forma e sentido e Jeanne se viu na sala de estar da casa de Leila e Norberto. Percebeu que não estava ali fisicamente mas sim espiritualmente e que o casal não podia vê-la.

Norberto estava de pé e Leila, sentada em uma ponta do sofá, parecendo muito nervosa e irada.

— Mas como?! — fez a moça — Você teve a coragem de ir procurar Jeanne e pedir-lhe para não mais se encontrar comigo?!

Balançando a cabeça negativamente, exclamou:

— Não! Eu não posso acreditar que você tenha feito uma coisa dessas!

— Mas fiz! — falou Norberto — E fiz pensando em você, pensando em nosso casamento, pensando em preservar nossa união e nossa família!

Leila ficou calada, olhando longamente para o marido. Por fim, depois de quase um minuto, durante o qual Jeanne pode sentir toda a raiva e toda a tensão que havia entre os dois, ela disse:

— Pois você fez muito mal. Errou redondamente...

Separando bem as sílabas, completou:

— Não sou sua escrava. Você está enganado se achou que poderia mandar até mesmo nas minhas amizades... Vou me separar de você e agora mesmo!

Leila se levantou e caminhou, com passo decidido, para o quarto do casal.

Norberto, atônito por um instante, seguiu-a, perguntando, com voz aflita:

— Mas o que vai fazer? O que está pensando, desgraçada?!

Leila tirou de um armário uma grande mala de viagem e começou a arrumar suas roupas.

— Pare com isso! — quase gritou Norberto — Não seja idiota!

Leila olhou para ele de maneira desafiadora e replicou:

— Pois é por não ser uma idiota... Exatamente por isso que eu vou embora! Já estou farta de ser dominada, mandada, de não ter vontade própria! Para mim chega! Vou embora e vou procurar um advogado amanhã de manhã!

Norberto perdeu a cabeça. Abrindo a gaveta do criado-mudo, apanhou o revólver e disse:

— Você vai pôr essas roupas no armário... e já!

Leila olhou com desprezo para o marido e continuou a arrumar a mala.

Norberto engatilhou a arma.

— Vou cometer uma loucura! — disse ele — Pelo amor de Deus, pare com isso!

Leila não respondeu. Continuando a dobrar suas roupas e a metê-las na mala, ela

voltou para o armário para apanhar outros vestidos.

Norberto se pôs à sua frente. Leila o empurrou.

O dedo, no gatilho da arma, resvalou...

Ouviu-se um estampido, a cabeça de Leila foi chicoteada para trás e a moça caiu no chão, já morta, a testa perfurada pela bala de calibre trinta e oito...

Norberto olhou para o corpo da mulher estendido sobre o tapete do quarto, o sangue saindo pelo ferimento...

Esubalhou os olhos e balbuciou:

— Meu Deus... Eu a matei...

Alucinado, ergueu novamente a mão armada, desta vez apontando o revólver para o ouvido direito.

Puxou o gatilho...

O quarto começou novamente a girar e, quando Jeanne se deu conta, ela estava outra vez em sua casa.

Era de manhã e o telefone soava.



Ouviu Serafina atender e, momentos depois, a empregada batia à porta do quarto.

Jeanne não precisaria nem mesmo ouvir o que ela tinha para falar pois já o sabia...

— Dona Jeanne... — disse Serafina — Aconteceu uma tragédia com a dona Leila...

E, enquanto Serafina contava para Jeanne o que lhe havia dito a empregada do casal que encontrara os dois mortos quando entrara no quarto de manhã cedo, Jeanne fazia, mentalmente, a reconstituição da cena que vivenciara...

Com relação a Tomás, Jeanne era absolutamente indiferente. Não se incomodava mais se ele chegava cedo ou tarde, não fazia perguntas, nem sequer o convidava a participar de sua

intensa e movimentada agenda social. Fazia apenas questão que ele comparecesse com ela a

determinados eventos que tinham importância para ela e estava muito pouco incomodada se o marido tinha ou não tinha vontade de ir.

— Você irá comigo a uma reunião na casa do Francisco, amanhã à noite — dizia.

E Tomás, como um boi de presépio, balançava afirmativamente a cabeça, concordando com tudo o que ela dizia e com tudo o que lhe era ordenado.

A princípio, ele nem sequer percebeu mas Jeanne, aos poucos, foi se enfronhando em seus negócios, foi tomando conhecimento de tudo e com uma tal eficiência que, de repente, era ela quem dava as cartas e que determinava as transações que deveriam ser realizadas.

Quando Tomás abriu os olhos, já era tarde demais. Jeanne estava com tudo nas mãos, ele não poderia fazer mais nada sem o seu consentimento e, incrédulo, quando quis tomar uma providência mais séria a esse respeito, descobriu que ela era dona da maior parte da firma e que ele, no fim, tinha transferido tudo para o seu nome.

— Você continuará a administrar — disse ela, fria e dura como o aço de um punhal — Mas não poderá fazer coisa nenhuma sem me consultar.

Tomás consentiu. Não tinha outra alternativa e, de mais a mais, ele não queria brigas com Jeanne...

Por uma questão de precaução, afastou Sylvia da empresa e, com o dinheiro que tinha numa conta escondida, conseguiu dar-lhe uma renda que permitia uma vida tranquila e sem grandes preocupações financeiras.

Porém, para Tomás, tinha sido um golpe rude. Ele começou a definhar a olhos vistos e, completamente desanimado, passava a maior parte de seu tempo sem fazer nada, apenas esperando chegar alguma coisa que ele mesmo não sabia o que poderia ser.

Começou a beber mais do que devia e, em pouco tempo, os amigos se afastaram dele, passaram a não mais respeitar sua opinião nos negócios e todos diziam que ele, Tomás Camargo, era um homem acabado.

— É pena — falavam — Tão moço... Ainda não tem idade para estar desse jeito!

— Isso é culpa da mulher! — falavam os que o conheciam melhor — Aquela víbora acabou com a vida dele! Imaginem! Tirá-lo da empresa que ele mesmo fundou! Deixá-lo como um simples administrador!

Todos eram obrigados a admitir que Jeanne jogara muito bem e, no correr de um pouco mais de quinze anos, ela se tornara a proprietária da empresa do marido com um poder econômico incomensurável.

Tomás, apesar dos vapores etílicos que passaram a encher sua cabeça a maior parte do dia, estava consciente disso e, aconselhado por dois amigos advogados, as únicas duas pessoas que sabiam da existência de Simone, tomara algumas providências.

Para começar, passara a não gastar mais consigo mesmo, a usar apenas o dinheiro da empresa para os seus gastos pessoais e, assim, o dinheiro que vinha parar em suas mãos, era imediatamente investido, posto a salvo da ganância sem limites de Jeanne. Além disso, esses dois amigos, sem sequer muito apoio de Tomás, começaram, aos poucos, a providenciar a anulação da transferência de quotas da empresa que Tomás fizera para a mulher.

E Tomás, bebendo cada vez mais, não tomava conhecimento de nada que fosse realmente importante para sua vida futura a não ser algumas reservas que conseguia desviar na contabilidade e depositar em sua conta.

— É a minha única salvação — dizia Tomás para si mesmo, entre um uísque e outro — E o álcool é o meu único consolo.

Tomás bebeu...

Bebeu desbragadamente até que um dia os amigos encontraram-no muito mal, num bar da Avenida Ipiranga.

Pensaram em levá-lo para casa mas, lembrando-se de Jeanne, desistiram da idéia.

— Para onde vamos levar esse desgraçado? — perguntou um deles.

Foi nesse momento que Tomás, recobrando parcialmente a consciência, balbuciou um nome e um endereço...

Sylvia levou um susto quando aqueles três homens deixaram sobre o sofá de sua sala, o pobre Tomás, cheirando a álcool, cheio de vômito e com um aspecto deplorável.

— Ele pediu para ser trazido para cá — explicou um dos senhores que o estavam acompanhando.

Sylvia fez um sinal afirmativo com a cabeça e, agradecendo muito, despediu-se deles.

— Graças a Deus Simone não está em casa! — exclamou ela, lembrando-se que a filha tinha ido passar o final de semana na fazenda de uma amiga — Seria lamentável se ela visse o pai nesse estado!

Com todo o carinho, Sylvia ajudou Tomás a se levantar e, com uma dificuldade imensa, levou-o até o banheiro. Lavou-o, deixou-o embrulhado num cobertor e tratou de limpar suas roupas.

Desistiu logo, visto o estado em que elas se encontravam e, tomando uma decisão, meteu-as no tanque, dizendo para si mesma:

— Vou lavá-las. Com o tempo que está fazendo, vai demorar três dias para secar... Mas não tem importância! Não posso deixar o pai de minha filha nesse estado e, muito menos, desamparado!

Por cima do ombro, olhou para Tomás que a observava com expressão triste e envergonhada.

— Você vai ficar aqui até melhorar, Tomás. Não tem cabimento isso que está acontecendo! Você não pode deixar sua vida se destruir dessa maneira! Há pessoas que o amam! Sua filha, por exemplo!

Aproximando-se dele, acrescentou:

— E eu! Pensa que não sinto mais nada por você?

CAPÍTULO XXI

— Não posso acreditar no que você está me dizendo, Marly! — exclamou Jeanne — Simplesmente não posso acreditar!

Marly sorriu com superioridade. Era extremamente agradável para ela poder falar assim com Jeanne, poder olhá-la de cima, pela primeira vez vendo aquela fortaleza toda em vias de ruir. A francesa tinha feito a mesma coisa tantas vezes, com tantas delas! Tripudiará sobre os sentimentos de quase todas as amigas, aproveitara-se de seus momentos de fragilidade...

Agora, chegara a sua vez...

Marly lembrou com amargura o dia em que Jeanne fora à sua casa para provar que Paulo, seu marido, mantinha um caso com a secretária.

Era verdade que a própria Marly já desconfiava disso. Mas, por comodismo, por conformismo, preferira nada dizer a Paulo e nem a ninguém. Mas Jeanne descobrira. Descobrira e, como um paladino dos direitos femininos e feministas, ela fizera questão de mostrar para Marly as provas, fizera questão de falar sobre o caso diante de todas as outras e com uma tal força de opinião que Marly acabou obrigada a assumir uma posição.

O resultado fora trágico...

Paulo, acuado, pressionado, preferira a separação e, a despeito da gorda pensão e da partilha de bens que a favorecera, Marly ficara sem o marido, fora relegada ao clube das mulheres desquitadas.

Pior que isso, das mulheres que tinham sido trocadas pelas secretárias de seus maridos.

Um clube com muitas sócias, todas elas amargas, revoltadas, frustradas.

Jeanne tinha sido a culpada...

Mas...

Nada melhor do que o tempo!

Ali estava a francesa, todo o seu sarcasmo deixado de lado, todo o seu orgulho derrubado...

Sim...

Jeanne era a próxima candidata a uma cadeira no clube.

— Se não quer acreditar, minha querida — insistiu Marly — Não acredite... Mas fique sabendo que eu não costumo inventar coisas e, quando as conto, tenho sempre uma fonte de informações de altíssima credibilidade!



Jeanne respirou fundo.

— Conte outra vez — pediu ela — Talvez eu não tenha entendido direito.

Marly sorriu, tomou mais um gole de chá e, com voz pausada, falou:

— Você mesma comentou que Tomás não aparece em casa há vários dias... Pelo que me falou, ele estaria viajando para o Paraná, com algum negócio a respeito de exportação de café. Pois não é nada disso. Há três semanas atrás, Tomás estava bêbado e foi encontrado, quase desmaiado num bar na Avenida Ipiranga, por três de seus antigos amigos. Tenho certeza dos nomes, se quiser, poderemos averiguar... Nelson, Sidney e Max, acharam-no nesse estado deplorável e quiseram levá-lo para casa.

Marly fez uma pausa proposital para que Jeanne absorvesse bem suas palavras e para que desse maior valor ao que vinha em seguida. Tomando fôlego, ela continuou:

— Parece que Tomás recobrou um pouco de sua consciência e disse que não queria vir para cá. Não queria mais voltar para este apartamento.

Marly fixou os olhos de Jeanne e notou que, pela primeira vez, conseguia sustentar o seu olhar. Com um sorriso que não conseguiu disfarçar, ela disse:

— Tomás lhes deu um endereço e pediu que o levassem para lá. Era a casa de uma antiga funcionária de sua empresa. Uma certa Sylvia... Ela pareceu um pouco assustada quando viu que era Tomás que estava sendo carregado para o interior da sala mas recebeu-o com naturalidade, como se ela soubesse que o lugar dele sempre fora ali.

Jeanne fez uma careta e Marly, desta vez, conseguiu esconder o sorriso.

— Foi Sidney que notou — disse ela — Sobre a mesa de canto havia um porta-retratos... Nele, uma fotografia. Era de Tomás, abraçado a essa Sylvia e a uma mocinha. Uma mocinha extremamente parecida com ele e muito bonita...

Os lábios de Jeanne ficaram ainda mais finos do que o habitual e seus olhos despediram chamas de ódio. Com voz esganiçada, ela perguntou:

— E porque não me contou antes?

— Porque só ontem à noite é que Sidney falou sobre isso. Ele e os outros dois tinham calado. Acho que alguma combinação entre eles, alguma coisa com relação ao imbecil conceito de lealdade que impera entre os maridos prevaricadores... — disse Marly.

E, com um sorriso em que transparecia um brilho de vitória, completou:



— O que mostra que todos os homens são absolutamente iguais, nenhum presta e nenhum se salva!

Jeanne refletiu por alguns instantes e, ignorando o último comentário da amiga, falou:

— Você está querendo me dizer que a mocinha da fotografia é filha de Tomás com essa tal de Sylvia, é isso?

— Pelo menos — murmurou Marly — é o que tudo indica.

As duas ficaram em silêncio por um breve instante e Marly disse, depois de acender um cigarro:

— Se não fosse assim, a troco de que Tomás haveria de pedir para ser levado para lá? E o que estaria fazendo ele abraçado com uma moça que é a cara dele, numa fotografia?

Soprando uma baforada de fumaça para a frente, sem nem mesmo se incomodar com o fato de que a fumaça estava indo diretamente para o rosto de Jeanne, Marly finalizou:

— Só não vê quem não quer enxergar. Seu marido tem uma vida dupla, Jeanne. E na outra família, ao contrário do que acontece aqui, há pelo menos uma filha!

Jeanne ficou em silêncio, olhando com raiva para as pontas de seus sapatos.

Ela não estava chocada com o fato de Tomás ter outra mulher. Isso não a incomodava nem um pouco pois, afinal de contas, em matéria de vida conjugal, ela estava ciente de que a deles deixava muito a desejar.

O que a enfurecia era a existência dessa mocinha...

Isso sim, atrapalhava muito.

Significava que Tomás tinha uma herdeira...

E uma herdeira de que ela, Jeanne, não conseguiria se livrar utilizando apenas seus métodos de persuasão ou, ainda, algum truque jurídico que a pusesse em vantagem frente à filha de seu marido.

— O que pretende fazer? — perguntou Marly.

Jeanne ergueu os olhos para a amiga.

— Por enquanto, nada — respondeu, mostrando que era dona de um auto-controle de fazer inveja a qualquer monge budista.

Marly franziu as sobrancelhas.

Estava a ponto de dizer que quando essa tragédia acontecera com ela, Jeanne fizera questão que Marly assumisse uma posição, e ela achava injusto que a francesa não fizesse a mesma coisa...

— Mas como? — perguntou — Como, não vai fazer nada por enquanto?! Será que não entendeu? Tomás tem uma outra família, tem



filhos e o pior é que ele está lá! Provavelmente não vai voltar!

Jeanne sacudiu os ombros e respondeu:

— Isso nem me interessa. Não estou preocupada com Tomás... Se ele tem uma outra família e se sente melhor lá, pode ficar e eu até acho que é muito bom...

Pôs-se de pé, mostrando sem a menor cortesia que a visita terminara e disse:

— Nós já não estávamos vivendo bem há muitos anos. Isso serve apenas para precipitar os acontecimentos, Marly... E pode acreditar que até fico contente com isso.

Ergueu os ombros, num gesto de indiferença e completou:

— Fiquei surpresa, a princípio pois jamais pensei que Tomás fosse conseguir juntar coragem para fazer uma coisa assim. Muito pelo contrário, ele sempre me pareceu pacato demais, caseiro demais...

Sorriu, estendeu a mão para a amiga e murmurou:

— Ora... Se é assim que ele quer, se isso o faz feliz... Não tenho nenhum direito de interferir em sua felicidade. O máximo que poderei fazer será ajudá-lo. E a melhor ajuda, num momento como este, acho que é mostrar que sou compreensiva e nem um pouco rancorosa!

Marly deixou o apartamento de Jeanne intrigada e frustrada.

Intrigada, por que não acreditara em nenhum momento que aquela reação da francesa pudesse ser autêntica e frustrada por que gostaria de ter visto Jeanne se descabelar, se desesperar...

E isso não acontecera...

Muito pelo contrário, com exceção dos primeiros momentos, quando Jeanne ainda não compreendera bem o que é que tinha acontecido, a francesa se portara com uma altivez e dignidade típicas de uma rainha.

— Não tem importância, Jeanne... — murmurou Marly quando já estava na calçada — Um dia, toda essa sua arrogância vai desaparecer... Um dia você há de levar o seu tomo! Todo pinheiro tem seu dia de machado!

Mas Marly estava enganada.

Jeanne ficara muitíssimo abalada com aquela notícia não apenas por que ela trazia em seu bojo a comprovação de que Tomás possuía uma herdeira mas, também, porque ela não tinha sido avisada de nada.

Avisada por Satã, é claro!

Jeanne estava muito mais furiosa com o Príncipe das Trevas do que com o marido prevaricador. Para ela a traição não tinha sido de Tomás, mas sim de Satã que, segundo o que a francesa entendia, teria tido a obrigação de alertá-la quanto à existência não apenas da outra mulher mas principalmente, quanto à existência da filha! Isso sim, era terrível!

— Ele pode não ter reconhecido a menina... — murmurou.

Era uma possibilidade. E a maneira mais simples de verificar, era indo até Tomás e perguntando.

Marly dissera o nome da mulher, Sylvia... Dissera que ela era uma antiga funcionária da empresa e, com um esforço de memória, Jeanne conseguiu lembrar dela.

— Tomás não tem mau gosto — disse a francesa quando arrancou da memória o rosto de Sylvia — Mas em compensação, faz tudo errado... Ele jamais deveria ter arrumado uma filha com quem quer que fosse!

Com raiva, acrescentou:

— Só se tivesse sido comigo... Mas...

Ela não engravidara. Jamais tomara qualquer precaução e na verdade houve uma época em que Jeanne quis muito ter um filho de Tomás, logo no início de seu relacionamento.

Mas ela não engravidara...

E Jeanne sabia porquê.

Fora Satã...

O Príncipe das Trevas não a deixara engravidar novamente desde que levara seu filho, ainda lá na França, naquele bangalô de Auvergne...

Sacudiu com energia a cabeça tentando afastar para longe essas lembranças ruins e, apanhando o telefone ligou, pelo telefone direto, para o escritório do marido.

A voz grave de Tomás atendeu:

— Tomás Camargo...

Jeanne respirou fundo, contou até sete e falou:

— Fico muito feliz em saber que você está bem... E acho que deve estar melhor do que nunca, ao lado de sua amante e de sua filha...



CAPÍTULO XXII

Sylvia cuidou de Tomás como se este fosse um adolescente recém-chegado de seu primeiro porre. Depois de um bom banho frio e de várias xícaras de café forte e amargo, ela o pôs na cama dizendo:

— Agora, Tomás... Você vai dormir. Vai descansar e quando estiver melhor, nós vamos pensar em sua vida. Por enquanto, sua única obrigação é ficar bom antes que sua filha volte para casa pois eu não vou gostar nem um pouquinho que ela o veja nesse estado.

Tomás dormiu rapidamente.

Dormiu sentindo pela primeira vez em muitos anos, que estava bem, que estava sendo tratado com carinho e que... estava em sua casa, com alguém que realmente o queria bem.

Despertou na metade do dia seguinte, com uma fome de lobo e uma decisão tomada.

— Não vou voltar para lá — disse ele para Sylvia — Vou ficar aqui, custe o que custar, queira você ou não.

Sylvia ficou preocupada e dividida.

Ter Tomás em casa era a realização de um velho sonho, um sonho que já durava mais de dezoito anos e que ela nem sequer tinha esperanças de que viesse a se tornar possível. Por outro lado, ela ainda se lembrava muito bem das palavras de Mãe Antônia dizendo-lhe que não deveria nem mesmo desejar que aquele homem se tornasse seu marido...

Mas...

Tantos anos depois... Teria ainda alguma importância tudo aquilo? Não teria perdido o efeito a maldição que ela desconfiava haver sobre sua vida?

De mais a mais, Mãe Antônia dissera naquela ocasião, que Simone era muito pequena para se defender. E Simone já completara seus dezoito anos! Era uma moça bonita, inteligente e que já demonstrara de muitas maneiras ser absolutamente capaz de fazer sua vida sozinha, sem depender de mais ninguém.

— O que foi? — indagou Tomás — Não quer que eu venha para cá?

Sylvia forçou um sorriso e disse:

— Não se trata disso, Tomás. Você sabe muito bem que eu sempre



quis que isso acontecesse. Mas... Também sempre soube que você e eu não fazemos parte do mesmo mundo...

— Não fazíamos — corrigiu Tomás — De uns tempos para cá, Jeanne conseguiu me excluir desse universo de que você está falando.

Sorriu e arrematou:

— E acho que eu ajudei um bocado...

Olhando com intensidade para Sylvia, ele falou:

— Minha vida está sendo destruída, Sylvia... E a única chance que eu tenho é ficar aqui. Poderei lutar outra vez, acho que ainda tenho saúde para isso e, com a sua ajuda, tenho certeza de conseguir reconstruir tudo outra vez.

Segurando as mãos de Sylvia, ele murmurou:

— Por favor, querida... Você sabe que nós temos todas as possibilidades de sermos felizes e Simone vai adorar a idéia de ter o pai dentro de casa...

Disso, Sylvia não tinha a menor dúvida. Sua filha acharia a coisa mais maravilhosa do mundo e, se por acaso ela não deixasse Tomás ficar e Simone viesse a descobrir que tinha sido por sua causa que o pai fora embora, jamais a perdoaria.

— Bem... — disse ela — Acho que não tenho escolha, não é mesmo...?

Tomás puxou-a para si e disse, beijando-lhe a testa:

— Posso garantir que você não vai se arrepender...

Sylvia sentiu o beijo, sentiu aquela mesma vibração que, dezenove anos atrás, o contato de Tomás lhe provocara. Apertou-se contra ele, ergueu o rosto, os lábios entreabertos e murmurou:

— Eu sempre sonhei com esse momento, querido... Sempre sonhei e sempre tive medo... Muito medo!

Tomás beijou-a nos lábios, um beijo apaixonado, um beijo que deixava transparecer uma saudade imensa, um louco desejo de se ver novamente arrebatado por aquela mulher, a única que, no correr de toda sua vida realmente demonstrara ter amor por ele.

— Nós seremos felizes, Sylvia — repetiu — E você, bem como Simone, terão muito orgulho de mim...

— Nós já temos... — murmurou ela — Sabemos que você tem seus defeitos, mas sabemos que tem muito valor.

Sorriu e acrescentou:

— E, o que é melhor, tem um bom coração, incapaz de qualquer maldade...



Encostando a cabeça no peito de Tomás, Sylvia arrematou:

— Basta ver o que fez por nós duas... Se fosse um outro qualquer, poderia não ter assumido a paternidade de Simone ou, se assumisse, poderia ter se limitado a nos dar uma mesada e pronto... Mas não... Você fez questão de participar da vida da menina, proporcionou-lhe estudos, ajudou-nos em todos os momentos difíceis...

Afastando-se um pouco, disse:

— Sim, Tomás... Tenho certeza que nós três seremos muito, mas muito felizes!

— Não vou falar nada para Jeanne ou para qualquer outra pessoa, por enquanto — falou Tomás — Continuarei a trabalhar normalmente e, quando o escândalo estourar, todos nós estaremos mais preparados para suportar o baque.

Sylvia não contestou. Ela estava muito feliz com a decisão de Tomás porém, ao mesmo tempo, estava muito preocupada.

— Vou precisar ir ao Rio de Janeiro, querido — disse ela, um pouco mais tarde, enquanto servia o prato de Tomás — E quanto antes eu puder ir, melhor...

— Nesse caso — falou ele — Podemos ir amanhã. Levaremos Simone e, enquanto você faz o que tem que fazer, levarei minha filha para conhecer a cidade.

— Nossa filha — corrigiu Sylvia, com um sorriso — Simone não é só sua, Tomás... É minha também.

Beijou a testa de Tomás e este indagou:

— Mas... O que você precisa fazer lá? Faz tanto tempo que saiu de lá e, pelo que sei, não tem família no Rio de Janeiro...

— São assuntos particulares, Tomás... Depois que eu os resolver, pode deixar que será o primeiro a ficar sabendo...

Com expressão preocupada, Tomás indagou:

— Há outro homem?

Sylvia riu.

— Você...! — fez ela — Com ciúmes de mim?!

Abraçando Tomás, ela disse:

— Sabe que me fez bem saber que você sente ciúmes de mim? Antes que ele pudesse repetir a pergunta, ela explicou:

— Não há nenhum outro homem, meu amor.. Eu tenho de ir ao Rio para dar a notícia de que você voltou para mim. Há uma pessoa lá, uma velha senhora, que eu quero muito bem e faço questão de lhe dizer pessoalmente que você está em casa comigo.

Como Tomás a olhasse com expressão de quem não está acreditando muito na história, Sylvia completou:

— Posso provar, se você fizer muita questão...

Sylvia entrou no terreiro de Mãe Antônia ressabiada, sentindo-se até mesmo envergonhada por voltar lá somente depois de tantos anos.

Mãe Antônia estava lá, a cabeça inteiramente branca, mais gorda do que nunca, rodeada por uma dúzia de moças vestidas de baianas, as suas filhas-de-santo e mais algumas pessoas que ali tinham ido para lhe pedir conselhos.

Assim que Sylvia entrou, apesar de ter certeza de que Mãe Antônia não a podia ter visto, pois estava de costas para a porta, ouviu a preta velha dizer:

— Seja bem-vinda, minha filha Sylvia! — Depois de tantos anos, você voltou...

Virou o rosto para a recém-chegada, sorriu com toda a bondade que lhe transparecia das feições lustrosas e falou:

— E você está com uma dúvida muito grande... Mas muito grande mesmo, não é? Não sabe se quer ou se não quer o seu homem de volta...

Sylvia estremeceu.

Quando freqüentara o terreiro e chegara a ser uma filha-de-santo, muitos anos atrás, ela vira e ouvira Mãe Antônia realizar muitas proezas e muitas predições... Porém, isso nunca acontecera assim, diretamente com ela.

Mãe Antônia estendeu as mãos para Sylvia e, abraçando-a segundo o ritual, murmurou:

— Você precisa fazer um trabalho de proteção, minha filha. E terá de ser um trabalho muito forte pois as forças do mal que estarão agindo sobre todos vocês são terrivelmente perigosas... São forças que vêm diretamente de Exu e disso...

Persignou-se e completou:

— Disso eu tenho muito medo!

— Mas o que devo fazer, Mãe Antônia? — perguntou Sylvia, com desespero na voz.

— Você precisará rezar muito, minha filha — disse a preta — Precisaré rezar para São Jorge e deverá acender, na Capela dos Enforcados, três dúzias de velas...

— Mas por que não fecha o meu corpo? — quis saber Sylvia — Não é muito mais seguro?

Mãe Antônia balançou negativamente a cabeça e disse:

— Não posso, minha filha. Não adiantaria nada e até acho que pioraria a sua situação. Há um Exu muito forte atazanando a sua vida. Ele está apenas esperando a oportunidade para agir. Com muita oração, talvez você consiga evitar que o mal se faça.

Pousou as mãos sobre a cabeça de Sylvia e murmurou:

— Há coisas em que não podemos interferir... Há provações que Deus quer que aconteçam e que não temos o direito e nem mesmo o poder de modificar. É a nossa missão nesta Terra, minha filha. Por vezes, não entendemos a Vontade Divina e nos revoltamos... Tentamos mudar o nosso destino mas aí, tudo fica muito pior. Por isso, reze... Apenas reze para que tudo aconteça de acordo com a Vontade de Deus.

Beijou-a em ambas as faces e, despedindo-se, falou:

— Estarei com Simone dentro de alguns anos. Fique tranquila em relação à sua filha. Ela está bem protegida desde o dia em que foi concebida.

Sorriu aquele sorriso bondoso que a caracterizava e disse:

— Ela sim, eu pude proteger...

— E eu, Mãe Antônia? E Tomás? Nós não estamos protegidos?

A preta balançou a cabeça em sinal de dúvida e repetiu:

— Há coisas em que não podemos interferir...

Sorriu, e Sylvia pode ver que havia muita tristeza nesse seu sorriso...

— Mas vá sossegada, minha filha... A Vontade de Deus é soberana... E nós devemos respeitá-la!

Sylvia deixou o terreiro de Mãe Antônia muito impressionada com suas palavras. Pelo que pudera entender, havia alguma coisa de muito ruim e muito grave escrita em seu Livro de Destino, tão grave que nem mesmo Mãe Antônia tinha poderes para resolver.

— Tenho de me fiar em São Jorge e em orações — disse ela — E não estou gostando nada disso!

De fato, Sylvia não podia mesmo estar gostando do resultado daquela visita. Ela esperava que Mãe Antônia dissesse que, depois de

tantos anos, já não havia mais perigo nenhum para ela, para Tomás e para Simone. Porém, não lhe tinha sido dito nada disso, muito pelo contrário.

Havia algo tétrico...

E Sylvia precisaria rezar muito...

Caminhando pelas ruas do Centro em direção à Capela dos Enforcados, Sylvia lembrou que Simone, pelo menos, estava bem protegida. Isso era bom...

— Ao menos ela — disse — Minha filha não precisará se preocupar tanto...

Recordou as palavras de Mãe Antônia, quando ela dissera que estaria com Simone dentro de alguns anos.

— O que será que ela quis dizer com isso? — perguntou-se, entrando na ala de queima de velas da capela — Será que Simone virá ao Rio de Janeiro para procurar por ela? Ou será que Mãe Antônia está achando que vai morrer e, assim, poderá proteger melhor minha filha?

Esse pensamento a assustou e, fazendo meia-volta, Sylvia quis retornar ao terreiro para perguntar à Mãe-de-Santo o que ela estava tentando dizer com aquela afirmação.

Porém, no instante em que ia saindo da capela, a voz de Mãe Antônia sussurrou em seu ouvido:

— Não queira saber coisas que eu não posso explicar, minha filha... Acenda suas velas, reze um pouco e vá se encontrar com os seus. Não é hora de você querer saber mais do que deve.

Sylvia estremeceu. Não estava, de maneira nenhuma, acostumada àquele tipo de coisa e teve medo.

Acendeu apressadamente as velas e, rumando para a nave central da capela, ajoelhou-se diante do altar e, por mais de dez minutos, rezou.

Rezou com fervor, pedindo a São Jorge para protegê-la, para proteger Tomás e Simone... Pediu proteção também para Mãe Antônia e para todos os que participavam de seu terreiro e, quando terminou, parecia estar muito mais aliviada, como se lhe tivessem tirado um peso enorme de cima dos ombros.

— Devo me conformar com a Vontade de Deus — pensou — E eu acho que a vontade Dele é que nós sejamos felizes aqui na Terra... Não preciso, portanto, ter tanto medo, ficar tão preocupada.



Encontrou Tomás e Simone no hotel e, sorridente, perguntou para a filha:

— E então, querida? Está feliz?

— Muito mais do que feliz, mamãe — respondeu ela — Tudo isto parece, para mim, a realização de um sonho... Estar com vocês dois, vê-los alegres e felizes como dois adolescentes... Isso é simplesmente formidável!

Ficando subitamente séria, ela comentou:

— Papai estava me contando a respeito de Jeanne... Disse que ela parece até ter poderes sobrenaturais!

Olhando com intensidade para a mãe, Simone indagou:

— Você acredita nisso?

Sylvia respirou fundo. Precisava tomar muito cuidado com a resposta pois conhecia

bem a filha, sabia que ela possuía uma tendência muito grande para o misticismo, poderia ficar impressionada demais e Sylvia, melhor do que ninguém, sabia que o pior que pode acontecer a uma pessoa é começar a dirigir a sua vida em função de misticismo excessivo.

— Acredito na maldade, Simone — disse ela, por fim — Uma pessoa má, mas muito má mesmo, pode perfeitamente atrapalhar a vida de outras pessoas apenas com o pensamento... E eu acho que Jeanne, pelo que seu pai já me contou, faz parte desse tipo de gente...

CAPÍTULO XXIII

Tomás sentiu um frio no estômago e seu coração bateu mais depressa.

— E então? — perguntou Jeanne com sarcasmo — Não está feliz? Ou será que perdeu a voz...?

Antes que ele pudesse falar alguma coisa, Jeanne prosseguiu:

— Você me enganou, Tomás... E não pense que estou falando a respeito dessa outra mulher. Para mim tanto faz. Desde sempre meu interesse por você foi meramente material. Jamais senti qualquer espécie de prazer físico e quando você parou de me procurar eu achei muito bom... Pelo menos, não precisava mais fingir.

— Você... — começou a dizer Tomás.

Não consegui continuar pois Jeanne, erguendo um pouco mais a voz, falou:

— Você me enganou com essa filha. Jamais me falou de sua existência. Isso sim, é muito grave. E você há de pagar muito caro! Você, depois de todo estes anos comigo, já devia pelo menos ter idéia do que eu sou capaz de fazer...

— Você não fará nada — disse Tomás, enérgico — Nós nos separaremos como duas pessoas civilizadas e posso garantir que não terá do que se queixar...

Jeanne riu alto.

— Mas é claro que não terei de que me queixar, idiota! — exclamou ela — Você já transferiu as quotas da empresa para mim. Na realidade, você não tem mais nada aí... Aliás, nem sei o que está fazendo aí, no escritório!

Fez uma pausa e completou:

— A primeira providência que vou tomar, será demiti-lo. Por isso, pode ir limpando as gavetas pois no momento em que eu chegar aí, você será posto para fora a pontapés!

Tomás riu interiormente. Jeanne, desta vez, estava enganada. As notícias que seus dois amigos advogados, Figueira e Bueno, lhe deram na véspera, era de que o processo de anulação estava em andamento e Jeanne já perdera, judicialmente, a tutela das quotas. Restava ainda a anulação da transferência propriamente dita mas, no mínimo metade da ação já estava ganha. Era óbvio que ele teria que indenizá-la mas, pelo menos a empresa estaria salva.

Do outro lado da linha, Jeanne continuava a deblaterar, a dizer que era um verdadeiro absurdo, se ele queria ter tido filhos que os tivesse com ela e não com uma qualquer.

— Escolher uma reles funcionária do escritório... — falou a francesa — Mas isso é um absurdo! Pôr uma criança no mundo para quê? Tomás ouvia em silêncio.

Quando a mulher fez uma pausa para tomar fôlego, ele disse:

— Ouça... Não adianta você ficar falando todas essas coisas para mim. Minha decisão já foi tomada há mais de três semanas e eu não vou voltar atrás. Espero apenas que você seja compreensiva e civilizada e receba com cortesia os meus advogados.

Sorriu e arrematou:

— Eu estava apenas esperando que você descobrisse tudo, Jeanne... E estou com tudo pronto para o acordo de separação. Quando você assinar, estaremos definitivamente separados e cada um poderá fazer a vida que quiser. E, é claro, você estará mais do que amparada do ponto de vista financeiro.

Jeanne pensou em bater-lhe o telefone, em dizer-lhe que não receberia ninguém.

Mas Jeanne refletiu.

Ela queria vingança.

Porém, muito mais do que vingança, ela queria humilhar Tomás, queria reduzi-lo a nada pois tinha a certeza que, sem um só centavo no bolso, na mais negra miséria, ele seria abandonado por aquela mulher e, muito provavelmente, também pela filha. Para Jeanne, justamente por ela ser assim, seria mais do que normal que a filha de Tomás só tivesse interesse no pai por causa de seu dinheiro.

E, sem um só tostão...

Sem um só tostão, não haveria herança para a filha de Tomás.

Este passara a ser, de repente, o objetivo maior de Jeanne: deixar a menina

sem nada. Não dividir nada com ninguém!

— Mande seus advogados — disse ela — Eu os receberei e, depois de conversar com eles, verei o que nós vamos fazer.

Tomás sorriu mais uma vez.

Ela jamais mudaria...

Mesmo numa situação de desvantagem, Jeanne fazia questão de mostrar que estava por cima. “Verei o que nós vamos fazer...”, dissera ela. Como se ainda desta vez, todas as cartas estivessem em sua mão e

fosse ela quem decidiria o que ele, Tomás Camargo, teria de fazer...

— Nós não vamos fazer nada, Jeanne — disse ele — Os advogados estão com a minuta do contrato já pronta. Você só terá e assiná-lo. Não terá de discuti-lo.

E, antes que Jeanne pudesse protestar, ele acrescentou:

— Talvez você não saiba, Jeanne... Mas estamos no Brasil, em São Paulo mais precisamente. E em São Paulo, pode ter certeza que o meu sobrenome pesa muito mais do que o seu, de solteira. Na eventualidade de não querer assinar, eu tomarei providências para que todas as portas lhe sejam fechadas. Isolada de tudo e de todos, você terá de voltar para França ou, então, explicar para muita gente por que sempre assinou Jeanne Camargo ao invés de assinar Jeanne Hoche, como deveria ser.

Jeanne desligou o telefone furiosa.

Nos últimos anos, ela se acostumara a ver Tomás ceder em tudo e não discutir ou contestar suas decisões. Por isso, ela estava achando muito estranho que ele estivesse agindo assim, de maneira tão... independente. Não lhe passou pela cabeça que Tomás sempre fora dessa maneira, um homem ativo, independente em seus atos e capaz de tomar decisões por si só, sem a necessidade de consultar ninguém e muito menos ela, Jeanne, que no fundo não tinha conhecimento de nada e que agia por impulso, movida por uma intuição sem dúvida bastante acurada mas que, no frígir dos ovos, carecia por completo de qualquer embasamento.

Para Jeanne, em sua mente doentia de tanta ambição pelo poder, Tomás tinha sido transformado por ela num fantoche e deveria continuar como tal até o final dos tempos...

Era por isso que não compreendia e não aceitava o novo comportamento do marido e vê-lo hastear com tamanha galhardia a sua bandeira da liberdade, a irritava. Mas, se ficava irritada com isso, o fato de não ter sido avisada por Satã a enfurecia.

— Ele não podia ter feito isso comigo! — exclamou em voz alta — Não tinha o direito de me enganar dessa forma!

Um pouco contra seus hábitos, ela se dirigiu ao barzinho da sala e serviu-se de uma generosa dose de uísque, achando que um pouco de álcool poderia acalmá-la.

Já mais controlada e novamente dona de sua capacidade de raciocínio, Jeanne começou a refletir sobre tudo o que lhe estava acontecendo nos últimos meses.

Em primeiro lugar, ela foi obrigada a reconhecer que sua vida não estava indo tão bem assim. Havia muitas coisas que ela tinha desejado e não conseguira, como por exemplo, ser eleita presidente daquela sociedade de assistência a crianças excepcionais. Não que ela estivesse lutando por essas pobres crianças. Na verdade, a sorte e o destino delas em nada tocavam o coração empedernido de Jeanne. Ela ambicionava o cargo pura e simplesmente por que ele lhe daria mais respeitabilidade, mais “status” junto às outras senhoras da sociedade paulistana e, o que era melhor, faria com que, com mais frequência, ela aparecesse nas colunas sociais. Ela não conseguira nem sequer ser indicada como candidata... E, quando pedira a Satã para que a ajudasse, ele simplesmente rira, desaparecera em uma nuvem fétida de fumaça e nada fizera.

Em segundo lugar, havia a preocupação com a diminuição sensível das visitas amorosas do Príncipe das Trevas...

Antes, quase que semanalmente, Satã aparecia para satisfazer seus desejos, para deixá-la derreada de tanto prazer. Mas, isso também parara de acontecer e, nos últimos três ou quatro anos, Jeanne podia contar nos dedos as vezes que ele se dignara satisfazê-la.

Com uma ruga de preocupação na testa, levantou-se da poltrona em que estava sentada e foi até o grande espelho de seu quarto.

Olhou-se com atenção e espírito crítico.

De fato, ela não podia dizer que a imagem lhe causava o mesmo efeito de dez anos atrás...

Seu rosto estava mais crispado, seus lábios muito mais finos e começando a mostrar pequenas ruga. Os olhos, muito mais frios, não conseguiam, mesmo que ela quisesse, dar a impressão de meiguice e de compreensão que antigamente Jeanne sabia tão bem fingir...

Com a ponta dos dedos, ela esticou um pouco a pele das pálpebras tentando fazer desaparecer as rugas que já se faziam desagradavelmente presentes. O nariz também parecia mais afilado, talvez até um pouco mais adunco...

Passou a mão pelos cabelos.

Sim...

Eles ainda eram bem ruivos e não havia nem um só fio encanecido. Porém, aquele brilho que possuíam e que lhes dava um aspecto quase inebriante de fogo, desaparecera e eles pareciam palha

seca e envelhecida. Da cor de fogo, eles passaram à de ferrugem...

Lentamente, soltou os botões do vestido que usava.

Seu corpo continuava belo, era bem verdade... As curvas dos seios permaneciam, eles eram ainda firmes e provocantes, os mamilos pontudos e acastanhados. Os quadris, bem acentuados por uma cintura mantida nas medidas por horas e horas de ginástica, ainda seriam capazes de chamar a atenção de qualquer homem que se considerasse normal...

Mas...

Também era verdade que aquele frescor de antigamente, aquele viço e aquele aspecto permanente de desejo mal contido, tinham desaparecido.

Com uma contração no estômago, Jeanne pensou:

— Mas será possível...? Será possível que o Príncipe das Trevas esteja me preterindo?!

Sacudiu a cabeça tentando afastar de si essa idéia e, esboçando um sorriso, perguntou-se:

— Ou será que ele está ofendido por que eu não o tenho chamado com a mesma frequência de antes?

O sorriso se transformou num esgar quando ela lembrou que, para Satã, o fator beleza não era nada importante pois ele tinha condições de transformar a bruxa mais horrorosa na princesa mais bela e mais desejável, no momento em que quisesse e apenas para o seu prazer.

— Não... — murmurou — Não se trata disso... O Príncipe das Trevas me traiu e isso, ele não podia fazer...

Lembrou-se com mágoa e rancor que ela sempre cumprira sua parte no pacto. Satã não poderia ter queixas... Todas as vezes que ele exigira alguma coisa, ela o fizera.

Lembrou-se, de repente que ela tinha o livro...

O livro que a ensinava como controlar o poder maléfico e como poderia fazer para que Satã trabalhasse em seu favor.

— É isso! — exclamou — Eu nunca utilizei certas partes daquele livro! As partes que ensinam como fazer para que o Príncipe das Trevas me respeite mais e acabe satisfazendo as minhas vontades!

Com um sorriso triunfante, ela voltou a se vestir e pensou, já tomando cuidado para não murmurar as palavras de maneira que Satã pudesse ouvi-la ou, quem sabe, ler em seus lábios o que estava indo em sua mente:

— Posso dominá-lo! Posso tê-lo a meu serviço! E é isso mesmo que vou fazer! Vou me vingar de Tomás, dessa sua leviandade de pôr uma filha no mundo para competir comigo em sua fortuna e, o que será melhor, vou me vingar de Satã fazendo-o trabalhar para mim na destruição de Tomás, de Sylvia e de sua filha!

Abrindo o armário, começou a remexer entre seus guardados, em busca do livro.

— Minha vingança será terrível! — pensou — E todos os que se puserem em meu caminho, pagarão muito caro por essa ousadia! Até mesmo o Príncipe das Trevas!



CAPÍTULO XIV

— Não gosto disso — murmurou Sylvia — Não acho que seja bom brigar por causa de dinheiro...

— Não se trata apenas de dinheiro, querida — falou Tomás — Não acho justo o que Jeanne fez para mim e acho menos justo ainda que ela se aposse de tudo o que eu levei a vida inteira para construir, lesando, em última análise, você e Simone!

— Nós não precisamos de mais, Tomás — replicou Sylvia — Temos tudo o que queremos, você tem um bom rendimento todos os meses... Não há necessidade de ambicionar mais além disso tudo que já possuímos!

Tomás sorriu, acariciou os cabelos de Sylvia e disse:

— É uma questão de direito, Sylvia. Jeanne viveu comigo, melhor dizendo, às custas de meu dinheiro, durante todos estes anos. Conseguiu montar, que eu sei, um respeitável patrimônio particular ao qual eu nem sequer desejo ter acesso muito embora eu saiba que ele foi construído graças a desvios de dinheiro que ela, muito habilmente sempre fez.

Apertando um pouco os olhos, como se aquele assunto lhe desse raiva, Tomás explicou:

— Ela pensava que podia me enganar, imaginava que eu não estava percebendo o que fazia. Mas eu não sou tão ingênuo assim! Não foi com ingenuidade que eu construí toda a minha fortuna, Sylvia! E eu percebia muito bem que Jeanne pegava dinheiro de minhas mãos dizendo que era para obras de caridade, que era para ajudar uma amiga em dificuldades e mais uma porção de outras desculpas esfarrapadas que de maneira nenhuma me convenciam.

— Se você sabia — argumentou Sylvia — porque não impediu?

— Simplesmente porque eu nunca quis briga com Jeanne — respondeu Tomás — E, também, porque eu achava justo que ela se defendesse... Afinal de contas, de uma maneira ou de outra, alguma coisa eu lhe devia, não é verdade?

Sylvia preferiu não responder. Se o tivesse feito seria para dizer que as colegas de

profissão de Jeanne costumam cobrar bem menos por uma noitada... Se fosse para dizer alguma coisa quanto a esse assunto, ela

teria falado que Jeanne fora a prostituta mais cara que já havia passado pela vida de Tomás ou de qualquer outro homem.

Tomás continuou:

— Eu vou lutar, Sylvia... Vou lutar para recuperar tudo quanto Jeanne tirou de mim. É um volume de dinheiro bem considerável e eu acho que Simone e você merecem que eu deixe, quando me for para o outro mundo, alguma coisa que de fato garanta a sua sobrevivência e o seu progresso!

Sylvia olhou zangada para ele e resmungou:

— Detesto quando você começa a falar essas bobagens...

— Não é bobagem — protestou Tomás — É uma realidade. Uma certeza e, diga-se de passagem, é a única certeza que podemos ter na vida. Todos nós morreremos, um dia ou outro! E eu quero que, quando chegar a minha vez, aqueles que ficarem não tenham o menor motivo de queixa!

Os dois calaram-se por alguns instantes e Tomás, olhando para o vazio à sua frente, disse:

— As coisas estão indo bem. Meus advogados já fizeram o contrato que Jeanne deverá assinar ainda hoje e, depois que tudo estiver resolvido, nós dois iremos viajar.

Voltando a fitar Sylvia, murmurou:

— Aliás... Acho que o melhor a fazer é deixar tudo isso nas mãos dos meus advogados. Não há nenhuma razão para eu me aborrecer! Iremos para o Rio de Janeiro, nós três, ficaremos por lá até que as coisas com Jeanne se acalmem um pouco e, depois, quando a poeira toda baixar, poderei voltar e trabalhar em paz. Por enquanto está muito difícil fazer qualquer coisa com Jeanne por trás, com seu espírito de vingança contra mim...

Deu um sorriso e acrescentou:

— Você sabe, Sylvia... Não há nada pior do que uma mulher que se sente traída e que deseja se vingar do homem e de sua nova companheira de vida!

Tomás estava redondamente enganado.

Jeanne não estava visando magoá-los, não havia na verdade nenhuma conotação de vingança nos sentimentos da mulher, embora ela fizesse questão de dizer, até para ela mesma, que o que estava desejando era se vingar de



Tomás e de sua irresponsabilidade ao fazer nascer uma filha. O que a francesa estava querendo era ficar com tudo o que Tomás possuía.

Absolutamente tudo.

Sua ganância e ambição não permitiam que ela aceitasse a metade ou três quartas partes. Ela queria tudo... Sem deixar escapar um só centavo. Tomás tinha razão quando dizia que ela poderia muito bem assinar o acordo e se contentar com o que já tinha conseguido. Era dinheiro suficiente para ela poder viver o resto de seus dias como uma verdadeira rainha.

Mas, para Jeanne, era muito pouco.

— Ele tem a nova mulher e a filha — disse para a sua imagem, no espelho — Já é mais do que suficiente. Por isso, o restante todo terá de ser meu!

Visando esse objetivo, o primeiro passo, naturalmente, era não assinar nenhum acordo e, ao contrário, brigar e espernear dizendo que Tomás a estava deixando na miséria, que ele estava sendo um crápula e que não estava levando em consideração todo o tempo que viveram juntos, tudo quanto ela lhe dedicara.

— Minha juventude! — lamentava-se — Ele sugou minha juventude, acabou com minha vida e agora... Agora...

Com um gemido, completava:

— Agora, ele encontrou uma mulher mais jovem e mais bonita... Fez uma filha ilegítima... Abandonou-me... Jogou-me pela janela como se eu fosse um chinelo velho, um jornal já lido! E, como se não bastasse, quer me deixar na mais completa miséria, sem dinheiro nem mesmo para comer, para meus gastos mínimos...

Porém, essas lamúrias de Jeanne não chegavam a impressionar ninguém. Depois de tantos anos, todos sabiam muito bem como ela era e sabiam que tudo quanto estava dizendo era mentira. Calavam-se, não a contradiziam pois sabiam, também, o quanto eram terríveis os seus acessos de fúria e não havia quem quisesse enfrentá-los.

Jeanne chorava, lamentava-se, falava mal à vontade de Tomás, de Sylvia e de Simone, todos a consolavam e, assim que ela saía, não faltava quem dissesse:

— Mas é muito bem feito! Jeanne, agora, está colhendo exatamente o que plantou!

Durante pouco mais de um mês, Jeanne conseguiu escapar dos advogados, mandando sempre dizer que não estava, que estava viajando ou que, simplesmente, estava tomando banho e que não poderia atender

ninguém. Sua intenção era ganhar tempo e exasperar Tomás a um ponto tal que ele acabasse desistindo.

Por incrível que isso pudesse parecer, era a verdade.

Jeanne estava certa de que poderia contar com a desistência de Tomás, achava que ele deixaria para trás toda a sua fortuna a troco de paz de espírito.

Aliás, uma paz que ela não tinha a menor intenção de lhe proporcionar.

Era seu plano, assim que ele transferisse para ela todos os bens e todas as quotas da empresa, começar algum tipo de encantamento que o pusesse, de preferência, numa cadeira de rodas pelo resto de seus dias.

Assim, ela continuou a fazer visitas, a falar horrores de Tomás e a chorar...

Em sua mente doentia, egoísta e egocêntrica, ela não percebia que as pessoas simplesmente a ouviam e... mais nada. Nenhuma se dignava a transmitir de boca a ouvido para as outras, as maledicências de Jeanne e as que chegavam a comentar alguma coisa com Tomás, mostravam claramente que não davam o menor valor às barbaridades que a mulher andava espalhando pela sociedade paulistana.

Por sua vez, Tomás ria...

Ele estava seguro, tinha a Lei a escorar suas intenções e sabia que, mais cedo ou mais tarde, Jeanne seria obrigada a ceder.

— Ela não tem direito nenhum — disse — Talvez, se brigar muito, possa conseguir uma partilha baseada na lei que protege a concubina. Mas, quanto a qualquer outra coisa... Isso não! Ela não pode me obrigar a nada! E, no acordo que eu estou propondo, ela ficará com muito mais do que vai lhe dar qualquer juiz numa contenda judicial!

Com o passar das semanas, Jeanne acabou por se exasperar com o que estava acontecendo.

Não havia, mesmo jeito de se livrar dos advogados de Tomás e um outro causídico que acabara tendo de consultar, explicara-lhe muito claramente quais eram os seus direitos e quais eram as suas possibilidades.

— Assine o acordo — aconselhou — Será mais lucrativo e, com toda a certeza, será mais rápido.

Mostrando para Jeanne a minuta do contrato que lera, minuta esta que os advogados de Tomás tinham deixado em sua casa logo na primeira vez que lá estiveram, ele completou:

— Veja que Tomás não está tirando nada do que você já



conseguiu e que está em seu nome. Somente as quotas da empresa e, ainda assim, está pagando bem caro por elas!

Com um sorriso, disse, em tom confidencial:

— Você não terá todas essas vantagens na eventualidade de precisar chegar ao Juiz...

Depois da consulta a esse advogado, Jeanne ficou ainda mais furiosa.

Não é possível! — exclamou, ao chegar em casa — Não é possível que eu não consiga encontrar um jeito!

Lembrou-se, então do livro de Magia Negra.

— Mas é isso! — exclamou — Como eu não pensei nisso antes?!

Mais uma vez, ela foi buscar o velho livro no fundo do armário e, trancada em seu quarto para evitar que Serafina aparecesse para bisbilhotar, começou a consultá-lo.

Irritou-se em menos de cinco minutos.

Jeanne não conseguia se concentrar na leitura e, o pior, era não conseguir ler parágrafo nenhum que não fosse de conjuração do Demônio.

— Satã não está me deixando fazer o que quero — pensou, cheia de raiva — Ele está querendo que eu o chame...

Balançou negativamente a cabeça e disse, em voz alta:

— Pois não vou satisfazê-lo, desta vez! Não o chamarei! Resolverei este meu problema sozinha pois tenho certeza de ter tanto poder quanto ele!

Nesse momento, Jeanne escutou um trovão. E imediatamente, um cheiro horrível de enxofre queimado invadiu o quarto.

Ela dissera aquilo em voz alta!

Cometera o erro de falar, ao invés de pensar!

E o Príncipe das Trevas a escutara...

— Com que então, você acha que tem tanto poder quanto eu? — perguntou Satã com um sorriso mau a lhe repuxar os lábios.

Por um momento, Jeanne sentiu suas pernas tremerem. Ela conhecia muito bem Satã e sua fúria...



Porém, ela lera naquele livro, junto ao parágrafo que dizia ser impossível ao Demônio ler os pensamentos dos seres humanos, que era preciso, quando numa confrontação, mostrar força e firmeza. Segundo o livro, Satã tinha sido, quando de sua expulsão do Céu, amaldiçoado por Deus e nele tinham sido postos todos os defeitos e más qualidades. A covardia era uma delas... Assim, Satã seria covarde e, frente a uma situação em que a força lhe fosse mostrada, ele recuaria.

Claro...

O livro não especificava que espécie de força era a mais adequada no caso.

Jeanne resolveu jogar...

Esforçando-se ao máximo, ela fitou o Príncipe das Trevas e falou:

— Não sei se tenho mais poderes do que você. Mas sei que tenho todo o direito de não querer conjurá-lo! Você me abandonou, deixou que as coisas acontecessem sem me avisar, sem me prevenir! Na verdade, você está aqui por que quis aparecer! Eu não o chamei e não vou chamá-lo mais!

Satã sorriu malevolamente e disse:

— Você está errada, Jeanne...

— Como assim, estou errada?! — explodiu Jeanne — então acha que eu tinha de ficar muito satisfeita com o surgimento dessa filha de Tomás?! Acha que eu haveria de gostar?!

Tomou fôlego e continuou, os olhos muito azuis despedindo faíscas de ódio:

— Você sabia... É impossível que não soubesse! E não me avisou da existência dessa menina!

Baixando um pouco a voz, acrescentou:

— É lógico que tudo seria mais fácil se eu soubesse desde o começo... Teria feito as coisas de maneira a Tomás obrigar Sylvia a abortar ou, se isso fosse impossível, nós dois juntos, você e eu, teríamos dado um jeito de eliminá-la!

Satã balançou a cabeça negativamente e Jeanne pode notar um brilho de raiva e de frustração em seu olhar.

— Nem sempre as coisas acontecem como se quer ou como se gostaria, Jeanne — disse ele — Essa menina, Simone, está fora do meu alcance... Por enquanto!

Era uma confissão que Jeanne não esperava ouvir de Satã, do poderoso Príncipe das Trevas, daquele que era chamado Senhor do Mal. Para ela, no que dizia respeito a coisas ruins, o poder de Satã seria



imbatível, ilimitado e terrível. No entanto, ali estava ele, diante de uma súdita, confessando que não tinha condições de atingir uma indefesa menina de pouco mais de dezoito anos de idade...

— Mas não é possível... — murmurou Jeanne — Simone ainda é uma menina inexperiente e até certo ponto, indefesa! Basta, por exemplo, que dois malandros a apanhem na rua, a currem e, depois, metam-lhe uma faca nas costelas... O problema estará resolvido!

— Isso jamais aconteceria através de mim ou através de você, Jeanne — replicou o Demônio — Como eu disse, Simone está fora do meu alcance, por enquanto...

Foi quando ouviu Satã repetir o “por enquanto”, que Jeanne se deu conta de que havia uma possibilidade.

— O que está querendo dizer com isso? — perguntou.

Satã riu e Jeanne notou que ele estava recuperando o seu humor normal, ou seja, um humor sardônico, sarcástico e cáustico.

— Simone está protegida. Há forças que impedem que eu me aproxime dela pois foram direcionadas especificamente contra mim e contra qualquer coisa que venha de mim. Isso quer dizer que os ensinamentos que eu lhe transmiti sobre como fazer para destruir alguém, de nada adiantam contra ela.

— Mas há o livro — ponderou Jeanne — E nesse livro há métodos que você não me

O Príncipe das Trevas soltou uma gargalhada bem diferente das que costumava dar.

Nessa, havia um timbre de ódio profundo e o despeito transparecia como se estivesse em alto-relevo.

— Não seja tola! — exclamou — Onde você acha que o autor desse livro foi encontrar esses ensinamentos?

Jeanne arregalou os olhos.

— Foi... você? — indagou.

— E quem mais acha que pode ter sido?

— Mas é tão antigo...

— Sou mais velho do que a Bíblia, já se esqueceu? Quando Moisés começou a escrever o Antigo Testamento, eu já existia há muito tempo!

Baixando um pouco a voz, acrescentou:

— Se é que se pode falar em Tempo quando se está falando em Eternidade e em conceitos de Infinito...

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos e, depois de se acalmar um pouco, Jeanne disse:



— Mas eu preciso destruir esses três... Não quero ter de partilhar minhas coisas com ninguém!

— Suas coisas ou coisas de Tomás? — riu Satã.

— Minhas — insistiu Jeanne — Tenho mais direito a elas do que qualquer outra pessoa. Ajudei a construir esse patrimônio e...

Satã a interrompeu com um gesto, dizendo com desprezo:

— Você ajudou... Não foi bem assim. Você apenas transmitiu para Tomás as informações que eu lhe dei!

Com uma risada sarcástica, falou:

— Assim sendo, quem ajudou não foi propriamente você, Jeanne...

A mulher ia abrindo a boca para protestar mas Satã não a deixou falar.

— Você está ciente de que eu posso tirar de você o que eu quiser da mesma maneira que permiti que ficasse na boa posição de hoje, não é mesmo?

Jeanne engoliu em seco. O que o Príncipe das Trevas estava dizendo, era mais do que

verdade. Ele poderia simplesmente desejar que ela não tivesse nada e, daí... Jeanne estaria na mais negra miséria, sem dinheiro nem mesmo para comer e sem possibilidades de trabalhar.

Sentiu raiva de Satã, de si mesma.

Sentiu-se miserável e frustrada...

Mas, Jeanne era uma mulher teimosa. Teimosa e determinada.

Ela dissera que não mais conjuraria Satã e cumpriria a sua promessa. Dissera que estava ofendida com ele e arrumaria uma maneira de demonstrá-lo.

— Você precisa de mim para atingir seus objetivos — falou o Demônio — Se quer destruir esses três, vai precisar de mim. Não adianta nada tentar me enfrentar pois eu sou mais forte.

Riu alto e disse:

— Lembre-se que fui eu que praticamente ditei as palavras desse livro. Seria muito estúpido de minha parte falar todos os meus truques e todas as minhas falhas.

Com um sorriso vitorioso, Jeanne deixou escapar:

— Mas você não pode ler os pensamentos... E isso está no livro!

— Não é novidade nenhuma — ponderou o Demônio — Os japoneses sempre souberam disso. Há milênios... a mão no ombro de Jeanne.

O contato com o Príncipe das Trevas, mais uma vez, operou em Jeanne uma transformação. Ela começou a se sentir excitada, excitada



como nunca, com um desejo intenso de ser novamente possuída por Satã. Tentou, em vão, lutar contra esse desejo. Sabia que estava sendo arrastada pelo Demônio, sabia que se acontecesse a conjunção, ela estaria dominada e acabaria fazendo o que ele quisesse.

— Não... — murmurou — Não faça isso... Eu não quero...

Satã riu.

Sua mão começou a percorrer o corpo de Jeanne.

Fazia tanto tempo...

Ela fechou os olhos e gemeu de prazer ao contato quente daquela mão que conseguia correr por todo seu corpo, detendo-se naqueles pontos mais sensíveis, fazendo-a respirar mais depressa e sentir o coração bater fora de compasso.

— Venha — disse Satã — Sei o que você está precisando...

Jeanne sentiu que estava sendo carregada para a cama. Sentiu o peso de um corpo sobre o seu, um calor que não podia ser humano, que não podia ser de um homem comum. Depois, ela começou a ter aquelas sensações que ela sabia não serem naturais...

Mas, sensações que ela jamais deixaria de querer.

Amaldiçoou-se por ter se deixado levar por Satã, ao mesmo tempo em que se via transportada para o êxtase absoluto...

No fundo, desta vez, todo o prazer que sentia trazia em seu bojo uma ponta de revolta, de ódio de si mesma.

Satã tinha vencido, mais uma vez...

Jeanne acordou muito mais tarde do que o habitual, sentindo o corpo terrivelmente dolorido mas, ao mesmo tempo, sentindo-se satisfeita, realizada e...revoltada.

Levantou-se da cama com dificuldade e caminhou até o espelho para se olhar por inteiro, nua...

Como sempre, o Príncipe das Trevas não tinha deixado marcas em seu corpo. Tinha deixado apenas sensações e recordações...

O sorriso de felicidade que estava estampado em seu rosto desapareceu quando ela se lembrou que, no final das contas, ele conseguira fazer com que ela se esquecesse de Tomás, de Sylvia e, principalmente de Simone.

Satã transformara a noite numa orgia e, com isso, ela se esquecerera.



— Aquele maldito! — pensou, tomando muito cuidado para apenas pensar — Consegui ir embora sem me dizer o que fazer... E isso, apenas para que eu seja obrigada a conjurá-lo outra vez!

Apanhando uma toalha, começou a caminhar para o banheiro.

Quando estava passando diante da mesinha de cabeceira, ela se distraiu e murmurou:

— Agora, terei que chamá-lo mais uma vez... E não estava querendo fazer isso!

Foi o bastante...

Um estalido se deu como se tivesse acontecido um curto-circuito e a figura de Satã surgiu novamente diante de seus olhos.

— Mas será que não entendeu? — perguntou o Demônio mostrando toda a sua irritação — Não entendeu que não posso fazer nada?

Jeanne ficou paralisada no lugar, incapaz de mover um só músculo, enquanto Satã dizia:

— Talvez eu não tenha sido muito claro... Não vai adiantar usar de Magia contra Simone. Você terá de atraí-la e, depois que ela estiver sob sua aura, aí sim, eu poderei fazer alguma coisa.

Começou a desaparecer e, já no meio de uma névoa amarelada, ele finalizou:

— Traga-a para perto de você. Fique perto dela. Faça com que Simone se integre à sua aura. Aí sim, poderei fazer alguma coisa!



CAPÍTULO XXV

As palavras do Príncipe das Trevas impressionaram Jeanne.

Impressionaram-na e serviram para alimentar a sua paranóia, a sua certeza de que, na realidade, teria até mais poderes do que o próprio Demônio.

Se Satã não tinha condições de atingir Simone, ela haveria de consegui-lo. Afinal, tinha sido ele mesmo quem dissera que ela deveria trazer Simone para perto de sua aura. Isso só poderia significar que ela, Jeanne, era mais forte, que Satã precisava da força emanada por sua aura para poder fazer qualquer coisa contra a filha de Tomás e de Sylvia.

Voltou a folhear o livro e constatou que ali, entre as páginas amarelecidas pelo tempo e já quase desfeitas por causa da umidade e de excesso de manuseio, havia muitos encantamentos que poderiam, no mínimo, serem tentados.

— Simone precisa morrer — pensou Jeanne — Não quero que ela apenas tenha de enfrentar situações difíceis. Ela precisa morrer, bem como seus pais. Tenho de ficar sozinha com tudo e, para que isso possa acontecer, não pode haver ninguém interessado na herança de Tomás a não ser eu mesma!

Riu e acrescentou:

— Sem Tomás para lutar na Justiça pelas quotas da empresa, sem Sylvia e sem Simone para reivindicarem uma parte da herança, eu poderei ficar com absolutamente tudo e, então...

Jeanne poderia se perguntar o que ela faria com tanto dinheiro...

Porém, esse tipo de questão não se impunha à sua mente pois para ela, o que importava era possuir. Ter, ser dona, ser a proprietária...

Era isso que ela queria, era para isso que vivia.

Durante todos aqueles anos, Jeanne só se preocupara com a posse das coisas e, evidentemente, também das pessoas. Era a dona e senhora de uma porção de suas amigas e conhecidas, era a proprietária da última palavra, a dona de todas as decisões.

Parou um instante, olhou sua imagem refletida no espelho da sala e disse, com um tom de profunda revolta e frustração em sua voz:

— Era... Depois que Tomás se libertou, parece que isso não está acontecendo mais...

E era verdade.

Depois que a sociedade tomara conhecimento da separação do casal, o conceito de Jeanne perante a maioria das pessoas, desmoronara a olhos vistos. Ela já não era mais tão considerada assim e os convites para encontros e reuniões começavam a escassear, o que era o melhor termômetro e a mais precisa medida da queda do prestígio de alguém.

Jeanne estava começando a ficar sem prestígio, estava pouco a pouco sendo empurrada para o seu verdadeiro lugar na sociedade: o de uma intrusa, uma penetra muito pouco desejada.

Era terrível ter de reconhecer esse novo estado de coisas...

Jeanne estava sendo relegada a um plano secundário e ela não conseguia admitir isso, não podia em hipótese alguma tolerar que uma situação dessas se estabilizasse, se definisse.

Não era preciso ser um expoente intelectual para saber que noventa por cento do prestígio de que ela desfrutara até aquela data passaria para Sylvia assim que a situação de Tomás na empresa voltasse a se regularizar. A partir daí, então, a primeira dama seria Sylvia e a princesa, Simone.

— Não! — exclamou Jeanne folheando o livro, escolhendo o encantamento que faria — Isso não vai acontecer! Não posso permitir que uma qualquer me passe para trás!

E, com um acento de desespero na voz, completou:

— Se as coisas continuarem assim, não vai ser difícil que eu tenha de ir pedir favores para Sylvia!

Ergueu o rosto para o espelho, fixou seu próprio olhar e disse, em tom determinado:

— Os três vão morrer... Eles têm de morrer e, então, voltarei a ser a dona de tudo... Os outros virão beijar meus pés!

Cautelosa, apertou bem os lábios para impedir-lhes qualquer movimento traiçoeiro e pensou:

— Até mesmo Satã há de se curvar perante mim!

Sorriu interiormente enquanto imaginava o Príncipe das Trevas humilde e submisso a seus pés, implorando-lhe que o atendesse...

— Será diferente — pensou ela — Ele há de vir me pedir para ter uma noite... Será o contrário do que está acontecendo agora quando eu é que tenho que ficar pedindo as coisas!

Respirou fundo e voltou ao livro.

Olhou com mais atenção uma página...

Ali estava o que buscava.



Um encantamento de morte, um feitiço para ser feito sem a ajuda de Satã e que, sem dúvida, poderia até mesmo fazê-lo ver toda a sua capacidade e poder...

Jeanne olhou o relógio.

Na realidade, ela nem mesmo precisaria ver as horas pois, desde que começara aquele ritual, ela sentia o tempo como se este fosse algo concreto e que pudesse ser tocado e avaliado em suas dimensões da mesma maneira que um açougueiro experiente é capaz de dizer o peso de uma peça de carne que apanhe para cortar.

Mas, por força do hábito, Jeanne olhou o relógio e constatou que faltavam apenas alguns minutos para a meia-noite.

Olhou para o céu, onde a lua parecia um prato brilhante no firmamento.

Era o segundo dia depois da lua cheia e, de acordo com o que dizia o livro, era esse o melhor dia para aquele tipo de feitiço.

Baixando a cabeça, Jeanne viu que tudo quanto iria precisar ali se encontrava, corretamente disposto sobre a lápide.

Sorriu.

Não pode deixar de sorrir ao pensar no que diriam seus conhecidos se a vissem ali, vestida inteiramente de negro, com todos aqueles apetrechos sobre a lápide de uma tumba no cemitério do Araçá...

Escolhera o Cemitério do Araçá por que ouvira, certa vez, alguns estudantes de medicina dizerem que iam lá à noite para roubar ossos do ossário quando precisavam repor os que perdiam do laboratório de Anatomia Descritiva. Isso levou-a a pensar que ali não deveria haver uma fiscalização muito rigorosa e, assim, não correria o risco de ser apanhada pela Polícia ou de ser vista por alguém. De mais a mais, o Araçá é suficientemente grande para esconder uma pessoa lá dentro, mesmo que essa pessoa esteja cercada por uma centena de velas...

Olhou novamente para o céu e, como ela mesma previra, uma nuvem estava começando a cobrir a lua.

Chegara o momento...

Rapidamente, dispôs as velas cobrindo todo o perímetro da lápide e, ajoelhando-se no centro, acendeu-as.

Em seguida, erguendo os dois braços para o alto, ela disse:



— Lua, rainha da Noite! Leva o alfanje da morte para Tomás, Sylvia e Simone!

Ao seu lado, os três ratos brancos que ela tinha levado para lá numa pequena gaiola de arame, mexeram-se, nervosos, pressentindo que alguma coisa ruim estava para acontecer.

Jeanne abriu a gaiola e pegou o rato maior entre os dedos.

Olhou para ele e disse:

—Morra, Tomás! Vá fazer companhia para seus antepassados!

Assim dizendo, mordeu com violência a cabeça do pobre animal, literalmente decepando-a com os dentes.

O sangue do rato espirrou, escorreu quente e viscoso para a boca de Jeanne.

Esta, porém, não se incomodou com aquilo e, cuspido de lado o pedaço de cabeça que ficara em sua boca, com o sangue do animalzinho a lhe escorrer pelos cantos dos lábios, voltou a abrir a gaiola.

Pegou outro rato e, segurando-lhe a cabeça entre o polegar e o indicador da mão direita, apertou-a até que sentiu os ossos estalarem.

Mais uma vez, o sangue a sujou, fragmentos do crânio do rato espirraram longe...

— Morra, Sylvia! Você quis Tomás em vida... Pois o terá até depois da morte!

Olhou para cima, deixando o corpo do rato ao lado do outro que matara. Viu que a nuvem que cobria a lua estava quase acabando de passar. Logo ela brilharia outra vez e, então, o encantamento teria terminado.

Pela terceira e última vez, abriu a gaiola.

Restava apenas um rato.

Estava nervoso, chiando como um desesperado e encolhendo-se num canto, procurando se afastar o mais possível dos dedos de Jeanne.

— Venha, Simone... — disse ela — Não adianta lutar! Seu destino está traçado e seus dias estão para terminar neste instante!

Com um movimento rápido, tentou pegar o rato pela cabeça.

Porém, o animalzinho sabia que, para ele, seria uma questão de vida ou morte...

Abriu a boca e mordeu.

Mordeu com toda a força o dedo médio de Jeanne, arrancando-lhe sem piedade um pedaço da unha e uma boa fatia de pele...

Jeanne se assustou.

Tirou a mão depressa, arrastando para fora o rato.



Este, ao se ver livre dos arames da gaiola, soltou o dedo de Jeanne e, uma vez no chão, saiu em disparada, desaparecendo por entre os túmulos e campas rasas.

Jeanne não pode fazer nada. Ficou ali, ajoelhada sobre a lápide, olhando para a escuridão, incrédula.

— Mas não é possível... — murmurou — Ela escapou... Simone conseguiu escapar...

Tomás olhou o relógio um pouco impaciente.

— Faltam dois minutos para a meia-noite — disse ele — Já é tarde...

— Tarde porque? — perguntou Sylvia, rindo — Você tem algum compromisso, hoje?

Tomás riu, também, e comentou:

— Você tem razão... Não tenho nenhum outro compromisso a não ser repousar...

Olhou para Sylvia e disse:

— Se é que você vai me deixar repousar hoje... Parece que o ar aqui do Rio de Janeiro lhe faz alguma coisa... Não deixa escapar uma só noite!

Sylvia deu uma risada feliz, olhou para o banco de trás do automóvel onde Simone dormia como se fosse uma criança.

— A vida é curta demais — falou — Se não aproveitarmos enquanto podemos...

Tomás não retrucou e continuou dirigindo pela Avenida Nossa Senhora de Copacabana, mantendo uma velocidade de quase sessenta quilômetros por hora no trânsito livre do fim de noite e início de madrugada..

— Simone está dormindo — disse Sylvia — Deve ter ficado cansada, depois de tudo que andamos hoje...

Tomás viu o semáforo da Rua Figueiredo de Magalhães ficar verde e, a cinquenta metros da esquina, acelerou um pouco para passar depressa pelo cruzamento.

Foi tudo rápido demais...

Quando ele se deu conta, o táxi já estava em cima dele, a mais de cem quilômetros por hora, desrespeitando o sinal vermelho.

A pancada foi formidável...

O automóvel de Tomás, atingido na altura da porta do motorista, foi arremessado contra o poste de iluminação do outro lado da rua, bateu, rodopiou e tombou.

O táxi, transformado num monte de ferros retorcidos, incendiou-se, consumindo-se rapidamente.

Os populares correram, tiraram de dentro do automóvel tombado o corpo inerte de Tomás, tiraram Sylvia ainda respirando e, do banco de trás, saiu ilesa, sem nenhum aranhão, a assustada Simone.

A moça não precisou de mais do que cinco segundos para compreender o que tinha acontecido.

Viu seu pai, a cabeça pendendo para o lado num feio ângulo em relação ao pescoço, evidentemente já morto.

Viu sua mãe...

Inclinou-se sobre ela, em prantos, ciente de que nada mais seria possível fazer...

E então, enquanto se abraçava a seu pescoço, pedindo-lhe desesperada para que não a deixasse, ouviu-a murmurar:

— Mãe Antônia... Você... precisa... Mãe Antônia...

E, com um estremecimento, Sylvia morreu...

CAPÍTULO XXVI

Jeanne ficou furiosa.

Quando ela se deu conta que a fuga do terceiro rato simplesmente significava que Simone também tinha conseguido escapar, ela não cabia mais em si de tanta raiva.

Voltou para casa controlando-se para não correr demais com o automóvel e, assim, acabar ela própria indo parar no hospital por causa de um acidente.

Mal entrou no apartamento, teve de se controlar outra vez pois a sua vontade era de quebrar tudo, a começar por aquele espelho que fazia tanta questão de lhe mostrar que, para ela também, o tempo tinha sido inexorável e implacável.

Porém, ela sabia muito bem quanto custava um espelho como aquele... Não em dinheiro, pois o dinheiro, quando se tratava de gastá-lo para satisfazer seus caprichos e suas vontades, não tinha qualquer importância. Aquele espelho custava era muito trabalho para conseguir um igual, feito em cristal bisoté, a moldura cuidadosamente elaborada por um artesão chamado Schultz e que já parara de trabalhar com pátina havia muitos anos.

— Mas por quê?! — perguntou ela, em voz alta — Por que será que não deu certo?

E, cheia de raiva, lembrou-se que, sozinha, sem pai e sem mãe, na realidade, Simone representava um transtorno muito maior.

Ela era a herdeira.

Teria os advogados de Tomás às suas costas para defendê-la e para fazer valer cada centavo de seus direitos.

— Só serviu para atrapalhar ainda mais... — ouviu Jeanne.

A mulher olhou para os lados.

Evidentemente, reconheceu a voz de Satã mas não estava conseguindo enxergá-lo.

— Onde está, Príncipe das Trevas? — perguntou ela, irritada — Não estou para brincadeiras, não estou com a menor vontade de brincar de esconde-esconde!

A gargalhada característica de Satã se fez ouvir e, no meio de uma nuvem de fumaça, ele apareceu.

Durante todos aqueles anos, sempre que Satã aparecera, fizera-o assumindo a forma humana. Ora ele estava com o corpo de Tomás, ora com o de um outro homem que de alguma maneira impressionara Jeanne, ora estava com o corpo de um total desconhecido... Mas sempre era a forma de um homem esbelto, elegante e atraente. Jeanne sempre pensara que Satã agia dessa maneira por ser vaidoso. Afinal, a vaidade é um pecado quando excessiva e nada mais natural que o Príncipe das Trevas acumulasse mais essa falha.

Dessa vez, porém, ele surgiu aos olhos de Jeanne como costumava aparecer nos livros de histórias infantis que falavam do Diabo.

Tinha o corpo nu, apenas a cintura estava envolta num pano preto, a pele era muito vermelha, de um vermelho ígneo, como se fosse uma brasa viva. Seu rosto perdera a beleza a que Jeanne estava acostumada: estava com lábios muito grossos, revirados para fora, o nariz era chato e de ventas largas, mais parecendo o nariz de um macaco e os olhos...

Ah, os olhos!

Eram grandes demais, rasgados no rosto largo, esbugalhados e injetados de sangue — se é que um ser desses pode ter sangue nas veias, o mais provável é que tivesse fogo — e negros como carvão.

A cabeça toda era enorme, desproporcional para o tamanho dos ombros e ao invés de cabelos, tinha pelos... Pelos grossos e aglomerados como os da juba de um leão e que se separavam na altura da testa para dar lugar a um par de chifres curtos, grossos e rombos...

Era horrível...

Porém, em todo aquele horror, havia uma sensualidade indizível, um poder de sedução assustador, tão grande que Jeanne, imediatamente começou a se sentir arrebatada, excitada, desejando com todas as fibras de seu corpo, ser possuída por aquele monstro.

— Eu a avisei — disse Satã — Você não quis me ouvir.

— Tentei — defendeu-se Jeanne, a voz rouca, trêmula, manifestando o desejo que a invadia.

Satã riu inclinando a cabeça para trás e falou:

— Você errou e, agora, terá de pagar pelo seu erro. E como castigo, não lhe darei o que está querendo...

Jeanne quis reclamar mas não conseguiu.

Sua boca permaneceu fechada, a língua travada, muito embora ela fizesse todo o esforço para falar.

— Você sofrerá as conseqüências de seu erro na própria pele — avisou o Príncipe das Trevas — Simone estará mais forte do que nunca e o dinheiro que você ainda tem começará a minguar.



— Não! — conseguiu dizer, finalmente, Jeanne — Não deixe que isso aconteça! Eu não suportaria!

O Demônio ergueu os ombros com indiferença.

— Para mim — falou ele — tanto faz que você suporte ou não. De qualquer maneira, você já não me interessa mais.

Com uma risada canalha, acrescentou:

— E não me interessa mais, de jeito nenhum e para nada...

Jeanne entendeu muito bem o que ele estava querendo dizer.

Ela não o teria mais... O Príncipe das Trevas não viria mais amá-la, não mais a possuiria.

— Há outra coisa... — continuou ele — Você me traiu. Tentou me passar para trás, conspirou contra mim consigo mesma em pensamentos, sabendo que eu não os poderia ler. Isso é o mais grave e é, para mim, o rompimento do pacto que nós fizemos lá na floresta de Randan, está lembrada? Um pacto em que você se comprometia a jamais me trair.

Fez um gesto, impedindo que Jeanne o interrompesse e prosseguiu:

— Isso foi o bastante. Agora, você deverá voltar ao mesmo estado em que eu a apanhei e a ajudei pela primeira vez.

O que significava a miséria, um casebre no meio do mato, o isolamento... Tudo quanto Jeanne jamais poderia tolerar!

— Não! — suplicou ela — Não faça isso, por favor...!

Satã ficou em silêncio por um longo minuto e, depois, murmurou:

— Talvez eu lhe possa propor um outro pacto...

Um sorriso de esperança esticou os lábios de Jeanne e ela disse, ansiosa:

— Sim! Isso mesmo! Façamos um novo pacto! Eu farei o que você quiser! O que você quiser!

Satã riu.

— Fará, mesmo... Até porque não tem alternativa. É aceitar minhas condições ou então viver na miséria até o final de seus instantes.

— Está bem! — falou Jeanne, apressada — Diga o que você quer! Diga que eu darei um jeito de arrumar!

Satã olhou atentamente para ela e murmurou:

— Antes, acho que é melhor você tomar conhecimento de algumas coisas. Compreendendo melhor o que poderá lhe acontecer, você poderá trabalhar mais depressa e poderá voltar a ser o que era.

Jeanne franziu as sobrancelhas.

— Voltar a ser o que era? — perguntou — Mas o que está querendo dizer?



— Olhe-se no espelho, Jeanne — falou Satã — Verá o que já começou a acontecer.

A francesa obedeceu.

Voltando o rosto para o espelho, fixou a imagem ali refletida.

Assustou-se.

Seu rosto estava com muitas rugas, seus cabelos branquearam, ela estava uma velha...

Olhou para as mãos.

As pintas acastanhadas que ela sempre se orgulhara de não possuir, estavam aparecendo...

— Não! — gritou ela — Não pode ser! Ainda hoje eu não estava assim!!!

Satã fez um gesto e Jeanne voltou a se ver como estava pela manhã.

Respirou aliviada e Satã disse:

— O que você viu é como vai ficar dentro de muito pouco tempo, se não cumprir a sua parte no trato.

— Mas como você quer que eu faça alguma coisa se não me diz o que eu preciso fazer? — protestou Jeanne, já mais senhora de si ao ver que voltara ao normal, que aquele processo de envelhecimento tão rápido não tinha sido mais do que um dos truques do Príncipe das Trevas para assustá-la.

O Demônio voltou a rir e falou:

— Eu quero Simone. E quero ser o primeiro. Ela tem de ser virgem, Jeanne. Absolutamente virgem...

Jeanne meneou a cabeça com incredulidade e murmurou:

— Não acho que seja possível... Nos dias de hoje, uma moça como ela... É muito pouco provável que ainda não...

— Ela ainda é virgem — afirmou Satã — E eu a quero assim. Se você não conseguir, pode estar certo que eu vou cumprir até a última letra as minhas ameaças!

Jeanne respirou fundo.

Depois de refletir um pouco, ela perguntou:

— Por que não a pega, simplesmente? Você é o Príncipe do Mal! Sempre disse que tem poderes ilimitados... Por que precisa de mim para ficar com Simone?



Pareceu a Jeanne ter percebido um ar de frustração em Satã.

Depois de olhar intensamente para a francesa, ele respondeu:

— Há forças defendendo Simone contra as quais eu não posso agir. Forças do Bem...

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, o Demônio acrescentou:

— Foi por isso que eu lhe pedi para trazer Simone para perto de sua aura, para fazer com que ela se deixasse influenciar por você e, conseqüentemente, se deixasse impregnar um pouco por minha força maléfica. Está me acompanhando?

Jeanne balançou afirmativamente a cabeça e Satã prosseguiu:

— Eu poderia me transformar num rapaz que fosse exatamente aquele que Simone imagina para ser o seu grande amor. Não seria difícil. Mas, no momento em que eu tentasse me aproximar dela, as Forças do Bem a defenderiam e eu não teria a menor possibilidade de realizar o meu intento.

— Isso significa que o seu poder não é assim ilimitado como sempre disse... — ponderou Jeanne com um tom de vitória em sua voz.

Satã rosnou:

— Se você tivesse um pouco mais de cultura, se tivesse perdido um pouco de tempo lendo, por exemplo, Goethe, com certeza não falaria uma asneira dessas. Mas não... Achou que o melhor era se dedicar às futilidades!

Deu uma risada.

— Às vezes — falou Satã como se estivesse monologando — chego a pensar que estou errado. Incentivo as pessoas a relegarem a parte espiritual e entre as muitas coisas do espírito, a parte intelectual, em detrimento das chamadas boas coisas da vida... Depois, eu mesmo me arrependo quando tenho de ouvir bobagens como essa...

Com despeito, disse:

— Dizer que meu poder é limitado... Isso é mentira! No que diz respeito ao mal, eu posso qualquer coisa!

Baixando um pouco a voz, soprou, com seu hálito fétido:

— É contra determinadas forças do bem que eu tenho dificuldades...

Como se estivesse tentando se justificar, Satã explicou:

— Veja bem que posso dobrar, posso vencer muitas coisas que são decorrentes do Bem. Desde o Gênesis tem sido assim. Pude fazer Eva comer a maçã, tentei Caim e fiz com que matasse Abel... Fiz Noé se embriagar... E muitas outras coisas... Mas, quando tenho de enfrentar determinadas coortes ou falanges, há um bloqueio. Não consigo...



Com desânimo, ele completou:

— O pior é que isso acontece muitas vezes em casos que parecem ser os mais simples... Como o de Simone, por exemplo. O que há de novidade no Demônio possuir uma mocinha?

Quantas vezes isso já não aconteceu? Milhões... Bilhões de vezes... Mas... Com Simone, a história está sendo outra...

Olhou para Jeanne de uma maneira ameaçadora e falou:

Por isso vou precisar de sua ajuda. As falanges que estão defendendo e protegendo Simone, estão de sobreaviso contra mim. Não contra você. E menos ainda se você se aproximar dela por meios meramente humanos e não tentar usar nada de sobrenatural. Essas tais falanges não perceberão nada e você poderá atrair Simone para perto de si.

Abriu um sorriso e arrematou:

— Pode ser que demore. Aliás, é natural que demore pois Simone não vai querer contato com você uma vez que está sabendo das dificuldades a que você obrigou Tomás. Mas, se insistir, se usar de diplomacia e, principalmente se souber conquistar Simone pelos sentimentos, conseguirá atraí-la. E, então...

Jeanne assentiu com a cabeça e, para se assegurar, indagou:

— Você vai me possibilitar destruí-la, não é isso? E vai deixar que eu fique com tudo?

— Sim — respondeu Satã — E vou lhe dar um outro presente... Você vai rejuvenescer... Está bem assim?

Jeanne sorriu.

— Claro que está bem — respondeu ela — Pode estar certo que dentro de muito pouco tempo você terá Simone para o seu prazer...

Satã riu.

A fumaça que havia ao seu redor se tornou mais densa e mais fétida e sua figura começou a se desmanchar.

Quando já estava quase desaparecendo, ele disse:

— Há uma outra coisa, Jeanne... A cada ano que passar sem que você me dê Simone, você envelhecerá cinco... Por isso, trate de se apressar!

Jeanne quis protestar.

Afinal de contas, aquilo não era justo. Satã não poderia penalizá-la daquela maneira por algo que ele mesmo sabia ser incapaz de realizar.

Porém, o Príncipe das Trevas já tinha ido embora.

Jeanne ficou ali, olhando para o espelho, vendo que, de fato, estava ficando velha muito depressa...

— Ele tem razão — murmurou — Preciso ser rápida... Não quero ficar uma velha antes do tempo, mesmo que ele tenha dito que vai me fazer rejuvenescer...!

CAPÍTULO XXVII

Simone demorou, como seria natural, algumas semanas para se compenetrar de que estava órfã e de que tinha se transformado, de repente, na herdeira de uma grande fortuna.

Figueira e Bueno, os dois advogados de Tomás encarregados do problema com Jeanne, viram-se na obrigação de praticamente tutelar a moça no que dizia respeito a toda a imensa quantidade de dinheiro que, de um momento para o outro passara para suas mãos.

Como havia apenas uma herdeira e como havia muito dinheiro, muitos empregos e muitas influências no espólio Tomás Camargo, não houve qualquer complicação e, em pouquíssimo tempo, Simone estava à testa dos negócios do pai, sempre escorada pelos dois

advogados e pela equipe de funcionários mais antigos, pessoas capazes de tocar a empresa sozinhas e de levá-la a bom porto.

Porém, havia o caso de Jeanne.

Como Tomás falecera antes que qualquer acordo fosse assinado, a ação judicial se impusera e com isso, Jeanne se tornara um espinho enorme na vida de Simone e na carreira de Figueira e Bueno.

Ela estava irredutível.

Queria as quotas de Tomás de qualquer maneira e, apesar de seu próprio advogado ter dito que era uma causa perdida, e que no fim ela acabaria saindo prejudicada, Jeanne insistia.

Recusou qualquer contato com os advogados de Simone, disse que não haveria acordo e que levaria a ação até o final, mesmo que isso fosse a última coisa que faria em sua vida.

— Vou ganhar — dizia ela — Depois, poderei morrer.

Essa atitude deixava abismados Figueira e Bueno.

Três meses depois da morte de Tomás e de Sylvia, quando então Simone já estava mais acostumada com os negócios da empresa e estava começando a poder tomar decisões sozinha, os dois advogados foram conversar com ela.

— Não estamos entendendo — disse Figueira — Jeanne está recusando até mesmo o acordo que Tomás tinha proposto antes de morrer. Ela sabe que vai perder tudo e, no entanto, insiste em não aceitar qualquer contato conosco.

Simone sugeriu:

— Melhorem o acordo. Talvez ela esteja achando insuficiente.

Sorriu, embora ainda houvesse muita tristeza nesse sorriso e completou:

— Para mim, não fará qualquer diferença...

Os dois advogados, apesar de não estarem completamente de acordo com a opinião de Simone, assentiram e, no dia seguinte, fizeram chegar a Jeanne uma nova minuta para ela examinar.

Jeanne nem mesmo a leu.

— Leve isso de volta — falou ao mensageiro — Não vou assinar nada. E não vou conversar com esses dois rábulas. Se tiver de tratar de alguma coisa, será diretamente com Simone e aqui, em minha casa!

O mensageiro levou de volta a minuta e deu o recado:

— Ela disse que quer tratar com Simone. E na casa dela.

Figueira e Bueno nem sequer transmitiram essa notícia para Simone. Era algo tão absurdo que não valia a pena nem mesmo perder tempo falando sobre isso.

— O que ela está pensando? — perguntou Figueira para Bueno.

E, antes que o outro pudesse responder, acrescentou:

— Será possível que ela ache que pode nos passar para trás dessa maneira? Os advogados somos nós! Recebemos de Simone para cuidar de casos como esse e uma de nossas obrigações é justamente poupá-la de aborrecimentos!

Bueno ergueu os ombros com indiferença.

— Deixe que ela queira à vontade. Quanto mais ela demorar, mais perto fica a sentença que, nós sabemos, será favorável à Simone — replicou — Daqui a muito pouco tempo, não haverá mais interesse nenhum e nem mesmo necessidade de acordo. Aliás, já há dois meses eu acho que não se deveria mais falar em acordo com essa mulher!

Figueira suspirou.

— Também acho... Mas infelizmente, não é essa a opinião de Simone. Você sabe como ela é. Boa demais...

Acendendo um cigarro, completou:

— Não vou ficar admirado se ela aceitar um encontro com essa megera. E ainda sair de lá concordando com os termos que ela impuser...

Figueira estava com a razão.

— Na semana seguinte, Simone mandou chamá-los para saber do resultado de sua sugestão quanto a melhorar o acordo com Jeanne.

— Ela não quis assinar — respondeu Figueira — Nem sequer leu a minuta nova.

Simone ficou em silêncio por alguns instantes e, pondo para trás da orelha uma mecha de seus longos cabelos cor de ébano, falou:

— Acho que vou tentar conversar com ela. Pode ser que...

— Nada disso! — exclamou Figueira — É exatamente isso que ela quer pois sabe que poderá dobrá-la, Simone! Você não vai conversar com Jeanne e, se por acaso resolver fazê-lo, fique sabendo que nós dois pediremos demissão!

Bueno olhou intrigado para o companheiro. Ele também não concordava nem um pouco com a idéia de Simone ir conversar com Jeanne mas, daí a pôr as coisas nesses termos, o passo era muito longo.

Mais tarde, depois que já tinham deixado o escritório de Simone, Bueno perguntou para Figueira por que dissera aquilo.

— Não sei — respondeu ele com sinceridade — Alguma coisa me disse, naquele momento, que não poderia permitir que Simone fosse ao encontro de Jeanne. Não sei por que eu cheguei a ameaçá-la com a nossa demissão...

Sorriu, meio sem graça e arrematou:

— Mesmo porque eu jamais deixaria Simone... E você?

Bueno assentiu com um aceno de cabeça.

— Você está certo... Nós fomos os únicos a saber de toda a sua história. Nós a vimos crescer. Não teria o menor cabimento deixá-la, não é mesmo? Seria algo assim como estarmos abandonando uma filha...!

Enquanto o processo caminhava na Justiça com a lentidão que caracteriza todos os procedimentos legais, Jeanne não deixara um só momento de pensar, tramar e arquitetar um plano para cumprir a sua parte no pacto com Satã.

Ela perdera, em primeira instância, a tutela das quotas da empresa e, com isso, não conseguira mais ter nenhuma voz ativa quer na Diretoria, quer no Conselho Executivo. Com isso, ela se vira alijada de uma importante fatia de sua projeção social e isso a mortificava imensamente.

— A culpa é de Simone — dizia ela para si mesma, cheia de ódio — A culpa é dela e de mais ninguém!

É mais do que sabido que não há melhor fermento para o ódio do que a inveja e não há nada que a faça aumentar mais do que ver o alvo dessa inveja progredir, crescer e florescer.

Era exatamente isso que estava acontecendo.

Jeanne via Simone subir vertiginosamente, via seu nome aparecer com extraordinária frequência não apenas nas colunas sociais mas, principalmente, nas notícias sobre grandes negócios. Via quase todos os dias comentaristas econômicos se referirem a ela com respeito e admiração e não foram poucas as vezes em que Simone fora citada como um exemplo vivo da nova geração que começava a tomar em mãos as rédeas da economia e do

desenvolvimento do país.

E isso a punha furiosa.

Simone representava tudo quanto ela gostaria de ser e que jamais o conseguiria.

Era jovem, bela, desejada por todos, amada, requisitada em todas as festas e reuniões... Simone tinha o futuro pela frente, um futuro brilhante e feliz.

Já, para ela...

Jeanne olhava com desespero para o espelho e via que a cada semana, mais e mais rugas apareciam em seu rosto, mais cabelos brancos despontavam e, o que era ainda pior, ela notava que suas curvas, seu corpo, começava a se transformar. Já não tinha mais a mesma cintura, uma barriga proeminente deformava-lhe o perfil e os seios...

Ah, os seios!

Aqueles seios grandes e firmes de que Jeanne tanto se orgulhara, estavam ficando flácidos, pendentes...

Seios de uma velha... tentara todos os recursos para evitar o envelhecimento. Passara cremes, fizera massagens, ginástica, utilizara processos modernos e lançara mão de fórmulas estranhas e exóticas que se lembrara de ver Gabrielle receitar para suas clientes.

Nada dera certo.

O envelhecimento continuava, parecendo até mais intenso depois de cada uma das tentativas que ela fazia para impedi-lo.

Enquanto isso, ela podia ver a fotografia de Simone nas capas e páginas internas de revistas femininas, de revistas de negócios e, ainda, muitas e muitas vezes, na televisão. Ela parecia cada vez mais linda, mais cheia de vida e de realização.



— Isso vai acabar! — dizia Jeanne, com raiva — Vai acabar e, então...

Olhando para o vazio à sua frente, apertando os olhos já bem enrugados e com grandes bolsas nas pálpebras inferiores, ela murmurava:

— ...então, Simone... Você há de rastejar aos meus pés!

Porém, para desespero de Jeanne, ela não via esse dia chegar.

Sabia que, para poder fazer alguma coisa contra Simone, precisaria se aproximar dela, precisaria atraí-la de uma tal maneira que sua aura tivesse condições de influir na da jovem e isso, justamente isso, parecia ser impossível.

Simone estava permanentemente em companhia de outras pessoas e, isso atrapalhava os planos da francesa.

— Preciso apanhá-la sozinha, em algum lugar onde ninguém possa me impedir de tocá-la, de abraçá-la... — dizia.

Começou a seguir os passos de Simone de modo a poder estar a par de toda a sua rotina, exatamente como faria um bandido que estivesse interessado em seqüestrar a moça. Mas, depois de um mês, Jeanne chegou à conclusão que Simone jamais estaria sozinha.

— A não ser à noite, em seu quarto e ali, eu não posso entrar...

Parecia ser impossível. Simone era absolutamente inacessível e seus advogados repeliram energicamente todas as tentativas de Jeanne de uma entrevista a sós com a jovem.

Já desesperada, vendo que não conseguiria coisa nenhuma por meios normais, Jeanne decidiu pedir ajuda a Satã e, numa sexta-feira à noite, invocou-o.

Satã atendeu ao seu chamado com visível mau humor.

— Não sei por que me chamou — disse ele.

Como da última vez em que aparecera, Satã se mostrava ao natural, naquele seu horripilante aspecto de monstro semi-humano, com chifres. Desta vez, Jeanne notou que ele tinha os membros inferiores como as patas traseiras de um bode e isso lhe causou uma impressão desagradável pois em seu pensamento, lembrou-se das vezes em que se sentira tão arrebatada por aquele ser... Seria possível que tivesse mantido relações com um monstro daqueles?!

Tomou muito cuidado para que esse pensamento não transparecesse em sua fisionomia e, respirando fundo, disse:



— Preciso de ajuda, Príncipe das Trevas. Não consigo me aproximar de Simone.

Satã balançou a cabeça negativamente e falou:

— Eu a avisei de que de nada adiantaria usar meios sobrenaturais para tentar essa aproximação. Não posso ajudá-la.

— Mas isso não é possível! — exclamou Jeanne — Você tem poderes que eu não tenho! Não é possível que não consiga arrumar uma maneira de Simone ficar perto de mim!

O Príncipe das Trevas ficou calado e Jeanne percebeu que, pela primeira vez, ele não estava rindo, não estava soltando aquelas gargalhadas de sempre.

— Não posso fazer nada — repetiu Satã.

E, ríspido, acrescentou:

— Se pudesse, pode ter certeza que não faria pacto nenhum com você.

Jeanne se ajoelhou e quase chorando, disse:

— Mas não pode ser... Não quero envelhecer e morrer assim! Não quero! Você precisa me ajudar!

Erguendo os olhos e fixando as feições de Satã, insistiu:

— Deve haver uma maneira... Faça alguma coisa!

E, numa tentativa de sensibilizar o Demônio, ajuntou:

— Lembre-se que eu sempre fui uma boa discípula... Está certo que tivemos algumas rusgas mas... Isso acontece com qualquer um, não é mesmo?

Satã voltou a balançar negativamente a cabeça e murmurou:

— Não há o que eu possa fazer, Jeanne. Esse problema você deverá resolver sozinha.

Abriu os braços muito peludos para começar o movimento que fazia todas as vezes em que ia embora mas Jeanne gritou:

— Não se vá ainda! Ajude-me, Príncipe das Trevas!

Satã interrompeu o movimento e falou:

— Está bem... Vou tentar fazer alguma coisa.

Olhou intensamente para Jeanne e acrescentou:

— Mas é claro que isso vai lhe custar um pouco mais.

— Não tem importância! — exclamou ela — Qualquer coisa que me custe será pouco!

Satã meneou a cabeça afirmativamente e disse:

— Como já lhe expliquei, há forças e falanges que eu não posso vencer. Porém, essas mesmas forças podem ser fragilizadas por outros elementos do mal...

Havia uma certa raiva em sua voz quando ele completou:

— Elementos que eu mesmo criei. Você, por exemplo....

Ficou em silêncio por quase um minuto, com os olhos fechados, como se estivesse se concentrando e, então, arrematou:

— Você vai receber uma mensagem. Vai segui-la ao pé da letra e, então, talvez as coisas comecem a melhorar.

Satã começou a desaparecer e, já diluído entre a fumaça que desprendia, acrescentou:

— Quanto ao preço que terá de pagar por essa ajuda, olhe-se no espelho...

Jeanne ouviu a sua gargalhada tétrica e pensou que, sinceramente, teria sido melhor nem ouvi-la...

Quando a fumaça de enxofre sumiu, Jeanne correu para a frente do espelho.

Já nesse movimento, notou a diferença.

Ela estava mais lenta, sentia dores pelo corpo e sua respiração estava mais difícil.

Com medo, olhou a imagem que o cristal lhe devolvia.

Estava horrível.

Envelhecera cinco anos em apenas dez minutos.

Seu rosto estava cheio de rugas e o cabelo, todo branco.

Furiosa, ela apanhou um cinzeiro de bronze e arremessou-o contra a própria imagem.

Porém, o cinzeiro era pesado demais e caiu no chão antes de atingir o cristal...

Jeanne compreendeu.

Ela teria de conviver com aquilo... Teria de se ver diariamente, envelhecendo e fenecendo a cada momento.

Fazia parte do preço.

Fazia parte do pacto...

CAPÍTULO XXVIII

Três meses já tinham passado desde que Jeanne invocara Satã pela última vez e nada acontecera que pudesse dar a ela a idéia de uma modificação naquele desesperador estado de coisas.

Simone continuava a progredir, sua fortuna aumentava dia após dia e Jeanne, ao contrário, desmoronava. Já era voz corrente que ela estava sofrendo de uma grave doença e que a transformara numa velha muito antes do tempo.

Havia aqueles, cujo coração era menos empedernido, que tinham pena da pobre mulher mas, a maioria, não pensava assim. Durante todos aqueles anos, Jeanne pisara sobre muitas pessoas, causara muitos sofrimentos e humilhara demais aqueles que tiveram o azar de se atravessar em seu caminho. Por isso, era mais do que natural que não se apiedassem dela e, muito pelo contrário, chegassem a achar que nada poderia ser mais justo do que ela sofrer alguma coisa.

— É castigo de Deus — comentavam — E Jeanne fez por merecê-lo.

Na Justiça, as coisas também começavam a se precipitar e o advogado de Jeanne apareceu para dizer que dentro de poucos dias, o Juiz deveria dar a sentença final e ela, Jeanne, seria prejudicada pois, na certa, perderia a questão.

— Você ainda tem uma chance — falou ele — Pode tentar o acordo com Simone e, apesar de ser prejudicial para ela, tenho certeza que aceitará. Simone não precisa de dinheiro e tem um coração bom demais para querer vingança nessa altura dos acontecimentos.

Jeanne compreendeu muito bem o segundo sentido das palavras do advogado. Simone não teria interesse nenhum em ver uma pobre velha, doente e prematuramente decrépita, passar dificuldades. Mesmo que essa velha fosse ela, Jeanne, a pessoa que lutara durante tanto tempo para lhe tomar as quotas da empresa.

Por um momento, Jeanne ficou irritada.

Pensou em correr dali o advogado chamando-o de incompetente ou de qualquer outra coisa que o pudesse ofender, mas...

Lembrou-se das palavras de Satã.

Ela receberia uma mensagem que lhe possibilitaria um encontro com Simone...

Talvez fosse aquela a oportunidade e, segundo o Príncipe das Trevas, ela deveria seguir à risca as instruções que lhe seriam transmitidas.

Respirou fundo, refletiu por alguns momentos e, finalmente, disse, tentando esboçar um sorriso:

— Está bem... Assinarei o acordo. Mas...

O advogado arregalou os olhos. Parecia-lhe impossível que Jeanne ainda tivesse coragem de impor condições para a assinatura de um acordo que, na realidade, não seria mais necessário para Simone e que esta mantinha por mera piedade para com a francesa.

— Não creio que você esteja em posição de exigir coisa nenhuma — ponderou ele.

Jeanne balançou a cabeça negativamente e disse:

— Não quero impor nada. Quero apenas pedir um favor para Simone.

Fingida, boa atriz que sempre fora, enxugou uma lágrima no canto do olho esquerdo e murmurou:

— Quero que ela me receba... Que me perdoe...

Ergueu o rosto encarquilhado para o advogado e explicou:

— Veja o meu estado... Estou doente, envelheci muito... Sei que não terei muito tempo mais. E não quero partir para o outro mundo levando o ódio de Simone.

O advogado sorriu e com benevolência, disse:

— Pode estar tranquila quanto a isso, Jeanne... Simone é uma boa alma. Tenho certeza que não guardará qualquer rancor de você.

— Pode ser... — replicou a velha — Mas eu faço questão de ouvir essas palavras da boca de Simone. Pode marcar o encontro para a assinatura do acordo mas... Que seja na presença de Simone.

O advogado refletiu por alguns instantes e disse, por fim:

— Está certo... Verei o que é possível. Vou falar com o Figueira ainda hoje e, quem sabe, marcamos para segunda-feira esse encontro...

Jeanne se despediu do advogado, radiante. Talvez, finalmente, estivesse trilhando o caminho certo. Tinha certeza de ser recebida por Simone e, a partir daí, não lhe seria muito difícil fazê-la acreditar em seu arrependimento. Daí a convencê-la a um convívio mais estreito, o passo não seria muito longo.

— Você a terá, Príncipe das Trevas! E eu terei a minha juventude de volta! — disse ela para o espelho.

Às nove horas da manhã de segunda-feira, o advogado de Jeanne telefonou.

— Será impossível encontrar Simone hoje — disse ele com preocupação em sua voz, temendo que Jeanne resolvesse voltar atrás e não mais assinar o acordo — Ela foi para o Rio de Janeiro e não deverá voltar antes de uma semana ou dez dias. Pelo que Figueira me falou, ela tem muitos negócios a resolver por lá.

Apressado, antes que Jeanne pudesse reclamar, acrescentou:

— Mas você pode assinar o acordo aqui. Até mesmo aí em seu apartamento. A presença de Simone é totalmente desnecessária...

— Mas eu queria... — começou Jeanne.

— Sei que você queria se entender com ela — interrompeu o advogado — Mas isso pode ser feito depois. Assine esse acordo, Jeanne... Tenho certeza que as coisas ficarão mais fáceis entre vocês duas depois que, juridicamente, não houver mais nenhum espinho.

Jeanne refletiu por alguns instantes.

Se ela deveria seguir as instruções da mensagem e se aquilo tudo era a mensagem propriamente dita, o melhor a fazer seria assinar. Além disso, se Simone estava no Rio de Janeiro, ou seja, numa cidade que não era o seu domicílio, talvez estivesse mais vulnerável lá, do que em São Paulo...

E não seria totalmente impossível localizá-la... Com alguns telefonemas...

— Está certo — disse a francesa — Pode mandar vir o acordo que eu vou assiná-lo. E, assim que Simone chegar, eu irei procurá-la para uma conversa adulta e madura.

Deu uma risada e arrematou:

— Afinal, eu vivi tanto tempo com o seu pai... Não tem o menor cabimento, depois de tudo acertado, que nós duas continuemos separadas. De uma forma ou de outra, eu sou a madrasta de Simone...

O advogado quase nem podia acreditar no que estava ouvindo.

Jeanne, finalmente, cedera... O acordo seria assinado, aquela tortura chegaria ao fim e, o que era melhor do que qualquer outra coisa, ele nunca mais precisaria chegar perto daquela mulher, nunca mais



precisaria ouvir sua voz e muito menos ver aqueles olhos frios e maldosos que pareciam perfurar-lhe a alma.

Por sua vez, Jeanne também estava excitada. Tão excitada que nem mesmo se lembrou das dores reumáticas que nos últimos dias estavam incomodando tanto, chegando mesmo a impedi-la de dormir.

Imediatamente após desligar o telefone, começou a agir.

Em seguida, também através do telefone, achou o hotel em que Simone se hospedaria, em Copacabana...

— Irei para lá — disse — Assim que assinar esse maldito contrato, eu irei para lá! Aposto como Simone, ao ver que eu me desloquei, doente e tudo, para o Rio de Janeiro, só para vê-la, não se recusará a me receber!

— Não estou gostando nada disso — falou Figueira — Uma pessoa que chega a esse ponto, jamais volta atrás em sua opinião.

— Você está falando de uma pessoa normal — ponderou Bueno — E Jeanne não é normal.

Franzindo as sobrancelhas, indagou:

— Mas o que o incomoda? Se ela se decidiu a assinar... Não é bom para todos nós?

— Não — respondeu Figueira — Para nós não é muito bom. Estamos cedendo quando não tínhamos a menor necessidade de ceder. Isso pode ser bom apenas para Jeanne.

— E para Simone — completou Bueno — Ela sempre quis que esse acordo saísse, mesmo sabendo que financeiramente não é a melhor solução.

Ergueu os ombros, conformado e disse:

— Mas Simone é assim mesmo. Boa demais. Não é capaz de ver uma pessoa em dificuldades sem querer arrumar uma maneira de ajudá-la.

— Talvez seja por isso mesmo que ela tenha tanta sorte na vida... As pessoas de bom coração são abençoadas, Figueira... Deus ajuda e elas acabam alcançando tudo o que desejam...

Malicioso, Figueira murmurou:

— Então é por isso que você tem sido tão exemplar ultimamente... Pensei que fosse apenas influência de Simone mas vejo que não. Há alguma outra coisa por trás. Você está bajulando os santos para conseguir...

Abriu um sorriso e exclamou:

— Mas eu já sei! Agora estou percebendo tudo...

Bueno olhou para o colega com raiva e perguntou:

— Está percebendo o quê, meu velho?

— Você quer é ficar rico como Simone... Por isso tem ido à Missa, tem feito caridades... Está é pedindo a Deus um lugar ao sol!

Bueno riu.

— Pode ser que esteja certo — disse ele — Mas não estou pedindo um lugar ao sol para mim, pois já estou velho, já realizei tudo quanto tinha de realizar e posso me considerar um homem feliz...

Com um olhar sonhador, ele concluiu:

— Mas eu tenho um filho... Quero o melhor para ele...

Figueira franziu a testa, intrigado e indagou:

— Mas já não conseguiu? Jorge não está bem empregado aqui com Simone?

Com um sorriso, completou:

— Ele conseguiu, em poucos meses, o lugar de assessor financeiro da dona da empresa. O que mais pode desejar?

Bueno olhou para o companheiro e riu.

— Acho que há muito mais para ele desejar. E, aliás, ele o deseja. Só que...

Figueira estourou numa gargalhada.

— Compreendi! — exclamou — Mas é claro que compreendi!

Bateu nas costas de Bueno e disse:

— Ele não poderia visar mais alto, não é mesmo? Bem ambicioso, o seu menino...

Ficando subitamente sério, Figueira murmurou:

— Mas... Espere aí... As coisas estão começando a aparecer... Jorge foi para o Rio de Janeiro na sexta-feira, não é isso?

Bueno fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— E Simone decidiu viajar para o Rio hoje de manhã... Depois que recebeu um telefonema de Jorge...

Um sorriso de felicidade iluminou o rosto redondo e vermelho de Bueno.

— Então é isso! — exclamou Figueira — _É isso! Esses dois estão de amores! E nós nem sequer desconfiamos!

— Vocês não desconfiaram — contestou Bueno — Mas eu estou sabendo de tudo desde o início... Desde quase cinco anos atrás, quando começaram a namorar escondido de Tomás e de Sylvia.

— Mas porque mantiveram tudo em segredo? — perguntou Figueira — Não havia necessidade nenhuma! Não há nada mais natural dom que dois jovens se amarem, não acha? É assim que a espécie se perpetua...

Bueno ergueu os ombros, indiferente.

— Vai ver, eles criaram o hábito de fazer tudo em segredo — murmurou — E, no fundo, deve ser mais gostoso.

CAPÍTULO XXIX

Jorge avistou Simone caminhando pelo saguão do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro e, com um sorriso, correu para ela.

Abraçaram-se, beijaram-se apaixonadamente e ele disse:

— Desculpe-me fazê-la esperar, Simone... Mas o trânsito... O Rio de Janeiro está cada vez pior...

— Faz tempo que eu não venho ao Rio — comentou Simone — Desde a morte de meus pais...

E, com um trejeito que tentava justificar suas palavras, completou:

— Não tenho boas recordações daqui, Jorge. Acho que é fácil de entender...

— Claro — fez o rapaz — É claro que eu entendo.

Ajudando-a com a mala, acrescentou:

— Mas vamos deixar de lado os pensamentos negativos e as recordações tristes, Simone. Temos um bocado de trabalho pela frente e, quando tivermos terminado tudo, quero mostrar para você um Rio de Janeiro de que há de se lembrar com prazer.

Aproximando-se do automóvel que Jorge alugara, Simone indagou:

— E o nosso plano? Ainda está de pé?

Jorge riu.

Pondo a bagagem no porta-malas do carro, ele abraçou Simone mais uma vez e disse:

— Mas é claro que está de pé, minha querida... Já providenciei tudo. Pode ficar descansada que há de dar certo.

Dirigindo depressa, procurando acompanhar o tráfego enlouquecido da cidade, Jorge comentou:

— Só não consigo compreender a razão de todo esse segredo, Simone. Você tem o direito de fazer o que quiser. E eu também! Não temos necessidade de nos escondermos!

Simone ficou em silêncio por alguns instantes e, acendendo um cigarro para si e outro para Jorge, falou:

— Eu sei como são essas coisas. Conheço muito bem a sociedade de São Paulo. Jamais admitiriam que eu me casasse sem fazer uma festa do tamanho de um edifício de vinte andares. Por outro lado, sei o que vão comentar. Vão dizer que você se casou comigo por causa do meu

dinheiro e mais uma porção de outras coisas que nós dois não gostaríamos de ouvir.

Inclinando-se para o lado, disse:

— Prefiro assim. Nosso casamento tem de ser só nosso, Jorge. Ninguém mais tem de participar. Depois, quando voltarmos para o trabalho, aí sim, poderemos dizer a todos o que aconteceu. E poderemos rir à vontade da cara que certas pessoas vão fazer.

Jorge suspirou.

Por ele, anunciaria aos quatro cantos do mundo que estava se casando com Simone Camargo, faria uma festa monstruosa, faria qualquer coisa para mostrar a felicidade que estava sentindo. Mas, por outro lado, dava razão a ela. Seria impossível uma cerimônia discreta e seria impossível evitar os comentários dos invejosos, daqueles que, incompetentes para alcançar a própria felicidade, passam o tempo tentando minar a felicidade dos que a atingem.

E Jorge detestava estar envolvido por uma aura de inveja...

— Você está certa — murmurou — O que interessa é que nós dois estejamos felizes e realizados. O resto é apenas o resto. Não nos importa. E não poderá influir em nossa vida.

Sorriu, beijou os lábios de Simone aproveitando um sinal fechado e falou:

— Reservei quartos para nós dois no Copacabana Palace. Fiz isso lá de São Paulo, era mais fácil e podia dispor da infra-estrutura da empresa. Mas fique sossegada que ninguém desconfiou pois a minha reserva foi feita separadamente.

Fez uma pequena pausa e prosseguiu:

— Poderia ter sido em outro hotel mas, já que é para viver um sonho, achei que você gostaria de ficar lá. Justamente nesta semana chegarão alguns artistas de Hollywood e no mínimo poderemos jantar na mesma sala que eles...

Deu uma risada divertida e perguntou:

— Bem provinciano, não acha?

Simone também riu e, acariciando com a mão esquerda a nuca de Jorge, indagou:

— Você disse que reservou quartos? Foi isso o que eu entendi?

Jorge olhou surpreso para ela e respondeu:

— Sim... Um quarto para mim e outro para você... No mesmo andar, é claro... Quartos contíguos mas... Separados.



— Não acha que é bobagem? — quis saber Simone, com um sorriso malicioso — Afinal, nós vamos casar depois de amanhã...

— Você me disse que queria casar virgem — respondeu Jorge, muito sério — Por isso pedi quartos separados.

Olhando intensamente para ela, acrescentou:

— Acho que esse seu sonho, essa sua fantasia que sempre achei tola, não vai se realizar se nós estivermos no mesmo quarto... Seria pedir demais para qualquer um de nós!

Simone riu.

Beijou o rosto de Jorge e murmurou:

— Aposto que você não vai se arrepender por ter esperado tanto... E pode estar certo de que eu lhe sou muito grata por ter tido essa paciência e por ter sido tão cavalheiro durante todos estes anos.

— Não se trata de uma questão só de cavalheirismo, menina... — falou Jorge com um fingido rancor — Eu sempre tive medo... Já imaginou o que seria de mim se por acaso você engravidasse? Aqueles dois abutres que são seus advogados e que por um acaso o abutre maior é justamente meu pai, simplesmente haveriam de querer ver o meu couro virado pelo avesso!

Enquanto Simone e Jorge desarrumavam as malas e guardavam as coisas da moça no armário, Jeanne estava num táxi a caminho do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

Tinha assinado os documentos que lhe haviam enviado, estava completamente liberada da ação na Justiça e, assim, poderia dar seqüência ao seu plano.

Adquiriu uma passagem para o Rio de Janeiro e, já sabendo que Simone estaria no Copacabana Palace, tratou de iniciar o seu ataque.

Ela haveria de conseguir falar com ela em particular e haveria de fazê-la sua amiga... Era isso que precisava. Que Simone se tornasse sua amiga para poder estar bem próxima à sua aura.

Havia apenas um detalhe que a deixara intrigada e, ao mesmo tempo, preocupada.

Aquele tal de Jorge, o economista e assessor direto de Simone também estaria no Rio de Janeiro. Isso significava que a moça não estaria sozinha e, o que era mais aterrador, talvez ele estivesse lá com a intenção de lhe servir de proteção, uma espécie de guarda-costas com nível universitário.

O tipo da coisa que poderia atrapalhar Jeanne e muito...

Respirou fundo, o táxi estava chegando ao aeroporto e Jeanne disse para si mesma:

— Ora... Acho que estou me preocupando à toa. Ele não estará dormindo com ela. Terei a noite para lhe fazer uma visita...

De repente, por sua mente maligna passou a idéia de que poderia estar redondamente enganada... Jorge poderia muito bem estar dormindo com Simone! Stephanie não dormira com o guarda-costas? E o Principado de Mônaco não caiu por causa disso.

Mas no caso de Simone, as coisas seriam diferentes.

Se isso fosse verdade, ela não seria mais virgem...

Satã seria frustrado e ela...

Bem...

Nem era bom pensar no que iria acontecer.

Procurando afastar de sua cabeça essas idéias, Jeanne avançou pelo saguão do aeroporto, em direção ao balcão da Ponte Aérea.

Desde que o avião pousara no Rio de Janeiro, Simone estava com uma estranha sensação de ansiedade.

Ainda no saguão do aeroporto, ela achara que isso se devia ao fato de não estar com Jorge, de ele ainda não ter chegado para apanhá-la... Chegou a pensar até que o rapaz desistira e fora embora para o outro lado do mundo de onde, em segurança, enviaria uma carta explicando que não queria mais se casar.

Simone riu consigo mesma dessa sua idéia quando o viu correr em sua direção, os braços abertos, o rosto feliz por causa do reencontro. Depois, como a ansiedade persistisse, ela pensou que fosse devida ao nervosismo natural das noivas nas vésperas do casamento.

Mas, a calma e a segurança que a presença de Jorge lhe dava, mostravam claramente que isso não era verdade.

Devia haver alguma outra coisa...

E ela tinha a obrigação de descobrir o que a estava angustiando.

— Não posso me casar sentindo isso! — pensou — É capaz de me atrapalhar tanto que eu não consiga fazer nada com Jorge e isso sim, depois de tantos anos, seria uma autêntica tragédia!

Depois que suas roupas estavam arrumadas, enquanto Jorge, de seu quarto, fazia algumas ligações telefônicas marcando os

compromissos de Simone para aquele dia, ela se espichou sobre a cama, deixando a porta de comunicação entre os dois quartos aberta de maneira a ouvir o que seu assessor e futuro marido dizia em seus telefonemas.

Sorriu consigo mesma pensando que dentro de pouco tempo a situação estaria invertida. Seria Jorge a ter os compromissos e ela, no máximo, serviria de sua assessora.

— Mas em casa — pensou — Não quero ficar na empresa, isso não é exatamente o que eu gosto de fazer.

Fechou os olhos, sentiu de repente um grande relaxamento e, com delícia, percebeu que iria cochilar.

Estava naquele instante de torpor modorrento que precede o sono quando, nítida e claramente, escutou uma voz que lhe dizia:

— Mãe Antônia... Você precisa encontrar Mãe Antônia!

Simone deu um salto na cama, o coração em disparada, a respiração acelerada...

— Jorge! — chamou — Jorge! Venha cá!

O rapaz largou o telefone, assustado.

A voz de Simone era de medo, de angústia, de alguém que estivesse precisando de socorro.

— O que foi? — perguntou ele aflito, debruçando-se sobre ela — O que aconteceu? Por que está assustada assim?

Simone respirou fundo.

Jorge lhe deu um copo de água e ela, depois de um grande esforço, conseguiu dizer:

— Ouvi uma voz, Jorge...

Ele procurou sorrir.

— Claro... Era a minha voz, falando ao telefone...

Simone balançou a cabeça negativamente, tomou outro gole de água e disse, já um pouco mais refeita:

— Não. Não era a sua voz. Era uma voz de mulher...

E, ainda trêmula, completou:

— Era minha mãe... E repetiu uma frase que me disse no instante em que morreu.

Fechou os olhos, apertou muito as pálpebras para se controlar e não deixar que as lágrimas escorressem, enquanto dizia:

— Lembrei-me agora, Jorge... Durante todo esse tempo, esse



fato, essa frase, estiveram escondidos em minha memória, presos em meu subconsciente. Creio que no momento, o choque de ver meus pais daquele jeito... Isso deve ter feito com que eu me esquecesse.

Respirou fundo e prosseguiu:

— Mas agora... Ela repetiu... E acho que eu devo fazer o que está me pedindo.

Jorge refletiu.

Havia muito tempo que ele tinha uma certa tendência ao misticismo, chegara mesmo a freqüentar um centro kardecista perto de sua casa, mas jamais, tivera qualquer experiência espiritualista. Nunca ouvira vozes, tivera visões ou qualquer outra coisa desse gênero. Por isso mesmo, acabara se desanimando um pouco e parara de freqüentar o centro, achando que aquilo tudo não passava de charlatanismo para enganar os incautos.

Mas, vindo de Simone...

Era para se pensar...

— E o que a voz lhe disse para fazer, querida? — perguntou ele, com cautela.

— Minha mãe me mandou procurar uma certa pessoa...

E, erguendo os olhos para Jorge, segurou suas mãos e murmurou:

— E eu me lembro que ela muitas vezes falou nessa pessoa...

Mãe Antônia...

— Uma Mãe-de-Santo? — indagou Jorge, sentindo-se arrepiado.

— Sim... E, se não me engano, ela é minha madrinha...

Jorge se deixou cair sobre uma poltrona e disse, a voz apagada:

— Madrinha... Afilhada de uma macumbeira...

E, com um sorriso forçado, comentou:

— Meu Deus... Onde eu estou me metendo...

Ia abrindo a boca para falar mais alguma coisa mas, parou.

Ficou imóvel, os olhos esbugalhados, a boca semi-aberta, os cabelos quase de pé...

Em seus ouvidos, uma voz feminina, muito suave e muito semelhante à de Simone, disse:

— Se você quiser minha filha como sua esposa, terá de correr. Ajude-a a encontrar Mãe Antônia. E depressa... Não há tempo a perder!

A voz se calou e Jorge, muito pálido, perguntou, baixinho:

— Você ouviu? Você ouviu o que ela me disse?

Simone balançou afirmativamente a cabeça e murmurou:

— Sim. E fico contente. Mostra que não é uma loucura só minha!



Já refeito, novamente senhor de suas reações, Jorge disse:

— Não. Isso não é loucura. É algo muito sério e nós temos de fazer o que ela pediu.

De um salto, apanhou o telefone e começou a desmarcar um a um os compromissos do dia.

— Vai ficar esquisito — disse ele para Simone, ao terminar — Mas é mais importante encontrar Mãe Antônia do que qualquer outra coisa! Principalmente porque tive a sensação de que a nossa felicidade futura depende disso... E depende totalmente!

Simone não discutiu.

Estava achando tudo aquilo um bocado assustador mas, o interessante era notar que a ansiedade que vinha sentido, desaparecera. Parecia que, no momento em que ela e Jorge tinham tomado a decisão de encontrar Mãe Antônia, tudo passara a fluir melhor, com mais calma e naturalidade.

CAPÍTULO XXX

Jeanne não quis ficar no Copacabana Palace, preferindo um outro hotel na Avenida Atlântica de maneira a não levantar suspeitas de Simone.

Ela queria agir de maneira a sensibilizar a moça, dizendo que tinha ido ao Rio de Janeiro unicamente para vê-la e que estava voltando no mesmo dia para São Paulo. Sua idéia era a de fazer com que Simone a convidasse para ficar no mesmo hotel.

— Será a melhor maneira de mantê-la sob minha aura — disse Jeanne para si mesma, ao entrar no quarto.

Estava cansada.

Aquele processo de envelhecimento a que a submetia Satã, deixava-a praticamente esgotada aos menores movimentos e, depois de uma viagem cansativa, depois de caminhar todo o saguão do Santos Dumont tentando acompanhar o carregador com as suas malas, Jeanne estava exausta. Como se não bastasse, havia as dores reumáticas que, talvez por causa do avião, tinham piorado muito, fazendo com que ela tivesse até medo de se mexer.

Deixou a mala sem nem mesmo abri-la e deitou-se ao comprido sobre a cama para repousar um pouco e, mais tarde, já mais disposta, ir atrás de Simone.

Fechou os olhos e procurou adormecer.

Não conseguiu.

Seus ouvidos latejavam, ela podia escutar o som do sangue sendo impulsionado com força em sua cabeça e, lembrando-se de uma conversa, muitos anos atrás, com um médico seu conhecido, achou que estava com a pressão arterial um pouco elevada.

— Não gosto disso — murmurou — Essa história de pressão alta... Posso passar mal de um momento para o outro...

Procurou se concentrar e, com o poder da mente, afastar de si o fantasma de uma doença.

— Não posso ficar doente agora... — falou — Logo agora, que estou tão perto de conseguir cumprir a minha parte no pacto com Satã!

Sorriu consigo mesma, dizendo:

— Depois... Quando tudo estiver resolvido... Aí sim, vou

recuperar a minha juventude e a minha saúde...

Com dificuldade por causa das dores nas juntas, ela se ajeitou melhor na cama e murmurou:

— Satã não poderá reclamar. Terei cumprido toda a minha obrigação e restará apenas que ele faça a sua parte.

Foi nesse momento que um cheiro horrível invadiu o quarto.

Era a primeira vez que Jeanne sentia aquele odor, um odor que lembrava amoníaco em altas concentrações.

Sim...

Ela sabia que era o Príncipe das Trevas chegando. Mas estranhava aquele cheiro tão forte e tão diferente.

Aos poucos, uma nuvem de fumaça foi se formando diante de seus olhos e Satã apareceu.

Ele tinha a expressão furiosa, os olhos mais esbugalhados e proeminentes do que nunca e pareciam dois pedaços de carvão metidos em buracos incandescentes.

— Você está perdendo — disse ele — Está perdendo tudo!

Jeanne quis responder, quis protestar e dizer para o Demônio que não, que ela estava fazendo tudo o que era possível fazer e que dentro de poucas horas estaria com Simone...

Mas não pode...

O Príncipe das Trevas, em meio a um ruído que lhe pareceu o arrastar pesado de um portão meio emperrado, já tinha desaparecido.

Jeanne sentiu um calafrio e começou a transpirar.

Não era preciso ser médico para saber que ela estava ardendo em febre e, sem forças ou coragem para fazer nada, a francesa simplesmente fechou os olhos, procurando dormir.

— Isso passa — disse ela para si mesma — Foi por causa da viagem. E essa aparição de Satã, não foi real... Foi apenas consequência da febre...

Sorriu consigo mesma e, sentindo-se menos tensa, menos angustiada, adormeceu.

Durante todo o dia, pelo telefone, andando de táxi para baixo e para cima, perguntando às pessoas, revirando o Rio de Janeiro, Jorge e Simone tentaram encontrar Mãe Antônia.

Porém, parecia impossível.

Mãe Antônia não era conhecida por ninguém, até mesmo em alguns terreiros de Umbanda e Candomblé que eles foram, não lhes souberam informar.

— Já ouvi falar — diziam alguns.

— Esse nome não me é estranho — diziam outros.

Mas, com precisão, com segurança, ninguém sabia dizer nada.

— Isso não vai bem — falou Jorge já à noitinha, quando regressaram ao hotel — Não fizemos progresso nenhum!

— Talvez amanhã — murmurou Simone, cansada e desanimada

— Pode ser que se procurarmos em Niterói... Quem garante que Mãe Antônia não esteja em Niterói?

— Sim — respondeu Jorge com um suspiro — Ou em qualquer outra cidade da Baixada Fluminense...

Simone compreendeu o que ele queria dizer com aquilo.

Estavam na estaca zero, na realidade, não tinham conseguido nada desde que saíram em busca de Mãe Antônia, logo depois de terem escutado a voz de Sylvia tão nitidamente.

Os dois se encontravam no quarto de Simone, sentados na cama e ambos estavam exaustos. Tinham passado muito calor durante o dia, tinham andado muito e, além de tudo isso, havia a tensão emocional, a angústia de não terem conseguido nada e de verem o tempo passar, minuto após minuto, sem perdão...

— Temos de encontrar Mãe Antônia antes do casamento — falou Simone — Sinto isso! Sei disso!

Com expressão de desespero, Jorge perguntou:

— Isso quer dizer que não haverá casamento se não a encontrarmos?

Simone não respondeu. Sentia, de repente que era preciso ser de Jorge... Aquele

era o seu homem. E esperar mais...

No entanto, ele mesmo parecia tão retraído, tão nervoso...

Simone sorriu consigo mesma, pensando:

— Ele vai ter uma surpresa...

Na verdade, era difícil para a moça explicar a si mesma o que lhe estava acontecendo. Porém, parecia ser compulsivo. Ela sentia uma imensa necessidade de concretizar, de materializar o amor que sentia por Jorge...

Levantando-se, ela se dirigiu para o banheiro e, de lá, falou:

— Estamos os dois cansados e nervosos, querido. O melhor que fazemos é tomarmos um bom banho e, depois do jantar, poderemos

conversar com mais calma e planejarmos o que vamos fazer amanhã.

Jorge concordou. Simone estava com a razão, há determinados momentos no relacionamento de um casal em que o melhor é parar, refletir com toda a calma antes de agir. E eles estavam atravessando um desses momentos.

Começou a caminhar para seu quarto.

Foi interrompido pela voz de Simone que o chamava:

— Mas onde você vai?

Jorge voltou a cabeça para responder.

Não o conseguiu.

Ficou ali, estatelado, atônito, sem saber o que fazer.

Simone estava nua...

Nua, mostrando toda a beleza de seu corpo, toda a sensualidade animal que havia nele.

— Pelo amor de Deus, Simone... — começou ele a dizer.

Simone riu.

Caminhou para os braços de Jorge e, começando a desabotoar sua camisa, disse:

— Já comecei a encher a banheira, querido... E vou precisar que você esfregue as minhas costas...

Jorge engoliu em seco, já sentindo a violenta excitação que se apossava de seu corpo.

— Assim, nós vamos acabar... — balbuciou.

— Está enganado, querido — ciciou Simone — Nós não vamos acabar coisa nenhuma... Vamos é começar nossa vida...

Jeanne acordou sobressaltada.

Olhou pela janela aberta do quarto e notou que já era noite fazia muito tempo.

— Como dormi... — murmurou.

Lembrou-se da visão que tivera de Satã e da sensação de febre. Percebeu que transpirara muito, sua roupa estava inteiramente molhada.

Olhando o relógio, viu que já passava de onze horas da noite, portanto, era muito tarde para ir até o Copacabana Palace procurar por Simone.

— Não devia ter dormido tanto — recriminou-se — Agora, terei de deixar para amanhã.

Foi tomar um banho, depois, pediu que lhe trouxessem o jantar no quarto e, após ter se alimentado bem, deitou novamente para dormir.

Mais uma vez, não conseguiu.

Ficou rolando na cama de um lado para o outro, sem conseguir conciliar o sono.

Por fim, já quase duas horas da madrugada, ela se levantou e foi até a janela, olhar a noite, esperar passar o tempo até o dia amanhecer.

Iria procurar por Simone logo de manhã, quando a moça ainda deveria estar no quarto, recém-acordada e, assim, ainda com a mente embotada pelo sono.

Seria até melhor, seria mais fácil de convencê-la de suas boas intenções.

Estava olhando para o mar quando, de repente, sentiu a presença ao seu lado, do Príncipe das Trevas.

— Você perdeu, Jeanne — disse ele — Perdeu tudo...

Jeanne sentiu um aperto no coração.

— Como assim, perdi tudo? — indagou, agressiva — Como posso ter perdido se ainda nem fui falar com Simone?

— Ela não é mais virgem — disse Satã com pesar — As Forças do Bem venceram e, assim, ela não me interessa mais...

Olhando para Jeanne, ele acrescentou:

— E nem você. Também não me interessa mais, não tenho mais a menor necessidade de seus serviços.

Jeanne sorriu.

A situação não deixava de ser pândega...

Ali estava ele, o poderoso Príncipe das Trevas, falando com ela como se estivesse simplesmente despedindo uma empregada!

Lutando desesperadamente para manter a calma, Jeanne lançou:

— O que prova que seu poder é muito limitado... Não fui eu que perdi, Príncipe das Trevas... Foi você o derrotado!

Satã olhou com raiva para ela e replicou:

— Pode ser. Mas você é quem vai ter o prejuízo. Eu tenho a eternidade, Jeanne... Não fico velho, da mesma maneira que nunca fui moço. Já com você a história é bem diferente...

Começando a desaparecer, ele encerrou:

— Perdi Simone... Você não fez a sua parte. Agora, terá o castigo que, de antemão, foi combinado. Envelhecerá rapidamente...

— Não! — gritou ela — Não quero morrer! Por favor, não faça isso comigo! Pelo menos, leve em consideração todo o prazer que eu já lhe dei!



Satã deu uma gargalhada e disse:

— Está bem, Jeanne... Vou levar isso em consideração. De fato, muitas vezes você me proporcionou prazer... É justo que eu lhe dê um presente.

Jeanne sorriu.

Sim...

De algum modo, ela ainda podia controlar o Demônio.

— Vou procurar por Simone, de qualquer jeito — pensou — Talvez o Príncipe das Trevas ainda a queira, mesmo que não seja mais virgem...!

E, vendo Satã desaparecer, pensou:

— Afinal de contas, nos dias de hoje, pensar em virgindade é a maior estupidez...

CAPÍTULO XXXI

Simone acordou com a certeza de que era feliz e de que essa felicidade iria perdurar para todo o sempre.

Jorge tinha sido formidável e ela, para sua surpresa, tivera a impressão de que já estava casada com ele havia muitos e muitos anos, tal a identidade que ambos conseguiram e tal a intensidade de prazer que sentiram.

Mesmo tendo sido, para Simone, a primeira vez...

Como resultado daquela noite de extravagâncias e de malabarismos amorosos, ela acordou com o corpo dolorido e uma preguiça imensa de sair da cama.

— Pois fique deitada mais um pouco, querida... Enquanto repousa, eu irei ver aquele último endereço que nos deram. Talvez tenha sorte e, assim, à tarde voltarei lá com você.

Simone relutou um pouco, achava injustiça Jorge ir sozinho. Mas acabou cedendo. A cama estava tão boa, o dia estava tão bonito...

Sim... Seria uma boa idéia ela ficar por ali no período da manhã. Um pouco mais tarde, quando levantasse, aproveitaria para fazer algumas compras em Copacabana, ou talvez em Ipanema.

Viu Jorge deixar o quarto e, olhando para o teto, pensou:

— Tomara que ele encontre Mãe Antônia. Agora, depois desta noite, sei que não vou conseguir ficar sem ele... Quero esse casamento e o mais depressa possível!

Ficou na cama sonhando com a vida que teria a partir do instante em que estivesse casada com Jorge e, perto de dez horas da manhã, Simone se levantou.

Tomou um bom banho ainda sentindo no corpo os carinhos de Jorge e, vestida com simplicidade, saiu do hotel para perambular pelas lojas, um esporte que a imensa maioria das mulheres pratica e que para ela, devido ao ritmo alucinante de trabalho que se impusera, era proibido.

Saiu do Copacabana Palace, andou um quarteirão pela Avenida Atlântica e entrou à direita para pegar a Nossa Senhora de Copacabana.

Foi justamente quando estava entrando nessa avenida, que ela a viu. Sentiu um frio no estômago ao reconhecer Jeanne que, vendo-a



também, abria um sorriso que mais parecia um espasmo de dor, e começava a caminhar em sua direção.

Por um breve momento, Simone pensou em esperá-la, em cumprimentá-la. Afinal de contas, tinha sido companheira de seu pai por tantos anos... Não seria educado fingir que não a via ali, no Rio de Janeiro, uma cidade estranha.

Lembrou-se que Jorge, quando ligara para o pai, recebera a notícia de que Jeanne assinara, finalmente, o acordo. Assim, havia mais um motivo para que Simone fosse, ao menos cortês com a velha.

Mas...

Havia alguma coisa de estranho, ali...

Simone sentiu de repente uma repulsa terrível por aquela mulher e, sem se dar conta, virou-lhe as costas e começou a andar apressada, de volta para o hotel.

Parecia-lhe sentir que estava sendo puxada por alguém, por alguma força misteriosa e muito poderosa que a impedia de parar de mover as pernas para esperar que Jeanne se aproximasse.

Ouviu a francesa gritar seu nome e, nesse momento, suas pernas passaram a se movimentar mais depressa, sua mão fez sinal para um táxi que passava e, quando Simone se deu conta, estava sentada no banco de trás, dizendo para o motorista:

— Vamos ao Cemitério São João Batista.

Assustada, Simone pode perceber muito bem que não era ela a dar aquela ordem para o motorista... Em seu íntimo, ela não queria ir a cemitério algum, o que queria fazer era voltar para seu quarto no hotel, trancar-se lá dentro e esperar por Jorge.

Mas...

Ali estava ela, dentro de um táxi, voando baixo em direção ao cemitério.

Quis dizer para o motorista parar, que tinha sido um engano...

Mas não conseguiu.

Sua voz estava presa na garganta, ela não conseguia pronunciar uma só palavra...

Jeanne viu que Simone simplesmente fugira dela...

Furiosa, sentindo-se impotente para persegui-la pela calçada, ela se deixara ficar para trás, tentando pedir ajuda a Satã.

Porém, nada aconteceu...

Satã não a atendeu e ela sabia que ele não lhe apareceria mais.

A menos que conseguisse alcançar Simone e, de alguma maneira, induzi-la a pertencer ao Príncipe das Trevas.

Isso, ela tinha certeza de poder... Desde que, evidentemente, tivesse Simone sob seu domínio.

Respirando mal, o coração batendo desordenadamente e sentindo dores horríveis nas juntas, Jeanne viu Simone entrar no táxi.

Não perdeu tempo.

Entrou em outro carro de praça e disse para o motorista:

— Minha filha está naquele automóvel. Por favor, alcance-a! Preciso lhe dar um recado importante...!

O motorista pisou fundo no acelerador.

Mas, o outro, o que dirigia o carro em que Simone se encontrava, era mais hábil e mais ousado no trânsito e, muito rapidamente, ele se distanciou.

— Não vai dar, madame — disse o motorista de Jeanne — Ele está indo depressa demais. O jeito vai ser segui-lo e, quando ele parar, aí sim, a senhora poderá falar com sua filha.

Mas o táxi de Simone só parou à porta do cemitério.

Simone, ao descer do carro, achou que poderia novamente dirigir suas próprias ações, uma vez que fora ela mesma a abrir a porta e a ensaiar alguns passos ao longo da calçada.

Mas, logo percebeu que não seria assim.

Ainda estava dominada por aquela estranha força que a impelia para a frente, que a obrigava a atravessar os grandes portões do cemitério e a caminhar por entre as sepulturas.

De repente, olhou para trás e viu que Jeanne ali estava a pouco mais de cinquenta passos de distância, caminhando com dificuldade em sua direção.

Respirando fundo, parou e olhou para a velha que se aproximava.

Jeanne estava, realmente, velha e acabada, andando com muita dificuldade, respirando mal e ruidosamente, o rosto muito vermelho, as costas curvadas e os ombros subindo e descendo com o esforço de levar ar para o interior dos pulmões.

Olhou para Simone, a pouco mais de trinta passos de distância. Trinta passos que lhe pareciam trinta quilômetros...



— Não vou conseguir... — murmurou — Quando me aproximar mais, ela vai fugir outra vez... E vai ficar assim, brincando comigo como o gato antes de liquidar o rato.

Invocou novamente Satã, mas este não a atendeu.

Não... Ela não interessava mais...

Com esforço, ergueu os olhos para a moça e viu-a ali, de pé ao lado de uma sepultura baixa. Pareceu-lhe estar, de fato, diante de uma princesa, de uma mulher com poderes infinitos, com o poder que exercera para destruir sua vida.

Um poder que ela jamais tivera: o poder do amor...

Fora com o amor, com o desejo que a impulsionara para os braços de um homem, que Simone a destruía.

Entregara-se...

Amara...

E, com isso, fizera com que o Príncipe das Trevas condenasse a ela, Jeanne, à perdição.

Sentiu crescer o ódio dentro de seu coração.

— Chegarei lá — murmurou.

Faltava pouco mais de quinze metros para chegar até onde estava Simone.

Esta, por sua vez, olhava a cena aterrorizada e estranhamente paralisada.

Não conseguia se mexer embora quisesse se aproximar de Jeanne para ajudá-la, pelo menos para lhe perguntar por que fizera tanto esforço para lhe falar.

Mas Simone estava petrificada...

Lutava consigo mesma para se mover mas o máximo que conseguia fazer era... respirar.

Nesse momento, ela viu Jorge que chegava, correndo como um louco por entre as sepulturas, gritando seu nome e mandando-a se afastar.

Simone bem que tentou mas foi impossível...

Parecia pregada no chão, outra vez dominada por uma estranha força que comandava seus movimentos e suas atitudes.

— Fuja, Simone! — gritou Jorge, de longe — Fuja, pelo amor de Deus!

Mas era tarde...

Jeanne já estava bem perto e parecendo ter renovadas as suas forças.

Tão perto que, se estendesse a mão, conseguiria tocar em Simone...

CAPÍTULO XXXII

Jorge caminhara por quase uma hora pelas ruas estreitas da Lapa, até encontrar o endereço que lhe tinha sido dado.

Era uma casa simples, bastante estragada pela falta de conservação e pelo mau uso mas, estranhamente, no instante em que ele passou o portão do jardim, veio-lhe uma intensa sensação de paz.

Bateu à porta e uma mulata gorda e jovem, com um sorriso feliz no rosto, o atendeu dizendo:

— Entre, doutor Jorge... Nós o estávamos esperando.

Jorge levou um susto.

Como aquela moça poderia saber o seu nome e a troco de quê estavam esperando por ele?

Ressabiado, acompanhou a mulata até um cômodo nos fundos da casa e, abrindo-lhe a porta, a moça disse:

— Pode entrar... Mãe Antônia está esperando pelo senhor.

Jorge obedeceu e entrou num quarto acanhado, completamente vazio, sem janelas e iluminado apenas por uma vela acesa que estava a um canto.

Olhando ao seu redor, ele viu que não havia qualquer mobiliário e as paredes nuas, muito brancas, ainda tinham o cheiro de cal, mostrando que tinham sido pintadas havia pouco tempo.

— Venha, meu filho — disse uma voz que vinha do fundo do quarto — Aproxime-se...

Jorge olhou para o lugar de onde tinha partido a voz.

Estava ali um negra enorme, vestida de branco e que ele não tinha visto, por incrível que isso pudesse parecer, no momento em que entrara naquele lugar. A negra estava sentada no chão, sobre um tapete ricamente bordado e pareceu a Jorge que ela brilhava.

Prestou mais atenção e viu que, realmente, havia uma luz que emanava daquela mulher.

Ela sorriu, estendeu as mãos em sua direção e disse:

— Simone está em perigo. Ela está, agora, no cemitério São João Batista. Jeanne estará lá dentro de poucos instantes. Ela quer tocar em Simone...



— Mas por que? — conseguiu perguntar Jorge — E o que ela pretende?

— Jeanne está possuída pelo Demônio. Ela não sabe, mas está... E Satã, o Grande Exu, está querendo sua mulher. Se Jeanne a tocar, Simone morrerá. Toda a energia de seu corpo e de sua alma, fluirão para Jeanne e, desta, para Satã.

Fez um sinal com as mãos e disse:

— Corra, meu filho! Esteja perto de sua mulher quando as coisas acontecerem... E não tema. Eu estarei ajudando!

Jorge tinha corrido como um louco até o cemitério.

Com desespero, viu que não conseguiria chegar a tempo de impedir que Jeanne tocasse em Simone e, por isso, gritara, pedindo-lhe que fugisse.

Tinha certeza que Simone o ouvira mas, ela não se movera do lugar. E Jeanne ali estava, já a uma distância que poderia alcançá-la. Simone, por sua vez, também estava apavorada.

Viu Jeanne estender as mãos como as garras de uma coruja em sua direção, queria fugir, queria correr ao encontro de Jorge mas...

Não conseguia mover um dedo sequer.

Jeanne sorriu.

De sua garganta brotou uma voz estranha que disse:

— Finalmente, Simone... Finalmente você será minha!, como não é mais virgem, poderei me livrar desta bruxa! Ela não cumpriu a sua parte no pacto e por isso, será castigada!

Era uma voz grossa, de homem, cavernosa e rascante...

A própria Jeanne estremeceu, horrorizada. Reconhecera aquela voz... Seus olhos, fixos nos de Simone, de repente traduziram todo o seu pavor.

Era a voz de Satã...

Então, ele a havia traído! Apossara-se de seu corpo sem que ela o percebesse e a obrigara a fazer tudo aquilo!

Nesse instante uma luz muito intensa brilhou entre Jeanne e Simone.

De longe, Jorge viu Mãe Antônia se materializar entre as duas, a negra estendendo as mãos para a bruxa.

Mãe Antônia, com voz forte e enérgica, falou:

— Vá para o seu lugar, Besta Satânica! Não será minha afilhada que você vai conseguir!

Agitando as mãos, pronunciou algumas palavras em Nagô, enquanto uma nuvem de fumaça parecia sair do corpo da francesa.

Jeanne ficou apavorada por um breve instante e, em seguida, desmoronou.

Jorge correu.

Simone, por fim, conseguiu se mexer e também correu ao seu encontro.

Abraçaram-se, sentiram-se, beijaram-se...

— Acabou, querida — disse ele — Mãe Antônia a salvou!

Simone não conseguia falar, as lágrimas rolando por suas faces, seu corpo todo tremendo como se fosse feito de gelatina.

Jorge olhou para onde Jeanne estava e murmurou:

Mãe Antônia a salvou e... destruiu definitivamente Jeanne...

Voltou o rosto para onde vira aparecer a Mãe-de-Santo mas, ela já não estava mais ali.

No lugar onde estivera, havia apenas um ramo de rosas brancas e o anel de ferro que Jeanne sempre usara.

Com passos cautelosos, os dois caminharam até a velha bruxa.

Ela estava respirando e Simone, em um gesto involuntário se abaixou para vê-la.

— Está viva, querido — disse — Não podemos deixá-la aqui...

Jorge balançou afirmativamente a cabeça e, caminhando para o portão do cemitério, falou:

— Você não tem jeito, mesmo... Depois de tudo o que essa mulher lhe fez...Enfim... Tem razão... Mas o máximo que podemos fazer, será chamar uma ambulância.

Passando o braço por cima dos ombros de Simone, completou:

— Depois disso, não há nem por que lembrarmos do que aconteceu, Simone... Teremos a nossa vida pela frente, não é mesmo? Um futuro cheio de felicidade...

Simone fez um sinal afirmativo com a cabeça e, no instante em que se afastava com Jorge, viu a sepultura sobre a qual caíra Jeanne.

— Veja! — exclamou ela.

Jorge olhou.

Sob a cruz de ferro fundido que encimava a sepultura, havia uma inscrição...

Com a voz embargada, Jorge leu:

— Maria Antônia Cavalcante de Jesus... Mãe Antônia...

— Não consigo entender — disse o doutor Adalberto — Essa mulher está desafiando todo o meu conhecimento!

— Também o meu — afirmou o doutor Muniz — Não encontro uma explicação para o fenômeno.

Voltando-se para a freira responsável pelo Asilo São Vicente, indagou:

— Tem certeza que essa ficha não está errada? É essa mesmo a data em que ela veio para cá?

— Doutor... — respondeu a freira — Quando cheguei aqui, ela já estava neste quarto havia cinco anos... E já estou nesta casa há mais de dez...

— E sempre nesse estado? — perguntou Adalberto.

— Sempre... Não muda nunca. Nem para pior, nem para melhor... Apenas mexe os lábios e isso faz pensar que, afinal de contas, o cérebro, ainda que parcialmente, funciona. O que nós

sabemos é que ela sofreu um derrame num cemitério e ficou assim, paralisada, muda, apenas olhando o tempo e o mundo. Estável, clinicamente. Absolutamente estável.

E, em voz baixa, acrescentou:

— Até parece coisa do Demônio... Ser vítima de um acidente vascular cerebral num cemitério... E ficar sofrendo tantos anos...

Assim dizendo, a freira se persignou e se afastou com os dois médicos para continuar a visita aos outros internados.

No quarto, a velha ficou olhando para o teto, sem mover um só músculo.

Não podia se mexer, não podia falar... Seus lábios, apesar de se moverem de vez em quando, parecendo tentar articular palavras, não emitiam o menor som.

Mas ela ouvia...

E, naquele momento, estava ouvindo aquela mesma voz...

Uma voz sarcástica que lhe dizia sempre a mesma coisa:

— Aí está... Você não morreu... Não morreu... Não morreu...

OUTROS LINKS

Site Oficial de Ryoki Inoue

www.vertente.com.br/ryoki

Galeria Vertente de Arte

www.vertente.com.br/galeria

Sites e Links dos Autores

www.vertente.com.br/autores